



Lobsang Rampa

NOTA ESPECIAL.....	3
CAPÍTULO UM.....	4
CAPÍTULO DOIS	20
CAPÍTULO TRÊS.....	31
CAPÍTULO QUATRO	51
CAPÍTULO CINCO.....	64
CAPÍTULO SEIS	81
CAPÍTULO SETE	97
CAPÍTULO OITO	113
CAPÍTULO NOVE	128
CAPÍTULO DEZ.....	145
CAPÍTULO ONZE	158
CAPÍTULO DOZE	173

Sr. Frederich Kosin

NOTA ESPECIAL

Escrevem-me, dizendo: “Devia escrever mais um livro”. Escrevem-me, dos quatro cantos do mundo (e eu que pensava que a Terra fosse redonda!), dizendo: “Não pode parar agora, pois APRESENTOU mais perguntas do que deu respostas”.

Sorriso, complacente, em meu velho leito metálico de hospital — que range cada vez que mexo o meu corpo relutante. QUALQUER PESSOA, pensei, devia concordar que um inválido decrépito e velho não pode, deitado numa cama, lidar com uma máquina de escrever de 15 quilos.

O meu velho amigo de Montreal, Hy Mendelson (chefe do Simon’s Cameras), falou-me, ao telefone: “Vou mandar-lhe uma nova máquina de escrever, pesando apenas quatro quilos. É a MINHA contribuição para o novo livro”.

GOSTO de Hy Mendelson. Gostaria de tê-lo como irmão. COMO IRMÃO? Sim! Então, eu poderia dar-lhe UMA SURRA. Se aquele raio de máquina chegar, terei de começar o livro.

Ei, chegou! A máquina. Agora, tem de ser desempacotada. Agora, outra pessoa tem de fazer isso por mim. Farfarhar de papéis, comentários em voz baixa, e “ELA” é colocada sobre a cama. PUXA! Ui! Cruzes! É AMARELA, como um canário transformado em máquina de escrever, como um narciso que engoliu tinta demais. Amarela. Por que não chamá-la de “Perigo Amarelo”? Mas os tipos são bons, e é leve e cômoda.

Portanto, OBRIGADO, Irmão Mendelson, você é um bom amigo e um bom sujeito. Lá vamos nós. AGORA, é certo que tenha de começar o livro.

CAPÍTULO UM

O velho avião cinzento deslizava suavemente pelo céu de meio-dia. Anos atrás, fora um dos Reis das Viagens, ostentando uma marca realmente famosa, atravessando as linhas aéreas do mundo inteiro, cobrindo o globo onde quer que viajasse o Homem, transportando a elite do comércio, as estrelas do mundo teatral e cinematográfico. Naqueles dias, era um símbolo de prestígio voar num avião daqueles. Agora, ele estava velho e gasto, relíquia de uma era passada, ultrapassado por jatos berrantes e o desejo insano de “chegar” cada vez mais depressa para quê? O que é que as pessoas FAZEM com todo esse tempo que “poupam”?

Os velhos motores gêmeos zumbiam baixinho, um ruído bastante agradável, como o de abelhas gigantes num dia de verão. Agora, o velho avião estava num plácido vôo de rotina, de Vancouver e Calgary. Na semana passada, talvez tivesse estado a voar nos Territórios Setentrionais, onde a temperatura estava bem abaixo de zero, a neve ofuscante tornando impossível qualquer tipo de vôo que não o cego. Na próxima semana, talvez, ele levaria os pesquisadores de petróleo a alguns dos distantes areais petrolíferos — uma nação louca pelo poder, em busca de um poder cada vez maior; um mundo louco pelo poder. Mas, agora, o antigo Rei do Ar era um avião de frete, pobre carro de aluguel que vai a qualquer lugar, de acordo com os caprichos de qualquer freqüês que tenha alguns dólares sobrando.

Logo surgiram as fraldas das Montanhas Rochosas, subindo sempre, até se transformarem nos mais altos

picos daquela imensa cadeia que se estendia pelo mundo. Agora, o ar se tornava turbulento e o avião pulava e se sacudia no meio das serras cobertas de neve, pois aquela era uma região em que, nos picos mais altos, a neve nunca desaparecia.

A Srta. Taddy Rampa deu um guincho de protesto indignado, com um ar de quem está nas últimas. A Srta. Cleo Rampa engoliu em seco e assumiu o seu ar mais corajoso, exprimindo “Eu-Suporto-Issó”, arregalando seus grandes olhos azuis, enquanto olhava fixamente para a terra rochosa tão distante.

Mas, por que aquele vôo? Por que mais uma mudança? Tudo começou alguns meses antes, em Vancou- ver...

O mês de junho, em Vancouver, geralmente é bastante agradável — um mês em que a natureza começa a despertar de verdade e o tempo é bom e o mar tem um brilho alegre, as pessoas se ocupando de seus barcos. Os turistas começam a aparecer, e em geral é uma época em que todos os lojistas estão aguçando seus espíritos, na esperança de se equipararem aos turistas. Mas naquele mês de junho, naquele dia de junho, as coisas não estavam assim tão boas. Vocês não de ter tido esse tipo de dia, um desses dias em que tudo — e TUDO mesmo — sai errado. Mas vocês ainda têm sorte, pois só têm “desses dias” de vez em quando, ou, como se diz, “uma vez na vida, outra na morte”. Mas suponhamos que esse tipo de dia durasse semanas ou meses ou mesmo anos. Suponhamos que houvesse um esquema. Provavelmente, a maior parte das pessoas que estão na “atenção do público” enfrenta encrências com uns poucos imbecis que parecem existir somente para atrapalhar os outros.

Parece que os motoristas dos ônibus são sempre perseguidos por velhotes frígidos, que pensam estar sendo insultados e que vão reclamar junto à empresa, tentando fazer com que o motorista seja despedido. Os escritores também têm gente assim que os persegue e os impede de serem complacentes e satisfeitos consigo mesmos. Aquele foi um desses dias.

O mês de junho era jovem. Eu me sentia velho. De fato, estava de cama, e já havia dias. Ouvi passos firmes, de abalar o assoalho. Batidas à porta, o ranger de uma mola sem óleo.

— Dr. Rampa? — Vozes rudes, antipáticas. — A Patrulha da Fraude, da RCMP. — Passos entrando pela porta. — Onde está ele? Temos uma reclamação de Michigan.

— Ele não pode recebê-los. Está doente, de cama —

responde uma Voz.

— HAVEMOS de vê-lo. Quem é o médico dele? — é a resposta brusca.

E, assim, lá entram eles: Cabeça Chata, o mais velho; Queixudo, o mais moço.

— De que se trata? — pergunto.

— Fraude — diz Cabeça Chata. — Uma mulher de Michigan reclama que o senhor lhe provocou pensamentos de sexo e que está tentando obrigá-la a lhe mandar dinheiro.

— O senhor e o seu Companheiro de Maldade — acrescenta o Queixudo.

Perguntas, perguntas e mais perguntas, e nada de uma declaração positiva sobre qual o verdadeiro problema. Uma Solteirona, de idade “difícil”, que não conheço, e de quem não tenho notícias há 10 meses, teve seus sonhos de ópio, ao que parece. E não temos, todos? Mas NÓS não armamos encrencas para os outros, com queixas infundadas à Polícia, não é?

Eu, ter idéias de SEXO com relação a ela? Cruzes, não! Não me entrego a essas fantasias tolas, mas, ainda que o fizesse, estou distante dela cinco mil quilômetros e nunca a vi; assim, apenas essa distância deve pô-la a salvo, não?

Lesá-la monetariamente, em pensamentos? Certamente que não! NUNCA lesei NINGUÉM, por pensamentos, palavras ou obras — ou qualquer outra coisa. Nunca fiz fraudes contra ninguém, em tempo algum!

E o resultado? Depois de duas semanas de espera, escrevi à Polícia Montada:

“Oficial Encarregado,

RCMP

15 de junho, 1973

Senhor,

Às vezes, chego a pensar em renunciar publicamente à minha cidadania canadense — e em sair depressa deste país.

Por quê? A Polícia! Apoquentação!

De vez em quando, a Polícia e mulheres solteiras estúpidas e na menopausa têm uma temporada de burrice. De vez em quando, essas mulheres têm Calores e inventam que eu — um Escritor muito doente, preso ao leito — as estou violentando EM PENSAMENTOS.

Elas berram pela Polícia. Esta, estupidamente, lhes dá ouvidos. Seguem-se os inquéritos confidenciais (que me são relatados), seguidos da visita indesejável de dois policiais. E eles nunca dizem realmente o que desejam; ao contrário,

tentam apanhar-nos numa ARMADILHA! Ora, EU acho que os policiais deviam saber comportar-se.

Nos últimos anos, fui visitado seis vezes pela Polícia, inutilmente. Em Montreal, à meia-noite, dois policiais — HORRIVELMENTE agressivos apareceram e me interrogaram e à minha Esposa, da maneira mais rude possível — berrando e ameaçando.

Por fim, consegui perguntar-lhes o que queriam. Eles nem sabiam! Um telefonema à Delegacia revelou que algum cafajeste da América Central, não sabendo o meu endereço, tinha telefonado para a Polícia, a fim de descobri-lo!

Outra visita foi motivada por uma mulher, que alegava ser eu pai do seu filho. Conforme ela própria admitia, nunca estivera a menos de várias centenas de quilômetros de mim, mas garantia solenemente que eu tinha 'dado o golpe', em pensamentos.

Outra ainda, que eu não conhecia, dizia-se minha secretária; a Polícia foi saber por que eu não lhe pagava. Ela era fugitiva de um hospício americano, de modo que para lá foi recambiada.

Agora, há vários dias, dois membros de sua Patrulha da Fraude vieram procurar-me, por causa das reclamações de outra mulher frustrada. Mais uma vez, alegava-se que eu a enchia de pensamentos de sexo, quando não de outra coisa. Entreguei o assunto a um advogado americano.

Mas estou farto dos policiais a me atormentarem por causa dessas queixas estúpidas e imaginárias; assim, antes de começar a escrever artigos e um livro sobre as minhas experiências com a Polícia, resolvi enviar-lhe esta carta.

Hoje em dia, a Polícia é odiada. As pessoas não a respeitam mais. E digo isto com base em minhas experiências pessoais — EU SEI POR QUÊ! Já tive duas crises de trombose das coronárias e acho que essas visitas- policiais desnecessárias e demasiado freqüentes são prejudiciais à minha saúde.

O que se pode fazer a respeito? Queria anotar: não costume estuprar pessoas. Não as influencio pelo pensamento; não posso fazer muito mal, MESMO QUE O QUEIRA! O SENHOR poderia, se estivesse preso a uma cama ou uma cadeira de rodas, 24 horas por dia?

Acredito que seja a POLÍCIA que provoque a falta de respeito e a falta de comunicação. Não pode acorrentá-los, dizer-lhes que sou inofensivo, ou mandá-los para a Sibéria? Aí, pode ser que eu venha a gostar de UM policial — o senhor! No momento, considero que estou sendo apouquentado.

Sinceramente,

T. Lobsang Rampa.

P.S. As cartas anexas podem divertí-lo. Alguém escreve assim, a respeito da Polícia?”

Como resposta, recebi uma espécie de carta. Bom, como a maioria das cartas da Polícia, tratava-se de uma coisa burra, com o eterno “em resposta a uma reclamação recebida neste escritório, de um cidadão dos EUA, denunciando uma possível fraude, enviei um membro de meu Pessoal à sua residência...”

Uma inverdade; enviou dois.

E continuava: “Sinto que o senhor ache que a nossa visita não tenha sido necessária (blá-blá-blá). Posso assegurar-lhe que não houve intenção alguma de menosprezar o seu caráter ou sua integridade”.

Muito bem, mas quando a gente está doente — muito doente — as visitas da Polícia, que exigem entrada imediata, são muito cansativas. Qualquer idiota sabe disso.

A carta prosseguia: “Também lhe asseguro que não houve qualquer apoquentação de parte da Polícia, conforme o senhor indicou, e que o nosso funcionário comportou-se de maneira normal”.

Bom, se aquilo é maneira normal, nem quero pensar no que aconteceria, no caso de uma pessoa culpada. Mas, é isto. Assim, pelo amor de Deus, não vão à Polícia Montada, a respeito de seja lá o que for. Estou farto dos' (você sabem o quê).

Aliás, eu nunca apreciei a RCMP (Real Polícia Montada do Canadá). Há muitos e muitos anos, quando eram a Polícia Montada do Noroeste, compunham realmente uma bela organização. Mas, agora, em minha opinião, não passam de uma porção de burros de casacos vermelhos, dando passeios musicados e fazendo pose — levando toda a fama —, enquanto os policiais comuns têm de fazer todo o trabalho e ficar de lado, olhando. Hoje, porém, eles não são mais tão populares, pois tiveram muitos problemas: encrencas em Vancouver, onde foram acusados de brutalidade; e encrencas em Fort Erie, onde foram acusados de despirem as mulheres, para fazerem revistas na pele e “dentro da pele”. No momento em que escrevo, estão fazendo um inquérito a respeito. Mas isso dá o que pensar — *quis custodiet ipsos custodes?*

Entretanto, fui liberado pela Polícia. Com muita, muita relutância, escreveram-me uma carta, dizendo que eu não tinha feito nada de condenável, mas adiantaram que tinham

de “investigar por que uma americana tinha apresentado reclamações”. Por quê? Por acaso, as americanas são deusas? Pagam imposto no Canadá, auxiliando a sustentar a RCMP? Não, creio que a RCMP está é ofuscada pelas mulheres americanas.

Tudo isso teve suas repercussões, “liberadas” ou não; fez com que eu perdesse amigos. Ou — diante de sua reação — devo dizer “amigos”? De qualquer forma, houve quem achasse que eu estava sendo alvo de investigações, de modo que devia haver algo de errado. “Ah, não há fumaça sem fogo, sabe; ele deve ter feito alguma coisa”.

O pessoal do lugar e os donos das lojas começaram a me olhar de esguelha e a cochichar. Em breve, aquilo se tornou insuportável e não adiantava nada continuar assim. As pessoas cochichando, espiando por trás das cortinas, dizendo coisas por trás das mãos. E, assim, nós resolvemos mudar-nos, ir para outro lugar.

O governo da Colúmbia britânica também não ajudou. O pessoal do Imposto sobre a Renda estava atrás de mim, querendo saber por que eu queria uma verba para cadeira de rodas: será que uma pessoa fica sentada numa cadeira de rodas, o dia todo, só por gosto? E as cadeiras de rodas se estragam. Assim, os burros do Imposto sobre a Renda ouviram de mim o que não queriam, e tive de arranjar três atestados médicos — dois de Montreal e um de Vancouver —, dizendo que havia anos eu usava cadeira de rodas e que não era por prazer. Desse modo, pesando tudo, chegamos à conclusão positiva de que, quanto mais cedo saíssemos de Vancouver, melhor seria para a nossa saúde e paz de espírito. Pensamos muito e consultamos os mapas; depois, por algum motivo desconhecido, resolvemos ir para Alberta.

A julgar pelos dados que conseguimos obter, verificamos que Edmonton era muito frio e ventoso, além de insular. Lethbridge, mais próxima da fronteira americana, era uma comunidade por demais agrícola, em que a palavra “insular” provavelmente nem seria conhecida. Portanto, optamos por Calgary.

As companhias de aviação locais não ajudaram nada. Não estavam interessadas em transportar um inválido em sua cadeira de rodas e mais dois gatos siameses. Portanto, estudamos a fundo o assunto, calculamos custos e passagens, pensamos se deveríamos arranjar uma ambulância para me levar de Vancouver a Calgary e, por fim, com o auxílio de um amigo, conseguimos entrar em contato com uma boa companhia de fretes aéreos, onde logramos

combinar um preço bastante razoável para a viagem, bem próximo do que teria custado um transporte em ambulância.

Chegou o Grande Dia e afinal terminou o nosso contrato de locação. Embarquei numa coisa parecida com uma camioneta, provida de uma rampa pela qual empurraram a cadeira de rodas para uma espécie de caminhão ou ônibus vazio. Ali, a cadeira é bem presa ao chão, a rampa é recolhida na parte traseira e os amigos ou parentes da vítima tomam um táxi e a cavalgada se põe em movimento. Atravessamos a cidade, rumo ao aeroporto de Vancouver. Lá, encontramos o nosso primeiro obstáculo.

Ficara combinado que um guindaste me levantaria, junto com a cadeira de rodas de motor elétrico, para dentro do velho avião. Pois bem: o guindaste não estava lá, e nem havia nenhum naquela parte do aeroporto! Fiquei ali, sentado, dentro do furgão. Afinal, farto de tudo aquilo, e aproveitando um momento em que as pessoas estavam atarantadas, discutindo sobre como haviam de colocar-me dentro do avião, dirigi minha cadeira de rodas para o pé da escadinha que levava ao corpo da aeronave. Ali, consegui içar-me para dentro do avião, só pela força de meus braços. Minhas pernas não valem grande coisa, mas meus braços ainda serviam para atirar um homem pesado por cima dos ombros — provavelmente, teria um ataque cardíaco, mas valeria a pena!

Assim, consegui subir para aquele avião velho e, com o auxílio de muletas, chegar a um assento lateral. Ai, diversos homens levantaram a cadeira e a puseram a bordo; os outros do grupinho também embarcaram, trazendo a bagagem. O avião roncou um bocado e afinal conseguimos ser liberados pelo aeroporto e corremos pela pista, alçando vôo. E esses aviões velhos parecem saltar para o ar.

Demos uma volta ascendente sobre a baía e depois viramos 300 graus, na direção das Montanhas Rochosas.

As montanhas estavam lindas. Cleo estava fascinada, olhando em volta. Taddy se mostrava apavorada, imaginando que, se houvesse mais solavancos, poderia perder o almoço, o que era sempre a sua preocupação primordial. E não é assim tão fácil uma Gata não tão jovem se acostumar ao movimento do avião, quando este salta e pula pelo céu afora.

O tempo custou a passar. Parece sempre uma perda de tempo ficar sentado num avião sem fazer nada, a não ser olhar para fora, sempre embaixo de nós as rochas cruéis e pontudas, com seus altos picos cobertos de neve, e mais abaixo os seus flancos do azul-vívido das águas profundas.

De vez em quando, avistava-se uma pequena comunidade agrícola, dotada de uma minúscula pista de aviação, ou hidraviões decolando dos lagos das montanhas, onde não se podiam usar pistas.

Acendeu-se a luz, iluminando o aviso “Ajustar cintos — Não fumar”. Bom, fumar não se aplicava a nós, mas ajustamos nossos cintos e agarramos os gatos, colocando-os nas cestas, por medida de segurança.

O avião desceu, passou por uma camada de nuvens e depois saímos nas colinas, do outro lado das Montanhas Rochosas. Embaixo de nós estava o hospital Foothills, no qual um ano depois eu me internaria. À nossa esquerda, estava a grande Universidade de Calgary. O avião descia cada vez mais. Olhamos interessados para a cidade que deveria tornar-se o nosso novo lar; vimos a Torre de Calgary, os arranha-céus do centro da cidade e o rio sinuoso. Ou talvez fossem rios — o Bow e Elbow — que serpeavam num labirinto pela cidade, descendo as montanhas e seguindo para Lethbridge — rios de tal modo obstruídos pelo aluvião que não podiam ser utilizados pelos barcos de passeio, por causa dos redemoinhos, dos bancos de areia... e porque a Polícia não queria que fossem utilizados!

Embaixo de nós, surgiu o aeroporto. O piloto bateu a cabeça, satisfeito, e o avião inclinou-se mais ainda. Ouvimos o ronco das rodas encontrando a pista e acelerando. Logo, a cauda desceu e rodamos suavemente para a área da companhia de frete.

Ali, a situação era diferente. Estava tudo preparado. Assim que o avião parou diante dos escritórios, um senhor idoso levou um caminhão com guindaste até o lado do velho avião e o piloto e co-piloto me agarraram e à minha cadeira de rodas com bastante força, como se temessem que eu pudesse fugir, cair ou coisa parecida. Mas estou acostumado a lidar com a cadeira de rodas e logo saí pela porta do avião, diretamente para a plataforma do guindaste. Mesmo ali, porém, me prenderam; o piloto e co-piloto ficaram me segurando e agarrando os lados do guindaste, enquanto nos desciam suavemente para o chão.

O problema do pagamento. Ah! É sempre preciso pagar por nossos passeios, não é mesmo? E assim foi. Tão logo pagamos a nossa viagem, outro furgão deu marcha à ré e parou na minha frente. Baixaram a rampa, com uma barulhada medonha, e conduzi a minha cadeira de rodas para dentro do veículo. E então começou a chuarada! Naquele momento, e durante o resto daquele dia, choveu

mais do que em qualquer outra oportunidade, em Calgary. Tivemos uma acolhida molhada.

Mais uma vez a minha cadeira de rodas foi bem presa ao chão. Toda a nossa bagagem foi amontoada ali e depois saímos pela estrada do aeroporto, atravessando a ponte sobre o rio e entrando na própria cidade de Calgary. A essa altura, o tráfego se tornara mais intenso e a chuva estava mais forte do que nunca. Afinal, chegamos ao nosso destino e um grupo de pessoas saiu correndo, agarrou a nossa bagagem e entrou correndo no abrigo do prédio. Devagar, o motorista soltou a cadeira e desci a rampa, entrando também no prédio. Nossa primeira visão de Calgary foi bem molhada.

Calgary é uma cidade simpática, jovem, que ainda não se tornou cínica e indiferente. Depois de um ano passado em Calgary, posso dizer — sim, é um belo lugar para as pessoas que podem se locomover livremente, mas tem suas desvantagens: as calçadas são muito altas, não se prestando para quem anda de cadeira de rodas; e as ruas têm uma inclinação muito grande, de modo que a cadeira de rodas tende a correr para a sarjeta, a toda hora. Se ao menos o prefeito do lugar pudesse sofrer um acidente e ficar confinado a uma cadeira de rodas por alguns meses, em breve veríamos algumas modificações. Ora, não seria uma boa coisa para quem anda de cadeira de rodas? Podiam até ter motivos de abençoar o prefeito e seu acidente. Por enquanto, isso ainda não aconteceu! Mas o meu editor na Inglaterra quer um livro em que eu responda a perguntas das pessoas. Não é provável que ele queira saber dos meus problemas e lutas na vida. Ele me escreveu dizendo que o meu livro deveria limitar-se a responder a todas as perguntas que os Leitores me fazem. Assim, vamos começar o próximo capítulo respondendo a algumas perguntas, está bem? Receio que a primeira pergunta seja uma cuja resposta eu não tenho vontade de dar, fazendo-o apenas diante das pressões que me têm feito. É sobre a Terra oca.

Mas, primeiro — antes que todos vocês comecem a me escrever a respeito de *quis custodiei ipsos custodes* —, quero dizer o que penso a respeito das drogas de policiais que ESTRAGAM a nossa civilização. Prontos? Então, lá vai...

“Quem guarda os guardas?” Quem policia a Polícia? “O poder absoluto corrompe”. Mas a Polícia agora não tem “poder absoluto”? E é corrupta?

A Lei declara que uma pessoa é considerada inocente até ser *•provada* sua culpa; a Polícia automaticamente considera todo mundo CULPADO!

Uma pessoa tem o direito de enfrentar o seu acusador, e no entanto a Polícia nem conta às pessoas de que são acusadas, até que, por artifícios, forcem-nas a confessar *alguma coisa*.

Em minha opinião pessoal, a Polícia ignora a situação real; ninguém gosta dos policiais — eles vivem isolados em seus quartéis ou em seus grupos isolados, afastados daqueles que deviam conhecer. Não há substituto para o antiquado guarda de ronda.

Um velho policial irlandês, muito meu amigo, fez a sua ronda durante anos, antes de se reformar. CONHECIA todos em sua zona e podia evitar encrencas antes de se tornarem graves. Era um conselheiro de família gratuito, dando sugestões, avisos amigos e somente “internando” um delinqüente quando isso se tornava realmente essencial. Tinha — e conserva — o respeito e afeto de toda a comunidade.

O policial à moda antiga era bem-vindo nas casas sob sua ronda. Hoje, os guardas ficam fechados em seus carros e perdem o contato com as pessoas.

Atualmente, a Polícia divide o mundo em duas classes, os “bonzinhos” e os “mauzinhos”, sendo que a Polícia é sempre a “boazinha”.

Há alguns anos, os policiais eram educados, tinham consideração e procuravam ajudar. Então, um guarda fazendo uma investigação diria: “Ah, Sra. Blank, eu poderia falar com o Patrão? Ouvi dizer que ele anda muito amigo da garrafa. Está dormindo para curar a ressaca, é? Então, passo por aqui mais tarde.”

Hoje, a Polícia anda aos pares, como se tivesse medo de andar sozinha. Agora, vão invadindo os lugares sem qualquer consideração pelas circunstâncias. “RCMP”, resmungam eles, mostrando um distintivo e entrando sem serem convidados.

“Uma pessoa é considerada inocente até ser provada sua culpa.” Mas a Polícia trata a todos como se fossem culpados, simplesmente por terem atraído a sua atenção! Naturalmente, se se vê um homem matar outro, é natural que a Polícia “entre atirando”. Mas, certamente, em assuntos de investigação rotineira a Polícia deveria mostrar tato, não? Se um inválido estiver no banheiro, ou em tratamento, a Polícia é obrigada a forçar a sua entrada nada bem-vinda? E é o que FAZEM — sabemos disso por experiência pessoal!

A Polícia hoje é detestada, isolada, vive num sonho de fardas coloridas, esterco de cavalo e pés barulhentos. Está na

hora de reorganizá-la, mostrar-lhe que não é a Eleita de Deus, e sim SERVIDORA do público.

Ensinem-se à Polícia cortesia, educação e modos; a técnica de perseguir (e capturar) criminosos, deixando em paz os cidadãos decentes e respeitadores da lei. Só assim ela poderá reconquistar o respeito que certamente lhe falta agora.

E a pior, em minha opinião, é a RCMP, com sua pose arrogante. Como muitos outros, tendo sido apoquentado insensatamente pela Polícia, eu digo: “Ajudar à Polícia? Não, senhor! Eu não faria NADA para ajudá-la — ela se VIRA contra nós!” E VIROU mesmo!

CAPÍTULO DOIS

O Sr. ... não, talvez seja melhor não dar o seu nome. Direi apenas que um “cavalheiro” escreveu-me, dizendo: “Li alguns anúncios de seus romances, garantindo que o senhor responde a qualquer pergunta sobre qualquer assunto, gratuitamente. Muito bem, para mim está ótimo. Já paguei centenas de dólares a pessoas que anunciavam responder a perguntas, mas elas nunca me deram uma resposta satisfatória. O senhor, no entanto, está pedindo que as pessoas lhe escrevam, de modo que não tenho nada a perder.”

Bom, pensei comigo mesmo, esse pobre coitado comete muitos erros, não é? Em primeiro lugar, nunca escrevi um romance em minha vida. Um romance é obra de ficção. Só escrevo a verdade, nada senão a verdade. Depois, ele diz que anuncio responder a qualquer pergunta sobre qualquer assunto, gratuitamente. Bom, isso é novidade para mim. Pensei que eu fizesse tudo para desencorajar as pessoas de escreverem cartas à toa, e nunca em minha vida disse que responderia a qualquer pergunta sobre qualquer assunto, gratuitamente ou não. Conheço os meus assuntos e orgulho-me de conhecê-los bastante bem, podendo responder a perguntas sobre eles. Infelizmente — como nesse caso determinado —, as pessoas me escrevem pensando que fico encantado em pagar as despesas de datilografia, selos, papel e tudo o mais. Nunca pensam em reembolsar-me por essas despesas. Pode-se quase chamá-las de exploradoras!

Sim, mas é bem verdade que existem certas pessoas — falsos videntes — que apregoam serem capazes de, por alguns dólares ou algumas centenas deles, responder a quaisquer perguntas. Uma pena que eu não faça coisa

parecida, pois poderia deduzir o volume das perguntas imbecis. Mas como este homem faz perguntas sobre um assunto que estará muito em evidência no futuro próximo, pode valer a pena investigar o assunto. Ora, o que ele diz — em resumo, claro, pois a sua carta não é uma obra literária; ao contrário, escreve como se nunca tivesse estudado — é o seguinte: “Uma porção de gente diz que pode existir um mundo dentro deste mundo. O mundo pode ser oco. O que o senhor tem a dizer a respeito? Diz que sabe muita coisa sobre a religião. Como é que nunca mencionou uma coisa dessas? Como é que nenhum livro religioso menciona uma coisa dessas?”

Bom, ele está bem enganado nesse ponto, porque a religião ou crença sobre a qual estou mais bem informado (o Budismo) refere-se, de fato, a um Mundo Interior. Existe uma palavra especial para isso. Chama-se “Agharta”. É uma palavra muito usada nas Escrituras Budistas, e, realmente, nas tradições tibetanas, fala-se muito de Shamballa, onde mora o Rei de todo o mundo, o Rei que está oculto dos milhões na face da Terra.

Os tibetanos crêem firmemente no Rei do mundo vivendo dentro do mundo — não como uma espécie de demônio, mas como um Rei extremamente bondoso, um bom governante espiritual, que está vivo em dois planos ao mesmo tempo: o plano físico, em que vive para todo o sempre, e o espiritual ou astral, onde ele igualmente vive para todo o sempre.

Os tibetanos acreditam que o Rei do mundo deu as suas primeiras instruções ao primeiro Dalai-lama e este era, de fato, o representante no mundo exterior do Rei do mundo interior.

Certamente, existem túneis no Tibete que penetram cada vez mais fundo e há muitas lendas a respeito de pessoas estranhas que entram por esses túneis e conversam com os lamas de alto grau. Conforme já escrevi em alguns de meus livros, estive em alguns desses túneis, como já estive em alguns dos túneis de Ultima Thule. Existem certos lugares na Terra cujo centro pode ser alcançado por Iniciados, que ficam assim conhecendo os representantes daquela civilização interior. E entre muitas pessoas existe um conhecimento positivo de que criaturas do mundo interior saem para conversar com aquelas da superfície. Na verdade, claro, alguns dos Objetos Voadores Não

Identificados vêm desse mundo interior.

Portanto, existem túneis do Tibete para o mundo interior e túneis do Brasil para o mundo interior. O Brasil e o Tibete são duas regiões de importância vital do mundo exterior, que apresentam uma atração especial para o Povo Interior.

É uma grande pena existirem tantas crendices e superstições que nunca foram devidamente investigadas, pois é coisa sabida por alguns poucos “sensitivos” que existe um túnel sob as Grandes Pirâmides. Ora, por Pirâmide não me refiro exclusivamente às Pirâmides do Egito; existem muitas outras. Todas essas Pirâmides eram antigamente faróis, enviando mensagens aos Jardineiros da Terra e seus representantes, que atravessam o espaço em suas naves espaciais. Existem Pirâmides no Egito e em certas partes da América do Sul e também as há muito importantes no Deserto de Gobi, mas este, sendo controlado hoje pela China Comunista, não é tão conhecido pelo mundo exterior. Todas essas Pirâmides são ligadas ao mundo interior e, nos tempos dos faraós, muitos dos ritos mágicos do Egito eram realizados pelas pessoas que vinham desse seu mundo interior especificamente para essa finalidade.

Mas voltando novamente ao fundamental, segundo os livros religiosos budistas, houve grandes convulsões na Terra e os climas dos países mudaram repetidamente; ao mudarem, as tribos de pessoas eram impelidas das zonas frias para as mais quentes e, numa dessas migrações — há uns 25 mil anos —, uma tribo surgiu no que agora se chamaria de Pólo Norte. Seus componentes continuaram a caminhar e, por fim, descobriram que tinham o Sol sempre à frente, nunca atrás, jamais nascendo ou se pondo. Com o passar do tempo, descobriram que estavam dentro da Terra e que ela era oca. E ali se instalaram. Também se pensa — eu devia pôr isso entre aspas! — que todos os ciganos vieram de dentro da Terra.

Já ouvi muita gente falando sobre uma Terra oca, e quem se opõe à teoria sempre diz: “Bom, se existe uma Terra oca, como é que as linhas aéreas que voam sobre o Pólo Norte não vêem a abertura? Os aviões comerciais hoje em dia voam sobre o Pólo Norte — talvez sobre o Pólo Sul também — e, se houvesse uma grande abertura na Terra, obviamente os pilotos a veriam.”

Isso não é verdade. As linhas aéreas comerciais não

sobrevoam o Pólo Norte, nem o Pólo Sul; voam a uma grande distância, pela simples razão de que, se realmente voassem sobre os Pólos, isso interferiria muito seriamente, com seus instrumentos de navegação. Assim, os vôos comerciais são sempre planejados de modo que os lendários Pólos Norte ou Sul sejam deixados a muitos e muitos quilômetros de distância, com isso também se evitando a interferência com a bússola.

E há ainda outros que dizem: “Bom, e todos esses exploradores que foram ao Pólo Norte ou ao Pólo Sul? Se houvesse um buraco na Terra, eles o teriam encontrado.” Mais uma vez, não, não é verdade; ninguém esteve no Pólo Norte, ninguém esteve no Pólo Sul. Temos os relatos de pessoas que chegaram perto desse ou daquele Pólo e que continuaram por muitos quilômetros; em outras palavras, ficaram mais ou menos perdidas. A História antiga, e a moderna também, nos ensina que muitas vezes os marinheiros descobrem destroços flutuando, vindo do lado dos Pólos (uso a palavra “Pólos” apenas para tornar a locação óbvia). Também há animais ou pássaros que flutuam. Ora, todo mundo sabe que não existem pássaros nem insetos que voem no Pólo Norte ou no Pólo Sul, que não existem folhas verdes que flutuem; logo, de onde vêm? De dentro da Terra, é claro.

Acredito no seguinte: suponhamos que tivéssemos um veículo e pudéssemos viajar daqui — onde quer que você esteja no momento é “aqui” — ao Pólo Norte; você havia de continuar toda a vida e alcançaria o que acreditaria ser o lugar do Pólo Norte; depois, continuaria e afinal acabaria com um Sol diferente sobre você. O Sol sendo uma coisa atômica que naturalmente ocorre não apenas no centro deste mundo, mas em muitos outros também. Os astrônomos descobriram que na Lua, por exemplo, há luzes estranhas, vistas de vez em quando nos Pólos. Você poderia dizer: “Ah, sim, mas os homens estiveram na Lua.” Claro que sim; mas estiveram num local muito limitado — um ponto, um círculo de um raio de uns oito quilômetros. Ah, não, não exploraram a Lua, nem exploraram esta Terra. Ainda existe muita coisa desta Terra que falta ser explorada.

Se estiverem interessados e forem à biblioteca pública, tenho certeza de que encontrarão muitos livros que falam de uma Terra interior e histórias de pessoas que se perderam e que navegaram para um mundo estranho, acabando por se

encontrarem logo dentro do mundo interior. Melhor do que a biblioteca: comprem alguns livros em alguma boa livraria.

Já me pediram para explicar qual o aspecto que poderia ter um mundo desses, como pode haver um mundo oco. O melhor meio que tenho para explicar é o seguinte:

Imagine que tenha um coco. O lado externo do coco é a Terra exterior. E lembre-se de que, se suas mãos estiverem quentes, a umidade que você depositou do lado de fora do coco, apenas ao tocá-lo, é igual, em profundidade, ao mar mais profundo, nesta Terra de tamanho total. Vale a pena lembrar dessa noção.

De qualquer forma, aí está o seu coco e você está olhando para o seu lado externo. Isso representa a nossa Terra convencional. Agora, faça um buraco na parte conhecida como “olho” e outro na parte oposta. Pode compará-los ao Pólo Norte e Pólo Sul. O buraco deve ter uns dois centímetros, e todo o leite deve ser posto fora. Aí, você terá a casca externa dura, que é a crosta da Terra, e dentro a polpa branca do coco, que representa a superfície do mundo interior. Bem no meio do coco, você terá de fixar, de algum modo, uma lâmpada elétrica para representar o Sol interior, sempre ardente.

Agora, a casca dura — que é a crosta — e o lado interno mais macio — que fornece a superfície para os do mundo interno — também fornecem a fonte de gravidade que mantém as pessoas com os pés para baixo na superfície exterior e também na superfície interior. Não há nenhuma prova de que a superfície interna da Terra seja de gás liquefeito ou ferro fundido ou rochas fundidas ou qualquer outra coisa fundida. Isso é apenas uma suposição dos “cientistas”, que já fizeram muitas outras suposições falsas, como quando disseram que, se o homem viajasse a mais de 50 quilômetros por hora, seus pulmões estourariam, devido à pressão do ar. E como quando disseram que seria impossível a qualquer aeronave descer na Lua, porque haveria de afundar diretamente no pó impalpável. Ah, não, os cientistas não passam de adivinhos com instrução superior. Muitas vezes, são piores adivinhos do que gente sem instrução universitária, porque os cientistas aprendem que, se esta ou aquela pessoa diz que uma coisa é impossível, então ela é realmente impossível; assim, em vez de aprenderem a pensar, aprendem apenas a achar que o Autor fulano de tal é infalível e que, se ele diz que uma coisa é impossível, então

realmente ela o é.

Acredito que as criaturas de dentro da Terra são pessoas muito, muito evoluídas mesmo, remanescentes da Lemúria, Mu, Atlantis e muitas civilizações ainda mais antigas. A Terra foi devastada por cataclismos, tempestades, meteoritos e tudo o mais, e muitas vezes as pessoas da superfície foram dizimadas; no entanto, lá dentro a vida continua serenamente, não perturbada pelas coisas que acontecem do lado de fora e, assim, a espiritualidade e o conhecimento científico têm progredido.

Vocês podem não saber, mas os chilenos, que têm grande interesse pelas regiões do Pólo Sul, já fotografaram Objetos Voadores Não Identificados surgindo daquele território. Fotos muito interessantes foram tiradas por uma equipe de geofísicos chilenos. Infelizmente, sob uma pressão considerável, essas fotos foram entregues às autoridades dos EUA — e nunca mais se ouviu falar delas.

Os Objetos Voadores Não Identificados são de vários tipos, mas há um deles que vem de dentro da Terra. O aparecimento desses objetos atualmente se deve ao fato de o Povo Interior estar muito preocupado com as explosões atômicas que se realizam na parte externa da Terra. Afinal de contas, se houver uma explosão muito grande, talvez a crosta da Terra rache ainda mais do que já está, e toda a Terra perecerá. É por isso que o Povo Interior se preocupa tanto — porque está tentando controlar a pesquisa atômica neste mundo.

Já estudaram de fato as viagens dos exploradores que dizem ter ido ao Pólo Norte ou ao Pólo Sul? Sem exceção, relatam ter verificado que a temperatura subia à medida que se dirigiam para o norte, bem como ter encontrado mais mares abertos do que esperavam, além de muitas outras coisas completamente diferentes da teoria existente sobre o Pólo Norte ou o Pólo Sul, segundo a qual tudo ficava mais frio à medida que a pessoa se aproximava dessas regiões. Na verdade, os Pólos não existem, a não ser como algum símbolo místico no ar, talvez no centro da abertura que leva ao centro da Terra.

A aurora boreal poderia facilmente ser o reflexo do Sol interior, quando as circunstâncias fossem favoráveis, ou poderia até ser radiações da vida nuclear dentro do seu mundo.

Mas é natural que alguém diga que tudo isso é

impossível, que não há buraco algum que leva ao centro da Terra, que a idéia é absurda, ridícula. Se houvesse um grande orifício no Pólo Norte e outro no Pólo Sul, então obviamente os pilotos aviadores os teriam visto, os astronautas também; de fato, quem olhasse poderia ver através da Terra, assim como a gente vê a luz do dia pela extremidade oposta de um ovo furado. Não, dirão certamente, este autor acabou ficando completamente doido... se é que já não ficou há muitos anos.

Essa atitude é muito errada, sabe? Mostra que a pessoa não conhece os fatos. Quantos de vocês já estiveram no Pólo Norte? Quantos estiveram no Pólo Sul? Quantos conhecem as condições climáticas de lá? A cobertura de nuvens, por exemplo? A visibilidade? Não, Leitor Crítico, ainda não fiquei doido — você é que ficou, se acha que tudo isso é impossível; nesse caso, não só está doido, mas na reta final, o que é bem pior.

Reflitam que, em zonas bem povoadas, grandes cavernas permaneceram escondidas durante centenas ou milhares de anos. Vejam a caverna em que foram encontrados os Pergaminhos do Mar Morto — só foi encontrada por acaso.

Vejam o Canadá. Há grandes zonas de Quebec que ainda não foram exploradas. Suponhamos que um avião sobrevoasse certas dessas regiões em Quebec, cobertas de gelo a maior parte do ano. Então, as fotos poderiam mostrar reflexos, exatamente como mostrariam reflexos de neve e gelo. Ou poderiam mostrar manchas escuras, exatamente como mostrariam manchas escuras de neve e gelo. O gelo pode ser de cores diferentes, sabe? Não é sempre branco e metálico, como o que a gente põe nas árvores de Natal. Pode-se ter até neve vermelha, em certas regiões; sei disso, porque já o vi. A questão é que uma foto tirada sobre um local próximo do Pólo Norte ou do Pólo Sul pode mostrar sombras estranhas, mas, se as pessoas não têm motivos para investigar essas sombras, então não irão lá para sondar, não é? É preciso muito dinheiro para organizar uma expedição ao mítico Pólo Norte e ao igualmente mítico Pólo Sul. É preciso muito dinheiro, uma raça de homens especial, uma grande quantidade de provisões de reserva e um bom saldo bancário para pagar o seguro!

Mas, voltando ao Canadá, há muitas e muitas zonas nos Territórios Setentrionais que ainda não foram

exploradas. Há algumas regiões que nunca foram sequer avistadas pelos seres humanos. Como é que se pode saber se existem buracos nesses Territórios Setentrionais, se ninguém nunca esteve lá? É burrice dizer que essas coisas são impossíveis, quando não se sabe de todos os fatos, quando não se é especialista em fotografia, ou em geologia.

Pensem nos astronautas ou cosmonautas, seja qual for o termo atual para eles; pois bem, quando estão decolando, e se encontram razoavelmente perto da Terra, supostamente têm mais o que fazer do que procurar um buraco no lugar onde deve estar o Pólo Norte ou o Pólo Sul. Além disso, nas regiões polares a visibilidade muitas vezes é bastante precária, devido a nevoeiro, tempestades de neve, reflexos perturbadores da neve, gelo e água. Vale também notar que, quando os astronautas estão em órbita, têm tarefas específicas a fazer, como espiar os russos e, mais ainda, os chineses. Existirão sombras reveladoras, indicando terem sido construídos silos que podem ser o ponto de partida de mísseis balísticos intercontinentais? Nesse caso, em que direção estão inclinados os silos? Sabendo dessas coisas é que os americanos podem dizer se os donos da guerra, em Pequim, estão com os foguetes assestados para Nova York, Los Angeles ou algum outro lugar. Têm de levar em conta o grau de inclinação e a rotação da Terra, para poderem prever com precisão de quilômetros o alvo dos mísseis intercontinentais. Os americanos estão muito mais interessados em saber o que estão fazendo russos, poloneses, tchecos e chineses do que em descobrir alguma coisa sobre um buraco na Terra. Alguns desses americanos, por exemplo, estariam mais interessados em verificar um buraco na cabeça do que um buraco na Terra!

Portanto, podem estar certos de que, a não ser em condições e circunstâncias muito especiais, essas determinadas aberturas na Terra não seriam fotografadas, e quanto a pensar que a pessoa poderia espiar por um lado e ver até o outro, como através de um túnel de estrada de ferro — bom, essa idéia é maluca. Não seria possível. Pensem num túnel de estrada de ferro completamente reto. Espia-se por um lado e, se se tiver muito cuidado, possivelmente se verá um pontinho de luz do outro lado — e esse túnel pode não medir nem um quilômetro. Se estivéssemos espiando por um buraco na Terra, teríamos de olhar para algo com quase 13 mil quilômetros de comprimento. Isto é, o túnel pelo qual

estariamos espiando (através da Terra) seria tão comprido que não veríamos luz alguma do outro lado. Não apenas isso; ainda que tivéssemos uma visão tão boa a ponto de podermos ver em toda a extensão e distinguir um buraquinho, ainda assim estariamos olhando para o escuro, pois, a não ser que o Sol estivesse do outro lado, não se teria um reflexo de luz, não é?

Se pretendem negar a POSSIBILIDADE de existir uma Terra oca, então se encontram no mesrrió caso das pessoas que pensam que a Terra é plana! Por falar nisso, eu gostaria de saber como é que a “Sociedade da Terra Plana”, em Londres, explica hoje algumas das fotos dos astronautas. Ao que eu saiba, ainda existe na Inglaterra uma sociedade que jura, sobre uma pilha de revistas em quadrinhos (devem ser quadrinhos!), que o mundo é plano e que todas as fotos são forjadas. Li alguma coisa sobre isso e ri muito; gostaria apenas de me lembrar onde foi que li o artigo. De qualquer forma, se não tem certeza, por que não manter o espírito alerta, para não se surpreender quando surgirem as provas?

Há outra coisa a se considerar: os governos do mundo ou, antes, os governos das superpotências estão quase se matando para abafar tudo o que se refere aos Objetos Voadores Não Identificados. Por quê? Há milhões de pessoas que já viram esses objetos. Ontem mesmo eu estava lendo um artigo em que se dizia que as estatísticas provam haver 15 milhões de americanos que já os viram. Assim, se 15 milhões num país já os viram, então é certo que deve existir algo semelhante a Objetos Voadores Não Identificados. A Argentina, o Chile e outros países sensatos admitem a existência dessas objetos. Não compreendem forçosamente o que sejam, nem por que existam, mas os admitem, e isso já é um grande passo à frente.

Os governos abafam e escondem toda a verdade sobre os Objetos Voadores Não Identificados; ora, supondo que o Governo americano, por exemplo, tivesse fotos desses objetos, chegando ou partindo da Terra; supondo que tivesse provas positivas de que a Terra é oca e que dentro dela existe uma adiantada civilização; então, sem dúvida, tentaria ocultar o conhecimento da verdade, ou o povo começaria a entrar em pânico, a saquear, a cometer suicídio e a fazer todas as coisas estranhas que fazem os seres humanos quando entram em pânico. Basta lembrar de *A Invasão dos Marcianos*, produção de Orson Welles para a TV, há alguns

anos, ocasião em que os americanos entraram realmente em pânico, apesar de serem informados pelos locutores de que se tratava apenas de uma peça.

Assim, os governos escondem a verdade porque temem o pânico. Mas talvez, num futuro não muito distante, tenham que admiti-la, isto é, reconhecer que existe uma Terra oca, cujo interior é habitado por uma raça altamente inteligente, e que um tipo de Objetos Voadores Não Identificados vem de dentro dela. Lembrem-se: existe mais de um tipo de Objetos Voadores Não Identificados. Um deles vem do “espaço exterior”; outro, do “espaço interior”, isto é, o lado interno da Terra.

Mas, por outro lado, supondo que digam: “Continuo a afirmar que o sujeito está maluco, pois não haveria lugar para uma civilização, dentro da Terra.” Bom, senhor, ou senhora, conforme o caso, isso quer dizer que VOCÊ não fez os seus deveres de casa. Vamos considerar algumas cifras. Não vou citar cifras exatas, pois alguém certamente dirá: “Vejam só, agora sabemos que ele é um impostor; diz que o diâmetro do mundo é 15 centímetros menor do que o real!” Ah, sim, Amigo Leitor, as pessoas realmente escrevem dizendo essas coisas, e se consideram muito espertas. Mas, de qualquer forma, vejamos umas cifras gerais.

O diâmetro da Terra é de mais ou menos 12.757 km (equatorial). Ora, supondo que digamos (temos de ter algumas cifras, não é?) que a espessura da crosta da Terra, no seu próprio lado, e a espessura do lado do “solo” da Terra interior meçam, cada uma, 1.280 km. Bom, juntando-se as duas, obtêm-se 2.560 km; subtraindo-se isso de 12.757 km, obtêm-se 10.197 km. Podemos então dizer que este é, muito aproximadamente, o diâmetro do mundo dentro deste mundo.

Isso significa que o mundo interior é (ainda aproximadamente) 2,9 vezes maior do que a Lua. Assim, se de algum modo se pudesse colocar a Lua dentro da Terra, a coitada havia de ficar chocalhando dentro dela, como um grão dentro de um apito de juiz. O diâmetro da Lua, lembrem-se, é de aproximadamente 3.240 km e o diâmetro calculado do mundo dentro deste mundo é, como resolvemos, de 10.197 km. Agora, então, façam VOCÊS as contas, para variar. Estou certo, não?

Outro ponto de interesse é o seguinte: somente um oitavo da superfície do mundo é constituído de terra; os

restantes sete oitavos são representados por água — mares, oceanos, lagos e tudo o mais. Desse modo, conclui-se que facilmente poderia haver mais terra DENTRO do mundo do que fora dele; e havendo mais terra dentro, então poderia haver mais gente também. A menos que, tomando a “Pílula” com regularidade, se tenham dedicado à qualidade, em detrimento da quantidade.

Acredito em tudo isso, sabe? Há anos que acredito. E estudei o assunto muito detalhadamente. Li tudo o que pude sobre isso, e se fizerem o mesmo sem dúvida chegarão à mesma conclusão que eu, isto é, que existe outro mundo dentro desta nossa Terra, que ele é 2,9 vezes maior do que a Lua e que é povoado por uma raça muito inteligente.

Outra coisa de interesse é a seguinte: vejam todos os exploradores que estiveram “no Pólo”. Nenhum deles jamais PROVOU ter estado lá. Pensem no Almirante Peary, em Wilkinson, Amundsen, Shackleton, Scott etc.

Nenhum desses homens, que teoricamente foram até lá — seja por terra, mar ou ar —, jamais provou, com demonstrações verdadeiras, que tivesse chegado ao Pólo propriamente dito. Acredito que não pudessem porque “o Pólo” é uma zona remota em algum lugar acima da superfície e, conforme foi provado, sua localização varia bastante.

E é isso. Se estiverem interessados, não me venham escrever a respeito, pois já disse tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. Ah, sim, sei muito mais do que isso, sei muito mais do que escrevi; mas basta irem a uma boa livraria e COMPRAREM alguns livros sobre a Terra oca. É mais generoso, para com o autor, comprar o livro do que lê-lo na biblioteca pública, pois o coitado do escritor tem de viver e não consegue fazê-lo quando as pessoas só lêem tudo de graça. Ele depende de seus direitos autorais. Afinal de contas, se vale a pena ler, também vale a pena pagar por isso.

CAPÍTULO TRÊS

Estava frio, em Calgary. A neve espalhava-se sobre a linha da estrada de ferro e cobria o rio gelado. O frio era terrível, um frio que parecia penetrar por toda parte, intensificar o som nas ruas geladas. Os motoristas continuavam a dirigir por ali, aparentemente sem preocupações. Disseram-nos que Calgary possui duas peculiaridades notáveis: a primeira, de que tem mais carros *per capita* — por que não dizer “por pessoa”? — do que qualquer outro lugar do continente norte-americano. A segunda peculiaridade famosa — se é que isso é fama — é que os motoristas de Calgary são mais perigosos do que quaisquer outros motoristas no continente norte-americano. As pessoas correm como se não tivessem qualquer preocupação na vida. Depois, supõe-se, despertam no Céu ou no Outro Lugar e verificam que têm sim, que têm uma carga de carma das pessoas que mataram no desastre!

Mas o frio naquele dia estava uma coisa fantástica. Então, surgiu no céu uma estranha faixa de nuvens, ou melhor, de nuvens e luz misturadas, e o ar logo se tornou mais quente, como se alguém “Lá Em Cima”, com pena dos pobres mortais de Calgary, tivesse acendido um aquecedor elétrico muito eficiente.

De repente o ar se tornou mais quente. A neve durinha ficou encharcada e a água corria de cima dos telhados. Tinham chegado os ventos *Chinook*: a maior bênção de Calgary, formação meteorológica especial, que de repente traz uma porção de ar quente (bom, vejam o Governo deles!) de Vancouver, transformando um dia gélido num dia ameno.

A neve logo se derreteu. Os ventos *Chinook* continuaram durante a tarde e à noite, e no dia seguinte não havia

mais traços de neve em Calgary.

Mas as cartas não esperam o calor; chegam o tempo todo, como contas e exigências do Imposto sobre a Renda. Não esperam por ninguém, nem por nada. Aqui temos uma carta berrante, numa reluzente tinta vermelha. Alguma senhora rabugenta escreve: “O senhor nos fala de Mantras, mas as coisas que nos conta não adiantam, as suas Mantras não funcionam. Eu queria ganhar o Sweepstake e disse isso à minha Mantra três vezes — e não ganhei. O que é que me diz disso?”

Bom, por que é que algumas dessas velhotas ficam nesse estado? É péssimo para a sua pressão arterial. Muito pior, para o seu desenvolvimento espiritual. De qualquer forma, ela não estava dizendo a “MINHA Mantra”; aparentemente, estava fazendo uma coisa contra a qual eu previno as pessoas, em especial. Não é direito tentar ganhar um jogo pelo uso de Mantras. Um jogo é um jogo, só isso e mais nada; se você tentar usar Mantras para jogar e ganhar, então estará prejudicando-se muito.

Mas houve muita gente que parece ter tido dificuldades em conseguir pôr suas Mantras em funcionamento. Provavelmente, isso é porque não procedem direito' não conseguem visualizar o que é que querem transmitir ao subconsciente. O fato é que você tem de saber o que é que está dizendo, tem de se convencer do que está dizendo e, tendo-se convencido, tem de convencer o seu subconsciente. Considere isso como um negócio.

Você quer alguma coisa determinada. Deve ser algo que o seu subconsciente também deseje. Darei um exemplo — e isso é apenas um exemplo a esmo, lembre-se; portanto, não me venham escrever um montão de cartas dizendo que eu me contradisse ou coisa parecida, como tantos de vocês gostam tanto de fazer. E, na maioria das vezes, estão errados, de qualquer forma!

Digamos que o Sr. Smith quer um emprego e vai comparecer a uma entrevista, amanhã, depois de amanhã ou seja lá quando, com o Sr. Brown. Então, o Sr. Smith faz uma Mantra. Fica murmurando e resmungando, enquanto está pensando em acabar, com essa tolice para poder ir ao cinema, beber alguma coisa ou encontrar a namorada, ou coisa parecida. Quer acabar com o problema, e, depois de repetir aquilo três vezes, está convencido de que fez todo o possível e que os Poderes são responsáveis por todo

o resto. Aí, o Sr. Smith sai correndo, para ir ao cinema ou talvez a um bar, tomar umas cervejinhas, e encontra uma pequena. Quando comparece à sua entrevista com o Sr. Brown — bom, não é bem sucedido. Claro que não; ele não se preparou para isso, não aprendeu seus deveres de casa. Vejamos o que deveria ter sido feito:

O Sr. Smith, desejando trabalhar, candidatou-se a um emprego, tendo-se certificado de que possuía as qualificações e habilidades necessárias para desempenhar os serviços exigidos pelo tal emprego, se ele o conseguisse. Um Sr. Brown mandou avisá-lo de que lhe concederia uma entrevista, a tal hora, em tal dia.

Um Sr. Smith sensato procuraria descobrir alguma coisa a respeito do Sr. Brown, se pudesse. Como é o homem? Qual a sua aparência? Qual a sua posição na companhia? É do tipo simpático? Bom, geralmente a gente pode descobrir essas coisas ligando para a telefonista da companhia e perguntando. Muitas dessas pequenas ficam até muito lisonjeadas. Portanto, se o Sr. Smith disser que está procurando obter um emprego na companhia e que vai ter uma entrevista em tal dia, a pequena pode lhe dizer alguma coisa a respeito do Sr. Brown. “Afim”, poderá ele dizer, “em breve estarei trabalhando com você, de modo que vamos ficar amigos desde já; conte-me o que puder”. A moça via de regra reage favoravelmente, se for abordada do modo certo. Fica lisonjeada porque alguém procurou sua ajuda; porque alguém acha que ela sabe julgar as personalidades; por pensar que um possível novo membro da companhia teve o bom senso de entrar em contato com ela. E então dá as informações. Talvez ela possa dizer ao Sr. Smith que uma foto do Sr. Brown foi publicada em alguma revista, quando ele foi nomeado para a companhia. O Sr. Smith vai então à biblioteca local e olha com atenção para a foto do Sr. Brown. Olha repetidamente para a foto, fixando-a em sua cabeça. Depois, vai-se embora, conservando na mente a fisionomia do Sr. Brown. Senta-se e imagina que o Sr. Brown está diante dele, sem poder falar — o coitado tem de ficar sentado, só escutando. Assim, o Sr. Smith despeja uma conversa sobre si mesmo e suas habilidades. Diz o que tem a dizer, de maneira convincente, se estiver sozinho. Se não estiver, é melhor apenas pensá-lo, senão alguma outra pessoa presente pode levar o Sr. Smith àquele lugar aonde se levam as “pessoas assim”, pois nem todos são capazes de compreender a

visualização, Mantras etc.

Se Isso for feito corretamente, quando o Sr. Smith for se entrevistar com o Sr. Brown, este terá a impressão exata de já ter visto o Sr. Smith, em circunstâncias muito favoráveis, e sabe por quê? Vou lhe contar.

O Sr. Smith terá “deixado sua marca no éter” e o seu subconsciente, durante o tempo da viagem astral, encontrará o subconsciente do Sr. Brown e conversará com ele sobre as coisas. Ah, meu Deus, funciona sim, já o experimentei inúmeras vezes. E conheço centenas — milhares — de pessoas que também já o experimentaram; e funciona sim, SE VOCÊ FIZER O TRABALHO DIREITO!

Mas se um Sr. Smith preguiçoso pensar apenas em andar atrás de pequenas, ir ao cinema e beber cerveja, então seu espírito estará fixo nessas coisas — namoros, cinema e cerveja — e ele não obterá nenhuma reação do subconsciente do Sr. Brown.

Agora, prestem atenção. Vou fazer uma sugestão que vale a pena — para aqueles de vocês que têm dificuldade em se concentrar da maneira certa. Ora, existem coisas como rosários — os católicos os usam, os budistas os usam e muitos outros também. Nem todos os usam como os *hippies*, só para pendurar coisinhas, para parecerem diferentes. Portanto, tomemos uma fileira de contas. Muito bem, o que vamos fazer com elas? Primeiro, temos de fazer o tipo de colar de contas que queremos, saber quantas contas vamos querer — e importa quantas sejam? Certamente!

Os psiquiatras são uma gente bem tola mesmo, e acho que a maioria é mais louca do que os pacientes de quem tratam. É o mesmo que mandar um ladrão pegar outro ladrão. É preciso ser maluco para tratar de malucos, de modo que, a meu modo de pensar, a maioria dos psiquiatras é bem insana. Mas, às vezes, por acaso, eles

aparecem com umas informações que podem ter utilidade para alguém. Agora, por exemplo, uma turma desses médicos de cabeça apareceu com uma teoria de que são necessárias 45 repetições para trancar alguma coisa bem trancada no subconsciente de uma pessoa. Assim, para aqueles de vocês que não conseguem concentrar-se direito em alguma coisa, vamos arranjar um colar de contas — de 50 contas, para estarmos bem seguros. Então, você começará indo à melhor loja de armarinhos ou de artesanato que puder encontrar e remexendo nas contas soltas até encontrar o tipo, estilo, desenho e tamanho que lhe agrada mais. Para mim, as melhores são as do tamanho de um grão de feijão (as minhas são de madeira encerada). As contas devem ser de tamanho idêntico; se quiser, compre mais três de tamanho maior, para servirem de marcos. Depois, compre um fio de *nylon*, no qual elas deslizam facilmente. Quando você chegar em casa, pode enfiar suas 50 contas nesse fio de *nylon*. Verifique se elas estão deslizando com facilidade. Depois, dê um nó e, nos dois pedaços de fio que sobram do nó, enfie as três contas maiores e torne a atar as pontas. O propósito disso é apenas indicar quando você terminou um circuito completo de suas contas. Aí, sente-se comodamente em uma poltrona, ou deite-se, ou, se achar mais cômodo, fique de pernas para o ar, apoiado sobre a cabeça. Não importa que você fique sentado ou deitado, contanto que esteja confortável e não tenha os músculos tensos.

Depois, resolva o que quer dizer a seu subconsciente. É importante o que você diz e a maneira de dizê-lo. O essencial é que seja positivo; não se pode ter uma coisa negativa, senão o resultado será errado. Deve ser “Eu quero...” Deve ser breve e incisivo e, positivamente, algo que possa ser repetido sem grande esforço intelectual. Você ficaria surpreso, se visse como alguns intelectos podem sofrer com o esforço !

O Sr. Smith deseja impressionar o Sr. Brown, de modo que poderia dizer (isto é apenas um exemplo, note bem; não vá me citar!): “Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável. Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável. Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável.” Bom, o pobre do Sr. Smith tem de repetir isso 50 vezes, e cada vez que ele chegar ao Sr. Brown, em suas palavras, deve passar uma conta para trás, e assim por

diante, até repetir a frase 50 vezes. A idéia é usar as contas como uma forma de computador, porque você não pode dizer: “Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável. Uma vez. Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável. Duas vezes. Quero impressionar o Sr. Brown, de maneira favorável. Três vezes”, ou ficaria todo enrolado em suas palavras e em suas instruções para o seu Ser Superior.

Tendo resolvido 50 vezes que vai impressionar o Sr. Brown favoravelmente, você se resolve e fala com ele como se ele realmente estivesse em sua frente, como já disse há vários parágrafos. Portanto, é só isso mesmo.

Você deve manusear as suas contas muitas vezes, a fim de imbuí-las da sua personalidade, torná-las parte de você, certificar-se de que cada qual desliza direito, de que pode mexer nas coitadas sem ter de pensar em movê-las. Isso se torna mecânico. Se você morar com outras pessoas, o melhor a fazer será ter continhas pequenas, que possa guardar no bolso — aí, poderá pôr a mão no bolso e andar pela casa sem que ninguém saiba o que está fazendo, achando apenas que você é tão desleixado que conserva a mão no bolso o tempo todo.

Ora, mais uma vez vou lhe dizer que, positivamente, você pode ganhar um Sweepstake, utilizando Mantras, MAS SOMENTE SE SOUBER EXATAMENTE QUEM VAI FAZER A EXTRAÇÃO DA LOTERIA! Para ter uma ação positiva, você terá de saber sobre quem vai agir. É uma tolice muito grande dizer que você vai fazer uma Mantra para a pessoa encarregada de tal coisa assim- -assim; isso não adianta. Você tem de conhecer pessoalmente a pessoa que está organizando a extração ou quem vai tirar os bilhetes da caixa, ou seja o que for. Se você não puder fazer isso, então não pode ter fé alguma na Mantra. Isso significa que você precisa, precisa, PRECISA dirigir as suas observações a algum subconsciente, é não apenas desperdiçar suas energias à toa. Está bem claro?

Se você souber, por exemplo, que a Sra. Knickerbaum está organizando uma tómbola para a Sociedade das Serpentes Sinuosas, e que o prêmio vale a pena, então você pode dirigir suas observações à entidade subconsciente da Sra. Knickerbaum, e se o fizer segundo as normas sugeridas neste capítulo terá uma boa probabilidade de êxito, a não ser

que outra pessoa, com um pouco mais de capacidade de pensamento do que você, também o esteja fazendo — nesse caso, você perderá.

Apenas um aviso (há sempre um aviso para as coisas) : é preciso parar no meio do tráfego, é preciso ceder aqui, parar ali etc. Tudo é um aviso de modo que lá vai mais um: o dinheiro adquirido assim, por meio de uma Mantra, raramente traz felicidade, e muitas vezes traz a desgraça. E se você o desejar por motivos inteiramente egoísticos, pode ter a certeza de que vai atrair a desgraça. Portanto, não o faça.

Já recebi cartas de pessoas, dizendo: “Ah, Dr. Rampa, quero muito ganhar tal e tal loteria, e sei que pode me ajudar. Faça com que eu ganhe 100 mil dólares e eu lhe darei 20%. Assim, vale a pena para o senhor, não é? Eu lhe darei o número do bilhete etc. etc.”

A resposta é: “Não, senhora, não vale a pena. Não acredito em jogo, e se eu entrar nisso ao seu lado, por 20%, serei tão culpado quanto a senhora. E, de qualquer forma, se eu quisesse fazer isso, por que o faria por apenas 20% seus? Por que não o faria por mim mesmo, ganhando o dinheiro todo?”

Há muita gente que lê anúncios de planos infalíveis para ganhar nas corridas e parece não compreender que, se a pessoa que propõe o plano infalível realmente tivesse uma coisa de êxito, não estaria vendendo a idéia para outros, por um ou dois dólares — estaria, isto sim, ganhando milhões com o seu próprio sistema infalível. Certo, não?

Pode ser uma boa idéia, aqui, falar um pouco mais a respeito dessas pessoas que estão tão ansiosas por rezarem por nós. Recebo muitas cartas de gente dizendo que o seu grupo estará rezando muito por mim etc. Ora, não quero que ninguém reze por mim; eles nem sabem do que padeço! E é positivamente prejudicial todas essas pessoas pronunciarem suas orações sem ter a menor idéia do que estão fazendo.

Vamos mencionar alguma coisa que permita uma expressão concreta, uma coisa que possa ser usada como exemplo. A oração muitas vezes é inútil, a não ser no sentido negativo, e assim não pode ser demonstrada. O hipnotismo pode.

Digamos que temos uma menina que pode estar sofrendo de alguma doença. Amigos interessados insistem para ela ir a um hipnotizador. O sujeito pode ser realmente

muito bem-intencionado, pode ser feito de ouro em barra, incrustado de jóias — mas, por mais bem-intencionado que ele seja, a não ser que se trate de um médico diplomado, nada sabe a respeito da doença. Assim, em bora sem dúvida possa DISFARÇAR os sintomas de que sofre a menina, ele não pode curá-la; e se disfarçar os sintomas ou ocultá-los, de modo que um médico diplomado não os possa descobrir, então a pequena poderá piorar e morrer, acrescentando uma carga ao carma do hipnotizador e aos “amigos” estúpidos que a mandaram a ele.

Conforme sei bem demais, se a gente vai a um hospital, sofrendo dores, os médicos não nos dão droga alguma para aliviá-las, ATÊ VERIFICAREM TODOS OS SINTOMAS. Somente depois disso é que eles farão alguma coisa no sentido de aliviar as dores. Obviamente, os sintomas são aquilo que conta aos médicos de que o paciente está sofrendo. Portanto, .quando pessoas rezam desesperadamente, podem, por algum acidente de telepatia, provocar uma espécie de efeito hipnótico e induzir à supressão de algum sintoma vital. Sempre considero essas pessoas que querem rezar por mim como os meus maiores inimigos, e sempre digo: “Deus me livre de meus amigos — com os meus inimigos eu sei lidar.” Assim, nada de orações, nada de orações, a não ser que o paciente lhe peça positivamente para rezar. Se a vítima pede as orações, então isso o isenta; mas, até lá, reze por si — é provável que você precise tanto quanto qualquer outra pessoa!

Alguém me escreveu, repreendendo-me e dizendo que eu não poderia ter nenhum amigo; que ninguém poderia gostar de mim, porque eu só falo de gente que escreve de maneira insultuosa. Na verdade, essa pessoa era membro do Women’s Lib, de modo que talvez seja uma boa coisa falar-lhes agora a respeito de alguns de meus amigos. Alguns me escreveram; quanto aos outros — como Hy Mendelson, sobre quem lhes falei depois —, fui eu que lhes escrevi!

É um problema, suponho, escrever a respeito de meus amigos, pois, se os menciono ao me virem à cabeça, essa estúpida pessoa do Women’s Lib que me escreve tantas vezes (sempre cheia de ódio) diz que menciono os homens antes das mulheres, ou coisa parecida, de modo que acho melhor mencioná-los em ordem alfabética. Desse modo, certamente, ninguém poderá ficar ofendido.

Para proteger algumas pessoas, não lhes mencionarei o endereço. Há mais ou menos uma semana, recebi uma carta sem selo de um homem, que dizia: “Dê os nomes e endereços das pessoas capazes de fazerem viagens as traís, para eu poder verificar suas declarações.” O pobre coitado era tão maluco que não somente esqueceu de selar a carta, como ainda não a assinou nem deu o endereço. Espero, pois, que ele leia isto e entenda a minha explicação de que eu nunca, nunca mesmo, dou os nomes e endereços de outras pessoas sem primeiro ter sua permissão, por escrito. Tive muitos problemas com as pessoas que entravam em contato comigo, perguntando por outras, e sempre me enraiveço com isso e dou as respostas mais grosseiras que posso. Portanto, apenas dou os nomes de certos amigos — não todos, pois não estou organizando um catálogo telefônico —, aqueles que me vêm com rapidez — à mente. Mas de modo algum darei seus endereços.

Ontem, tivemos uma visita que estávamos esperando — “nós” quer dizer.: a Sra. Rampa, a Srta. Rouse, a Srta. Cleópatra e a Srta. Tadalinka Rampa, além de mim. Chegou uma grande camioneta e dela saltou John Biggs. Nós já o conhecemos há algum tempo. Desde quando morávamos em Habitat, na cidade de Montreal. Biggs, como o chamamos, encontrou-me lá, ou seria mais correto dizer que eu o encontrei lá? De qualquer forma, nós simpatizamos um com o outro e desde então mantemos um contato íntimo. Biggs era grande vendedor de produtos médicos. Duas ou três vezes, ele chegou a receber um prêmio por vender tanta mercadoria. Mas, depois, quando partimos de Montreal, ele chegou à conclusão de que não tinha muito futuro em Montreal, de modo que nos acompanhou por todo o Canadá, dirigindo uma casa móvel, em que morava com seus dois gatos. Wayfarer, o macho, é um bichano imenso e de muito bom coração. A gata, sua mulher, é uma criaturinha delicada, mais ou menos a metade do tamanho de Wayfarer.

Todos se instalaram muito comodamente em Vancouver, onde Biggs tem um emprego, um emprego de que gosta e que lhe oferece bastante movimentação, bastantes, viagens e oportunidade de conhecer gente. E os gatos dele “tomam conta da casa”.

Ontem, portanto, Biggs e seus dois gatos vieram a Calgary e vão ficar perto de nós por mais ou menos uma semana, enquanto estão de férias. Biggs acha que Calgary é

um belo lugar, mas, naturalmente, muito pequeno, comparado com Vancouver. Não importa; os diamantes são coisas pequenas, não são? E as pedras de carvão não são! Biggs, portanto, poderia ser considerado um de nossos melhores amigos, pois é quem mais vemos; e nos telefonamos duas ou três vezes por semana.

Há duas senhoras que foram das primeiras a me escreverem, quando foi publicado *A Terceira Visão*. Uma delas é a Sra. Cuthbert, de modo que posso dizer — meu Deus do céu! — que a conheço há uns 17 anos. Nós nos correspondemos com frequência, — mas não a conheço pessoalmente. Assim, outra de minhas amigas é a Sra. Cuthbert. Vou mencionar a outra senhora depois, em ordem alfabética. Tenho de me lembrar daquela mulher do Women's Lib, que é o meu pesadelo.

Agora, chegamos a um verdadeiro diamante bruto, um homem que todos apreciamos muito. Frogs Frenneaux. Frogs, porque ele é inglês, descendente de uma antiga família de origem francesa. Aqui, de qualquer forma, ele é sempre tratado como Frogs. No momento, está morando em New Brunswick. Nós o conhecemos quando também morávamos lá. É um bom engenheiro e, embora às vezes fale com muita rudeza, rosnando como um buldogue ou pior, tem um coração de ouro. Aliás, agora que escrevi “coração de ouro”, fico pensando como é que um coração desse metal poderia funcionar num corpo humano. Não importa. Falando por metáforas, “coração de ouro” representa Frogs Frenneaux. Lembro-me de quando estava num hotel, em Saint John, New Brunswick; Frogs levou-me para lá, bufando e tropejando enquanto carregava minha cadeira de rodas escada acima. Aquilo quase o matou, e a mim ainda mais, mas conseguimos subir a escada, o coitado do Frogs parecendo mesmo um sapo todo inchado. Portanto, quero dizer: “Olá, Frogs.”

Ainda estou no continente canadense, de modo que vou mencionar mais um: o meu bom amigo Bernard Gobeille. Ah, sim, conhecemos bem o Bernard; é um belo homem, mesmo. De certo modo, era o meu senhorio, pois, quando eu morava em Habitat, ele tomava conta das coisas, e tomava conta muito bem mesmo; na verdade, bem até demais, porque, graças à sua eficiência como administrador, foi transferido de Habitat e enviado como uma espécie de quebra-galho para outro grande conjunto de apartamentos, onde havia

problemas. Habitat não era a mesma coisa sem Bernard Gobeille, de modo que, como eu estava me aborrecendo com a imprensa, como sempre, aquilo foi a última gota d'água, — e acabei partindo com minha família. Mas Bernard Gobeille e eu nos mantemos sempre em contato; aliás, hoje mesmo recebi uma carta dele. Quem me dera ele estar aqui, agora; quem me dera ele ainda fosse meu senhorio — mas Calgary está muito longe de Montreal.

Contudo, por que não fazemos uma viagem? Vamos para além do Canadá, vamos para... o Brasil, para variar. No Brasil, existe um cavalheiro muito ilustre, o Sr. Adonai Grassi, um bom amigo. Ele está aprendendo inglês, especialmente para podermos nos corresponder sem a interferência de uma terceira pessoa. Adonai Grassi é um homem de dotes raros, um homem de energia e compaixão. Não é uma dessas pessoas do tipo ditador inclemente; é um homem que vale bem a pena conhecer, um dos melhores tipos de homem — e prevejo que ele há de tomar seu nome bem conhecido no Brasil e em outros lugares. Assim, de que modo posso enviar-lhe meus *saludos*, em português? Mas ele sabe minha opinião a seu respeito, e penso muito nele.

Vamos um pouco além, para cumprimentar um cavalheiro do México, o Sr. Rosendo Garcia? Concordo, ele agora está morando em Detroit, EUA, — mas continua a ser mexicano, positivamente um dos melhores tipos de mexicano, homem delicado e educado, incapaz de matar uma mosca. Um homem de sociedade, que teve muitas dificuldades — positivamente, não por culpa sua. Sobre ele podemos dizer, com verdade absoluta, que está em sua última existência. Da próxima vez, ele certamente irá para um ciclo de existência muito, muito melhor.

Voltamos para cumprimentar o meu amigo Sr. Friedrich Kosin, do Brasil. É amigo de Adonai Grassi. Infelizmente, escrevi muita coisa a respeito do Sr. Kosin, mas ele me mandou cartas e um telegrama, protestando contra o que disse a seu respeito. É modesto demais, ou coisa parecida. Francamente, não sei de que se trata, mas direi apenas que ele é um homem intimamente ligado ao Sr. Grassi.

Agora... voltamos a um verdadeiro veterano, o meu velho amigo Pat Loftus, que conheci há tantos anos. O Sr. Loftus é um cavalheiro por natureza, um dos melhores homens que se possa conhecer. Ele hoje está reformado, mas

era policial irlandês, um dos *gardias*, e como policial tinha uma reputação muito invejável de homem bondoso, mas ao mesmo tempo rigoroso.

Tenho grande admiração pelo Sr. Loftus. Nós nos mantivemos em contato íntimo e, se eu pudesse realizar um desejo, este seria certamente o de poder tornar a vê-lo, antes que um de nós deixe este mundo. Não somos mais tão moços, nenhum de nós, e não nos resta muita vida, de modo que receio que este desejo não se realize.

O Sr. Loftus fez parte daquele bravo punhado de homens que fundaram a República do Eire. Constituiu-se num dos heróis daqueles primeiros dias, mas não foi favorecido pela sorte nem pela fortuna, como tantos outros. Se a fortuna lhe tivesse sorrido um pouco, ele estaria à testa do Estado da Irlanda, em vez de ser um policial reformado.

Sim, o Sr. Loftus é um de meus amigos mais antigos, um de meus amigos mais estimados, e estou certo de que, vivendo ao lado do mar da Irlanda, ele muitas vezes olha para fora — conforme me conta — e pensa em mim, a cinco mil quilômetros de distância. Bom, Pat Loftus, penso em você, meu amigo — penso em você.

Mas temos de voltar ao Canadá, pensando no Sr. Loftus, sentado junto do mar, olhando para o território canadense, e isso me faz lembrar de Shelagh McMorran.

É uma das pessoas que me escreveram, e continua me escrevendo até hoje. É uma das que conheci e... sim, ela é uma amiga. É uma mulher de muitas habilidades, muitos dotes, uma mulher muito eficiente e que qualquer pessoa pode apreciar.

Um pouco mais adiante, em nossa viagem (meus amigos parecem bem diversificados, não?), voltamos a Montreal, para falar de um amigo muito especial, Hy Mendelson, que já citei como sendo o homem mais honesto de Montreal. Sim, certamente acredito nisso. Há algum tempo, quando eu estava em New Brunswick, quis comprar uma máquina fotográfica de segunda mão. Minha mulher estava folheando o jornal da tarde e disse: “Por que não escreve para este endereço, Simon’s Camera, Craig Street West, Montreal?” Custei um pouco a entender, mas afinal escrevi para Simon’s Camera e recebi uma resposta muito satisfatória de... Hy Mendelson. Ele me tratou como um homem honesto; nada de dinheiro adiantado com ele, nada de esperar até o cheque ser descontado, nada disso. Tratou-me como gosto de ser

tratado, e não somente tenho lidado com ele, desde então, como fizemos uma boa amizade, e espero que ele goste de mim como gosto dele.

Ele teve uma vida bem difícil, herdando o negócio do pai e aumentando-o, até que agora tenho certeza absoluta de que tem um estoque maior e mais diversificado do que qualquer outra loja de material fotográfico no Canadá. Às vezes, só de brincadeira, pergunto se ele tem tal coisa em estoque, e a resposta é sempre: “Sim!” Portanto, Sr. Hy Mendelson, é um prazer conhecê-lo, meu amigo; e há ainda a diferença: fui eu que lhe escrevi, e não você a mim.

Vamos a mais um “M”! OK. Atravessemos a fronteira com os EUA, para cumprimentar o Sr. Cari Moffet. Devido aos interesses dele, batizei-o de “Moffet Barco a Remo”. Ele fabrica modelos de uma precisão magnífica, modelos de navios, claro. Mas, conforme eu lhe disse, não adianta fazer velhos galeões e navios a vela; ele devia era fazer barcos a remo, e é exatamente o que está fazendo.

Há alguns meses, ele fez um lindo modelo de barco a remo e me mandou umas fotos dele; depois, mandou o barco, de presente. Imagine, o nosso pessoal da alfândega, aqui em Calgary, quis cobrar uma importância tão fantástica por ele que eu não pude pagar, nem Moffet Barco a Remo. E assim fui privado de um dos poucos prazeres que me restam; fui privado de ter aquele modelo que me fora feito com tanto carinho por um bom amigo — Moffet Barco a Remo —, nos EUA. O modelo teve de ser devolvido, porque o pessoal da alfândega queria cobrar centenas de dólares de direitos alfandegários por uma coisa feita a mão, portando-se de maneira muito irra- zoável. Mas, o que é que se pode esperar do pessoal da alfândega? Nunca me dei bem com eles.

Desta vez, vamos atravessar o oceano. Não vamos ficar no continente norte-americano, embora, naturalmente, tenhamos de voltar. Em vez disso, vamos ao Japão, a Tóquio. Lá, mora uma boa amiga minha, que primeiro me escreveu e depois foi visitar-me: Kathleen Murata. Ela é pequenina, muito bem dotada, mas não dá valor a suas habilidades. Se desse, poderia ter êxito em ilustrações de livros etc., porque, como já disse, tem muito talento.

Kathleen Murata é americana, casada com um senhor japonês. Acho que ela tem muita saudade de sua terra, acho que desejava voltar aos EUA, apesar de esse país estar quase inundado, em consequência de Water- gate. Mas ela me

escreveu, suponho, na esperança de arranjar alguém para se corresponder com ela, com um laço dentro do continente norte-americano, e formamos uma boa amizade. Foi visitar-nos quando morávamos em Habitat, Montreal, e hospedou-se em nosso apartamento durante algum tempo. Gostamos muito dela.

Mas, voltemos ao Canadá. Desta vez, a uma das ilhas do Canadá, onde moram o Sr. e Sra. Orłowski — Ed e Pat Orłowski. Eles também têm talento. Ed é um artesão de grande habilidade, faz modelagem e tudo quanto é coisa artística, mas nunca teve uma oportunidade na vida.

Veio da velha Europa e, suponho, estabeleceu-se no Canadá, trazendo consigo muitas das antigas artes européias. Mas suponho que ele esteja em sua última existência nesta Terra e, como tal, está tendo mais do que a sua cota de dificuldades. Tem um péssimo emprego, muito mal pago; no entanto, digo-lhes com sinceridade, o homem é um gênio. Só precisa é de uma oportunidade, de um pouco de financiamento, para poder fazer as suas estatuetas e figurinhas. No momento, dei-lhe uns desenhos para ele poder fazer Pêndulos, Pedras de Toque e pingentes de estilo oriental, coisas em que é perito. Sim, vou dizer-lhes o que farei: vou dar-lhes o endereço dele, vou infringir o meu regulamento. Assim, se quiserem encomendar uns artigos maravilhosos, podem escrever para Ed Orłowski, para saber o que ele tem para oferecer. Muito bem, eis o seu endereço:

Sr. Ed Orłowski,
Covehead,
York P. O.
Prince Edward Island,
Canadá

Não muito longe desse lugar, mora um bom americano, Capitão George “Bud” Phillips, amigo meu muito admirado, homem que anda voando pelo continente num jato. Lear. É piloto veterano de uma grande companhia e certamente vê muita coisa da vida, geralmente de uma altitude de nove mil metros! Conheço bem o Capitão Phillips, e quanto mais o conheço mais admiro suas qualidades.

Passemos um pouco para a “direita” e poderemos visitar a Sra. Maria Pien. É uma suíça, casada com um chinês. Maria Pien é uma mulher de muitas habilidades, mas infelizmente

tem uma família que ocupa muito o seu tempo. E quando se tem uma família que toma o tempo da gente, tem-se de pôr de lado as próprias inclinações — não é mesmo? — e tratar das responsabilidades. Portanto,, olá, Maria, tenho prazer em mencioná-la como minha amiga.

Mais um, desta vez um homem, Brian Rusch. Também é antigo correspondente. Nós nos escrevemos há... oh, nem quero dizer há quanto tempo. Para dizer a verdade, nem me lembro há quanto tempo, mas é muito. Ele é um de meus primeiros correspondentes.

Ruby Simmons é outra. Foi quem me escreveu... bom, creio que ela me escreveu antes mesmo da Sra. Cuthbert. Ao que me lembre, Ruby Simmons foi mesmo a primeira correspondente que tive nos Estados Unidos, e nós nos escrevemos com regularidade; é por isso, aliás, que ela aparece aqui como uma de minhas amigas.

Lá em Vancouver, há uma senhora que me atraiu muito devido ao seu interesse por Bonsai, as árvores anãs japonesas. A Sra. Edith Tearo conhece muita coisa sobre jardins e plantas e tudo o mais, e fizemos uma boa amizade, graças ao nosso interesse mútuo pelas árvores anãs. Ela veio me visitar no penúltimo fim-de-semana. Coisa curiosa: ela pegou o seu carro na tarde de sexta-feira e dirigiu uns mil quilômetros, de Vancouver a Cal-gary. Ficou em minha casa muito pouco tempo e depois tornou a tomar o carro, dirigindo de volta a Vancouver, para poder estar pronta para o trabalho, no princípio da semana. Ora, isso não é ser um bocado amiga? Uma amiga que pega um carro e dirige mil quilômetros, duas vezes? Bom imagino que ela tenha perdido o fôlego ao fazer isso, mas certamente foi muito bem-vinda aqui.

Atravessamos mais um oceano, para encontrar Eric Tetley, na Inglaterra. Ele me escreveu há algum tempo e achei engraçado o seu nome; lembrou-me os saquinhos de chá Tetley, que usamos aqui, de modo que naturalmente respondi à sua carta e, ao meu jeito estabonado, mencionei os tais saquinhos. Desde então, formou-se uma boa amizade entre nós. Nós nos gostamos, nos correspondemos, e de vez em quando nos contamos anedotas picantes. Naturalmente, temos de ter cuidado, não podemos contar nossas melhores anedotas, porque... bom, sabe como é, quando há senhoras em casa, às vezes, lêem as cartas, e não gostariam que um simples homem visse que elas não sabem corar, afinal. De

qualquer forma, Eric Tetley e eu somos bons amigos, por correspondência.

Jim Thompson é outro bom amigo. Mora nos desertos da Califórnia. Sempre pensei que toda a Califórnia fosse uma loucura, especialmente por ter estado lá algumas vezes. Puxa! Aquele pessoal é brabo, hein? É melhor não contar quantas dessas pessoas que mencionei acima são da Califórnia!

Mas Jim Thompson e eu nos temos correspondido há muito tempo, chegamos a nos conhecer muito bem e há uma particularidade dele que não posso deixar de partilhar — com vocês: parece que ele cobriu o mercado mundial em páginas de agendas de 1960, e invariavelmente me escreve em tais páginas. Eu não sabia que ainda havia tantas agendas velhas no mundo. De qualquer forma, Jim Thompson e eu somos bons amigos.

Puxa vida, sabem que já mencionei 20 pessoas? Vinte, imaginem só. Vocês perguntaram por meus amigos, de modo que agora estão tendo algumas informações sobre alguns deles. Creio que mencionaremos mais um, porque é uma amiga da Bélgica — a Srta. L. C. Vanderpoorten. É uma mulher muito importante, com inúmeros interesses comerciais, e nós nos escrevemos — não demais, mas o suficiente para garantir uma boa amizade. Ela é uma mulher tão ocupada, com seus interesses comerciais, que creio não deva ter muito tempo para correspondência particular. Sei bem como é que ela se sente! Então, quero dizer alô à Srta. Vanderpoorten, lá longe, na Bélgica.

Pois bem, aqueles dentre vocês que perguntaram por meus amigos, e deselegantemente sugeriram que eu não podia tê-los, podem estar um tanto surpreendidos, não? E olhem que sei ter omitido uma porção de gente nessa ligeira referência, mas, se eu citasse mais algum, o meu editor teria coisas horríveis a me dizer, porque, afinal de contas, em sua carta ele me pedia que escrevesse um livro respondendo às perguntas dos Leitores.

Mas, Sr. Editor! Pilhei-o, afinal! Disse que queria um livro respondendo às perguntas dos Leitores. Pois bem, Ilustre Senhor, é o que estou fazendo; uma senhora do Women's Lib (desculpe, elas não podem ser senhoras, segundo elas mesmas) insinuou que eu não tinha amigos, e que, se os tivesse, fizesse uma relação deles nas costas de um selo do correio. Teria de ser um selo bem grande, hein?

Mas mencionei apenas alguns, de modo que não transgredi regra nenhuma, Sr. Editor, e estou respondendo às perguntas dos Leitores!

CAPÍTULO QUATRO

Era uma linda tarde de sol. Biggs, o nosso hóspede de Vancouver, disse: “Por que não saímos um pouco, esta tarde? Eu o levarei aonde quiser”. Pensei em todo o trabalho a fazer, em todas as cartas a responder — afinal, estivera no hospital e uma porção de gente tinha sido informada a respeito. Tive de explicar a razão do atraso nas respostas às cartas e, assim, todos começaram a escrever de volta, fazendo todo tipo de perguntas, e mais e mais perguntas, para eu ter o que fazer quando saísse do hospital! Sim, tenho muito o que fazer!

E havia um livro a escrever. Se eu não terminasse o original — datilografado, o Editor não poderia entregá-lo ao Impressor. Aí, pensei: “Ora, dizem que não se pode trabalhar o tempo todo sem descanso; portanto, vou sair”.

Fui até o carro com a minha cadeira de rodas e, com a dificuldade de sempre, entrei. A cadeira de rodas foi dobrada e guardada na mala, e lá fomos nós.

Era a primeira vez que eu saía de casa, desde que deixara o hospital, algum tempo antes. Na verdade, era a primeira oportunidade que eu tinha de ver alguma coisa de Calgary, pois não temos aparelho de televisão. Acho que, às vezes, há programas sobre a cidade na TV, mas estes também me são barrados. Naquele dia, portanto, partimos e rumamos para as montanhas, deixando a cidade para trás; continuamos a subir pelas fraldas das montanhas. Mas, primenro, demos uma volta pelo hospital, o Foothills, muito bom e moderno, e a primeira coisa que vimos foi um cadáver sendo levado do necrotério para um carro fúnebre!

Demos a volta e continuamos, atravessando o rio, subindo pelos morros. Eu não podia ir muito longe, porque agora me canso muito depressa e sinto muitas dores; por isso, paramos um pouco no alto, de onde podíamos olhar para a cidade. É uma cidade bastante bonita, com seus rios sinuosos — o Bow e Elbow — serpeando por ela.

O tráfego estava horrível. Dizem que há mais carros *per capita*, em Calgary, do que em qualquer outro lugar da América do Norte, no que acredito. Ali pessoas parecem voar, sem ligar para nada. Pois bem, há bons hospitais para recebê-los.

Logo, chegou a hora de voltar para casa, e tomamos um caminho diferente, por um centro comercial. Devo confessar que fiquei muito admirado, ao ver como todas as lojas hoje em dia parecem estar largando o centro das cidades e passando para os subúrbios, deixando aquele local para... o quê? Escritórios? Imagino que deva ser usado para alguma coisa.

Mas não podemos desperdiçar o dia todo; chegou a hora de trabalhar. E vou bancar o rabugento de novo, pois tenho uma queixa constante.

Se há coisa que eu deteste é as pessoas me escreverem como se eu fosse algum pobre pagão bárbaro, urgentemente necessitado de salvação.

Por algum motivo extraordinário, os metidos a bonzinhos andam me escrevendo, cada vez mais, ultimamente, e me enviando todo tipo de Novo Testamento, Velho Testamento, “boas palavras” e todo o resto. Uma mulher escreveu-me ontem, dizendo: “Espero que a luz do Amado Cordeiro, Nosso Senhor Jesus Cristo, acenda uma centelha em seu coração. O senhor só poderá ser salvo pelo sangue de Jesus”. Muito bem. Do jeito que ela escreve — e ela é mesmo malvada, com respeito aos pagãos —, também anda precisada de um pouco dessa salvação. De qualquer maneira, sou Budista. Nasci Budista, sou Budista e hei de morrer Budista. Ora, o Budismo não é uma religião, é um Modo de Vida, e ps verdadeiros Budistas nunca tentam converter outros à Sua Crença. Hoje, ao que parece, existe uma espécie de culto que se intitula Budista, e que sai, como os missionários, berrando pelas ruas. Pois bem, não são verdadeiros Budistas. Nós não temos missionários, nem eu quero missionários me pregando nada. Tive um desses no hospital, da última vez que estive internado, e logo o

convenci de que eu sabia alguma coisa sobre o Cristianismo, também!

Acredito firmemente que, a não ser que tenhamos uma volta à religião, neste mundo, em breve não teremos mais mundo algum. Mas acredito, com a mesma firmeza, que não importa em absoluto qual a forma que essa religião assumir. O que importa, se a pessoa é Budista, Judia, Cristã, Hindu ou alguma outra coisa, desde que se acredite em certas coisas? Se acreditamos, então agiremos de certa maneira, e minha crença é: “Fazei aos outros o que quereis que vos façam”. Nunca tento converter os outros e não quero que as pessoas tentem converter-me. Portanto, queiram lembrar-se disso, todos vocês que pretendem fazer boas ações. Se recebo esses livros — palavras sagradas, terrores sagrados, isto e aquilo sagrados —, eles vão direto para a lata de lixo, sem serem abertos, pois vejo que o tipo de pessoa que se dá ao trabalho de mandar essas coisas é geralmente dos mais ignorantes e mais preconceituosos de todos. Estão tão estabelecidos em sua religião, tão hipnotizados por ela, que não são capazes de se colocar à margem e estudar qual é, realmente, a origem de uma religião.

Alguns dentre vocês parecem muito interessados no caso narrado em meu último livro, *Luz de Vela*, sobre Jesus ter ido ao Japão e do irmão de Jesus ter sido crucificado em seu lugar. Portanto, talvez eu deva fazer o que tantos me pediram — contar mais um pouco a respeito das velhas histórias da Bíblia. Um número surpreendente de pessoas escreveu-me, pedindo mais e mais.

Obviamente, é preciso lembrar sempre que não se menciona muito esse tipo de coisa, a não ser na Bíblia. Por exemplo, nenhum dos grandes escritores de uns dois mil anos atrás escreveu qualquer coisa sobre Cristo. Isso merece reflexão: todos os acontecimentos hoje em dia são escritos, por toda parte, com todos os detalhes imprecisos e com todos os enfeites que a imprensa pode conceber. Mas, em toda a História, os grandes escritores invariavelmente escreveram sobre os acontecimentos importantes, e o fato de que nenhum dos escritores dos tempos da crucificação escreveu qualquer coisa sobre ela, insinua que Jesus só era conhecido de muito pouca gente.

Lembrem-se disso: o Cristianismo só apareceu muito depois de Cristo. Na verdade, os fundamentos do Cristianismo foram lançados na Convenção de

Constantinopla, 60 anos após a data da chamada crucificação. Na opinião dos grandes escritores gregos e romanos da época, Jesus era uma espécie de subversivo, que tinha certas idéias. Nos dias de hoje, diríamos: “Ah, ele não passa de líder de uma turma de *hippies* ou de um bando de ladrões”.

Ficaram chocados? Bom, não deveriam ficar, sabem, pois não estavam presentes, não conhecem os fatos; só sabem o que lhes foi transmitido por meio da Bíblia e das histórias da Bíblia. Os grandes escritores da época, cujas palavras sobrevivem, e que hoje nos chegam, não mencionam Jesus.

Outra coisa a se considerar é a seguinte: se uma pessoa fosse ser crucificada, e no fim do dia fosse retirada da cruz e pudesse ser reanimada, então a CRUCIFICAÇÃO NÃO A MATAVA! Na verdade, ficar suspenso pelos braços numa cruz implicava graves dificuldades respiratórias. Seria impossível respirar plenamente, pois para isso é preciso expandir o tórax, e quando se está suspenso pelos braços isso é impossível. Já fiquei suspenso, num campo de prisioneiros de guerra, de modo que sei por experiência. Portanto, a crucificação não matava. Em vez disso, havia uma exaustão extrema e em breve a pessoa entrava em coma, suando quando sua respiração se tornava muito superficial, cada vez mais, de modo que no fim poderíamos dizer que ela morria asfíxiada.

Parece que acontece coisa bem semelhante quando a pessoa é eletrocutada. Os músculos que controlam a respiração ficam paralisados ou lesados, não havendo ar suficiente para dar ao cérebro o oxigênio necessário à manutenção da consciência. E, nesse caso, a pessoa fica inconsciente e, SE ABANDONADA, acaba morrendo. Se ela pudesse ser retirada da fonte de eletricidade e recebesse respiração artificial, certamente se reanimaria.

Acho que há relatórios, nos anais de prisões dos EUA, sobre pessoas que foram eletrocutadas na prisão e depois reanimadas. Conforme me disseram, a pessoa eletrocutada era “liquidada” pelos médicos, possivelmente sendo vigiada para que não recebesse respiração artificial, ou outra intervenção que não precisamos citar. Mas li um caso especial, um caso muito chocante, em que um negro muito forte foi eletrocutado e, depois, simplesmente levado para o aposento ■ *post-mortem*, onde por algum motivo, foi largado

por mais tempo do que o normal — e ele reviveu! Deram-me essa informação de boa-fé e acredito nela porque sei o que é ser eletrocutado e reviver.

Saibam que, “naqueles tempos”, era tácito que, quando a pessoa era crucificada, o corpo tinha de ser removido ao cair da noite, antes de ser retirado da cruz; as pernas tinham de ser quebradas, para dar ao corpo mais um esforço. Mas, novamente, lembrem-se: no caso de um choque e, aos músculos do tórax e da respiração mais Jesus, declara-se especificamente que Seus ossos não foram quebrados! Portanto, se Seus ossos não foram quebrados, e se Ele não levou esse choque extra, então possivelmente o corpo pôde ser reanimado.

Conforme acabei de dizer acima, no caso de Jesus, o corpo — ninguém disse que fosse um corpo morto, lembrem-se —, com as pernas intactas, foi removido e levado para uma caverna, sendo ali recebido por um bando de homens e mulheres muito especiais e bem-dotados.

Já ouviram falar dos Essênios, ouviram dizer que era um povo muito culto, que tinha treinamento e habilidades que ultrapassavam a compreensão da pessoa média.

Tinham um conhecimento extremamente elevado da vida e da morte, sabiam quais os produtos químicos que deviam usar, sabiam como reanimar os corpos. Portanto, na caverna, rapidamente foram ministrados aromas pungentes à pessoa crucificada, ao mesmo tempo em que lhe eram injetados produtos químicos, e aos poucos o corpo — fosse o de Jesus ou do irmão de Jesus ou de outra pessoa, não importa — foi reanimado.

Para refrescar um pouco mais a memória, lembremos do caso de Lázaro. Dizem que Lázaro ressuscitou dos mortos, não foi? Ora, temos esse relato positivo. Também há a história de que Jesus o ressuscitou. Jesus viveu entre os Essênios; portanto, é muito provável que

Jesus, um “Mágico Branco”, tivesse certas ervas e poderes, por meio dos quais Ele pudesse realizar esses milagres aparentes — e um desses milagres foi operado com Lázaro, que podia estar em coma. Afinal de contas, existe a possibilidade de que pudesse até ter sido uma coma diabética. Deixem-me contar-lhes uma coisa: sou diabético, já estive em coma diabética, e nesse estado, em certas condições, muito facilmente podem tomar-nos por mortos.

Outro tipo de doença que simula a morte é a cata-

lepsia. Há muitas pessoas que sofriam desse mal e que chegaram a ser enterradas — enterradas vivas —, porque o verdadeiro cataléptico, mesmo quando submetido a todas as provas, não apresenta reações, nem reflexos, e um espelho junto a seus lábios não se embaça. Só há um teste infalível, no caso do cataléptico — o teste da decomposição. Se um corpo morre, começa a se decompor; depois de certo tempo, os nossos olhos e nosso nariz nos dão a certeza total de que o corpo realmente está morto — mas isso não ocorre no caso de um cataléptico. Portanto, possivelmente Lázaro estava em coma ou num estado cataléptico, e Jesus, como discípulo dos Essênios, compreendeu o seu estado e tinha a capacidade de tratá-lo. Se não conhecemos a técnica de alguma coisa, ela se torna um milagre, não é? Especialmente se, segundo o nosso conceito, for contra a lei ou crença ou conhecimentos estabelecidos.

Bom, lembrem-se de que há um certo número de livros na Bíblia, mas havia muito mais livros que tiveram de ser omitidos da Bíblia. A Bíblia, claro, é apenas uma coletânea de livros, como diz o nome.

Muitos outros “evangelhos” tiveram de ser omitidos, porque contrariavam o testemunho dos poucos que foram publicados. Pensem nisso: em lugar algum se diz que a Bíblia é verdadeira. Em vez disso, temos as palavras “Evangelho SEGUNDO S. Fulano de Tal”. Em outras palavras, estamos recebendo um aviso de que aquele não é necessariamente um livro verdadeiro, mas sim um livro que foi narrado SEGUNDO as palavras de certa pessoa. É o mesmo que dizer: “Bom, ele me disse que achava...” Isso não é o mesmo que dizer que você sabe de uma coisa como um fato. Ao contrário, no linguajar legal, poderia ser classificado como evidência de testemunho auricular — não uma coisa que lhe é dada como verdade total, incontroversa, e sim uma declaração segundo outra pessoa.

Se pudessem encontrar outros livros antigos, papiros ou inscrições em pedras, veriam que há divergências realmente notáveis.

Sabem que há livros afirmando que João nunca existiu? Há quem diga que João era apenas um símbolo, mítico, uma figura como John Bull, na Inglaterra, ou G. I. Joe, nos EUA, ou coisa que o valha.

Se quiserem fazer as viagens astrais, como sugeri, não terão grande dificuldade em descobrir essas coisas por si,

pois ainda existem muitos documentos, datando de dois ou três mil anos passados — ou mesmo mais —, que não foram descobertos pelo Homem físico. Mas o Homem no astral — e a Mulher, também — pode descobrir essas coisas, e lê-las. Muitos desses papiros estão grudados, de tão velhos, e se tentassem desenrolá-los agora, no físico, eles poderiam esfacelar-se; no astral, entretanto, vocês poderão percorrê-los, camada por camada, sem perturbar sua estrutura física — essa a grande vantagem.

Se tiverem dificuldade em compreender isso, peguem um microscópio em algum lugar e olhem, digamos, para uma pedra bruta. Poderão focalizar o microscópio com cuidado e verão as diferentes camadas da pedra entrando em foco, ficando bem claras e depois desaparecendo, para dar lugar a outro foco. Qualquer pessoa com um microscópio poderá explicar-lhes isso.

Minha Mulher acaba de ler isto e faz uma sugestão útil. Disse ela: “Por que não dizer a eles que há quem acredite que Sherlock Holmes foi uma pessoa de verdade?” Bom, uma boa idéia, muito boa idéia, pois Sherlock Holmes foi aceito como pessoa de verdade, e há gente que continua a escrever-lhe. Imagino que as cartas sejam encaminhadas à herança de Conan Doyle, mas Sherlock Holmes foi criado pela sua imaginação. Sabemos que não houve uma entidade como Sherlock Holmes, mas a imaginação popular deu a essa figura imaginária uma existência real; aliás, parece que na Inglaterra existe um clube dedicado a perpetuar a lenda ou o mito de Sherlock Holmes.

Pois bem, falei sobre usar a viagem astral para ver alguns dos manuscritos não descobertos etc. Nos últimos 20 anos, muitas pessoas me têm escrito, dizendo que agora já podem fazer viagens astrais, e experimentar a realidade do que tenho dito. Dizem-me que, depois da luta inicial, sentiram que se haviam “libertado” e que podiam viajar à vontade, por toda parte e a qualquer momento.

Infelizmente, inúmeras pessoas me escreveram chamando-me de impostor etc., e dizendo todo tipo de coisas — das quais, estou certo, se arrependerão —, apenas porque não conseguiam fazer as viagens astrais. E só posso supor que, se a pessoa tiver a atitude errada, se agir de modo errado — tendo dúvidas e temores —, então não é assim tão fácil fazer a viagem astral. Para mim e para milhares e milhares de outros, não há problema, ou antes, o único

problema é contar aos outros como é fácil.

Consideremos novamente essa história de viagem astral, está bem? Você quer fazer a viagem astral. Antes de tudo, acredita nas viagens astrais? Está convencido de que existe uma coisa chamada “viagem astral”, que você pode realizar, dadas tais e tais condições? Se sua resposta for “não”, então não prossiga, pois não conseguirá a viagem astral. Você tem de convencer o seu subconsciente, porque, a meu modo de pensar, o subconsciente e o corpo astral são uma coisa como um menino segurando um balão cheio de hélio; enquanto o menino agarra o balão, este fica literalmente preso ao corpo dele, mas, se o menino puder ser levado a largar o cordão, o balão voa para cima. O estado da viagem astral é assim. Então, em primeiro lugar você deve crer que a viagem astral é possível. Depois, deve acreditar que pode fazer essa viagem.

Durante a viagem astral, é bem possível que qualquer entidade ou qualquer coisa lhe faça mal, se você tiver medo. Ora, se achar isso estranho, basta pensar no seguinte: se se sentir confortavelmente numa poltrona e pensar em alguma doença imaginária, e pensar em toda a dor e aflição que essa doença pode causar, você pode pensar que está com a doença, e o seu coração começa a palpitar, levando-o a sentir-se mal. Aí, acaba ficando certo de que há alguma coisa incomodando-o e o seu coração dispara ainda mais; logo, devido a esse disparo você fica com alguma perturbação gástrica, biliar ou coisa assim. Portanto, é bem possível você ficar positivamente doente, se acreditar que está com alguma moléstia que talvez seja incurável. Do mesmo modo, se tentar fazer as viagens astrais com a certeza de que algum bicho-papão vai aparecer e mexer com você ou coisa parecida, então terá medo de fazê-la e, nesse caso, será uma perda de tempo tentá-lo. Assim, uma terceira condição é que você não deve temer a viagem astral. O medo o impedirá de sair de seu corpo.

Mas, supondo que você esteja convencido da verdade da viagem astral, bem como de que deseja realizá-la, certo de não ter medo, então realmente não deverá haver obstáculo algum, a não ser que você deseje fazer a viagem astral por algum motivo maléfico. Por exemplo — e isso é verdade —, homens de certo tipo já me escreveram, dizendo que queriam fazer viagens astrais para poderem ver as pequenas se despiando, e coisas assim. Um homem escreveu-me para dizer

que queria fazer uma viagem astral com o objetivo de certificar-se quanto à virgindade de sua namorada, antes de se casar com ela! Asseguro-lhes que isso é verdade, e é um bom meio de se garantir que a viagem astral não será realizada.

Mas, supondo que você seja capaz de atender a esses requisitos, que acredite na viagem astral, que esteja certo de, com um pouco de auxílio, poder viajar com facilidade, que não tenha medo nem intenção de usar essa habilidade para qualquer coisa errada — então, deverá sentar-se em algum lugar, que não seja nem muito claro nem muito escuro, apenas neutro. Sente-se de modo a ficar completamente à vontade, tão confortável que nem saiba se está sentado ou deitado, certo de não haver arestas afiadas espetando-o. Depois, imagine-se positivamente saindo de seu corpo. Respire normalmente, com respirações profundas e ritmadas, e depois deixe seus olhos (fechados) rolares para cima, de modo que você fique, de fato, olhando para um ponto perto da linha de nascimento dos seus cabelos — se for calvo, terá de imaginar onde seria essa linha!

Seus olhos, então, devem estar envesgando um pouco, de modo que seu foco convirja, como já disse, no nascimento dos cabelos. Fique calmo, não adianta querer apressar as coisas; deixe as coisas seguirem à vontade. Ai, acontecerá uma entre três coisas. Você poderá verificar que, de repente, teve um sacolejão. Se se sacudir, então você pode voltar logo para o corpo, pois isso significa que você saiu do corpo e assustou-se. O susto o teria levado de volta, logo. Se quiser, pode dar um suspiro de irritação e recomeçar tudo outra vez.

A segunda coisa que pode lhe acontecer é você sentir uma ligeira... bom, só posso dizer dormência, que pode começar nos pés e espalhar-se para cima. Não é bem uma dormência; na verdade, é indescritível, a não ser que você sinta isso realmente lhe acontecendo. Podia ser dormência, ou uma ligeira vibração. De qualquer forma, é algo de diferente e você terá de procurar ignorá-lo. Mas é perfeitamente normal. Depois disso, certas pessoas verificam que estão num estado quase cataléptico; seus músculos se retesam, elas não conseguem mover-se. Bom... cuidado, de modo algum entre em pânico, nessa hora — este é um sinal muito bom, porque você está de olhos fechados, lembre-se. No entanto, nesse estágio você verá que é capaz de “ver”

através de suas pálpebras, mas tudo terá uma tonalidade dourada. E aí, quando tiver alcançado esse estágio, perceberá nele uma sensação de balanço e irá diretamente para o astral, onde poderá ver as coisas mais luminosas e mais vividas e com maior variedade de cores do que imaginava possível.

No terceiro estado, depois de ter descansado, você sentirá possivelmente, um balançar. Terá uma sensação de estar passando por um túnel, em direção a uma luz na outra extremidade dele. Estará esvoaçando para cima, como uma lanugem na brisa da tarde. Fique calmo, isso é bom sinal; logo verá que a luz vai ficando cada vez maior e então você esvoaçará para fora desse túnel, encontrando-se numa luz muito maior, verificando que já está no mundo astral. A grama em volta de você será mais verde, muito mais verde do que você imaginava possível. E as águas em volta, talvez um lago ou um rio, serão tão claras que você conseguirá ver o fundo. É uma sensação maravilhosa e, se você pensar em ir a um certo lugar, sentirá uma espécie de “pisar” e estará nesse lugar. Suponhamos, por exemplo, que você saiu para o astral e por algum tempo fica pairando alguns centímetros acima do solo, apenas olhando em volta, maravilhado com as coisas, imaginando o que fazer em seguida. Pode querer explorar no mundo astral, onde tudo é brilhante, onde as cores são mais vivas, onde há um brilho vibrante no ar. Pois, faça isso. Certamente, isso o revitalizará. Reforçará enormemente os seus poderes psíquicos. É muito melhor fazer isso e tomar algum “alimento espiritual”. Se o fizer, verá que não tem qualquer dificuldade em chegar ao astral, em qualquer outra ocasião; mas se quiser ir correndo para algum lugar, com algum propósito materialista, então terá alguns choques.

Suponhamos que queira ir ver XY, para saber o que ele estará fazendo; assim que você pensa nele e no lugar onde se encontra, estará ao seu lado, mas terá deixado o ambiente brilhante e a atmosfera sadia do mundo astral, voltando à Terra — no estado astral, admitimos, mas ainda vendo as coisas como as pessoas as vêem na Terra; as cores mortas, gente sem graça, água lamacenta. E se o seu amigo, XY, estiver num estado de espírito comercial, verá que as cores dele também estão bem apagadas e você não gostará nada disso.

Recomendo positivamente àqueles que entrarem no

mundo astral que devem nele permanecer talvez por uma meia hora, para se habituarem a ele, pois assim acharão muito mais fácil a viagem em outras ocasiões.

A grande dificuldade com a maioria das pessoas é que elas começam muito bem a viagem para o astral, mas aí o seu corpo range; elas sentem estranhos puxões e balanços. Às vezes, quase ficam enjoadas, devido a seu estado de nervos. Então, saem do corpo e entram em pânico. “Ah, e se eu não conseguir voltar ao meu corpo?” Assim que pensam isso — pum! —, estão de volta ao corpo, sentindo-se, talvez, meio tontas. Se você voltar ao corpo assim e se sentir enjoado e tonto, deite-se muito quieto e procure dormir um pouco, nem que seja um cochilo de alguns minutos, pois, até que o seu corpo astral possa sair de seu corpo físico e se realinhar e entrar corretamente, você se sentirá bem mal. Portanto, não adianta tomar uma porção de aspirinas; basta você sair de novo de seu corpo e voltar corretamente. É como levantar de manhã e descobrir que calçou o sapato no pé errado; você não havia de querer andar o dia todo assim, de modo que troca o sapato para o pé certo. Do mesmo modo, saia e volte direito para o seu corpo.

E é só isso. Digo que qualquer pessoa que satisfaça os requisitos pode fazer as viagens astrais — qualquer pessoa mesmo. Mas, se você tiver medo ou estiver na dúvida, então não perca tempo, porque não vai fazer nenhuma viagem astral.

Vou voltar ao tema original deste capítulo: a religião. Já disse algumas coisas a respeito da religião Cristã e das várias facções em luta dessa religião. Já disse que não tenho religião, pois o Budismo não é religião, é uma Crença. Muito bem, o que penso do Budismo?

Quanto mais estudamos o Budismo, mais podemos apreciar o seu valor intrínseco como GUIA PARA A VIDA, e mais podemos compreender que Gautama era negativo, em seu ponto de vista.

Minha Crença pessoal, que nunca publiquei antes, é de que Gautama, o Príncipe, era por demais abrigado das duras verdades da vida. Quando, de repente, defrontou-se com o sofrimento, a dor e a morte, aquilo “virou-lhe a cabeça”, deu-lhe um grave choque psíquico, perturbou seu sentido de valores, destruiu algo de essencial a seu ser. Portanto, o Príncipe Gautama, completamente desiludido, saiu do palácio e deixou todo o conforto que conhecera. Minha

Crença pessoal é de que ele se tornou “negativo”.

Se estudarmos os ensinamentos de Buda (tratemo-lo assim, que é mais normal para os povos ocidentais), percebemos que ele era negativo; tudo era “não”, “toda a vida é sofrimento”. Bom, nós sabemos que isso não é verdade, não é? Na vida há bons momentos, bem como maus. Portanto, acredito que Buda se tornou por demais negativo em sua mentalidade, embora ao mesmo tempo ele produzisse para o mundo preceitos muito valiosos, fundados numa religião muito mais antiga — o Hinduísmo. Buda pegou partes valiosas da crença hindu e formulou o que se chamou o Budismo. Do mesmo modo, Cristo não vagou pelo deserto, em absoluto; em vez disso, ele viajou pela Índia e o Tibete, estudando o tempo todo e absorvendo os Altos Ensinamentos do Hinduísmo, Budismo, Islamismo e outras religiões. Daí, Ele formulou aquilo que se tornou conhecido, numa forma deturpada, como o Cristianismo. Mais uma vez, devemos certificar-nos de que compreendemos que o “Cristianismo” de Cristo não era a versão muito alterada difundida no ano 60, com a finalidade de aumentar o poder de uma classe muito dissoluta de padres homossexuais. Como eram uma turma de vagabundos homossexuais, ensinavam que tudo o que se referia às mulheres era mau, o que, naturalmente, é tolice pura — pergunte à minha correspondente do Women’s Lib; ela lhe esclarecerá, e bem depressa!

Minha Crença, portanto, é de que, hoje, todas as religiões do mundo estão misturadas, desfiguradas e não valem nada, se consideradas em seu “valor de livro”. É preciso usar o bom senso, a razão; é preciso sondar sob a superfície e ignorar muitas das traduções completamente falsas que existem. Por exemplo, há muitos escritos nos Pergaminhos do Mar Morto que contradizem frontalmente a Bíblia, conhecida como a Versão do Rei Jaime.

Minha Crença pessoal? Bom, eu lhes direi. É o seguinte: Creio como já disse, que a única salvação possível para este mundo seja uma forma de religião — qualquer uma —, porque a religião não é mais do que a disciplina espiritual. O mundo hoje é mais dissoluto do que disciplinado, os jovens não respeitam mais os velhos, os filhos não respeitam os pais. Assim, se adotarmos uma religião que ensine esse respeito, daremos um passo à frente, não?

Deve haver uma volta à religião, para que o mundo

possa se corrigir, mas uma das maiores coisas na religião é tratarmos os outros como gostaríamos de ser tratados. Isso significa que temos de compartilhar, temos de dar, porque, na verdade, é muito melhor dar do que receber; certamente, faz a gente se sentir melhor saber que realmente se ajudou alguém. Assim, se todos vivêssemos como achamos que os outros deviam viver, em vez de sermos endiabrados e condenarmos qualquer outra pessoa que sequer olhe para o lado errado ou seja da cor errada, estaríamos fazendo alguma coisa de positivo.

Tanto quanto possível, eu procuro viver de acordo com a minha própria Crença e, passando em retrospecto os dias e semanas e meses e anos de uma vida bem longa, vejo muitas coisas que poderia ter feito melhor. Mas não importa; agora, cheguei ao ponto em que não posso fazer mais nada a respeito. Embora às vezes eu fique de mau humor — muitos de vocês me dizem isso, de qualquer forma! —, ainda assim procuro viver de acordo com a minha Crença, que é “Fazer aos Outros o Que Gostaria que Lhe Fizessem”.

Há outro ditadozinho bem conhecido no Extremo Oriente, que também se aplica para viver uma vida melhor. É o seguinte: “Não deixe que o Sol se ponha sobre a sua ira”. Em outras palavras, se você estiver brigando com alguém, trate de derrubá-lo e vencê-lo, antes de escurecer! Senão, se você fizer numa viagem astral, ele pode aparecer e dar um murro astral em alguma parte de sua anatomia.

Falando sério, porém, nunca se deve terminar um dia com raiva, porque isso tingê as nossas reações no mundo astral, e faz o diabo com as secreções gástricas!

Bom, agora posso parar o meu papel de pregador, de modo que vou descer, com cadeira de rodas e tudo, de meu caixote e dizer-lhes que é o fim de mais um capítulo, certo?

CAPÍTULO CINCO

“As suas capas são horríveis — parecem o tipo mais barato de ficção científica”, escreveu-me a almazinha feliz, que tinha de ter ALGUMA COISA para reclamar.

Normalmente, eu teria jogado a carta dele diretamente na lata de lixo, e nem pensaria mais nisso, mas, infelizmente, tenho recebido muitas cartas de protesto por causa das capas de meus livros, especialmente a de *A Terceira Visão*. Dizem-me que é horrorosa, revoltante, horrível, que desanima qualquer um e tudo o mais. Bom, meus queridíssimos Leitores — os de corações cheios de amor e aqueles sem amor em lugar algum —, permitam que lhes diga o seguinte: sou apenas o autor, sabem, o pobre coitado que escreve algumas palavras e as envia a um Editor. Ora, espero que o que escrevo seja publicado, espero que um dia consiga ter algumas ilustrações num livro. Nesse determinado livro, eu queria ilustrações relativas à Terra oca etc., mas o Editor é o único que pode dizer qual vai ser a capa. O autor não tem voz ativa alguma quanto à capa. Na verdade, na maioria das vezes o pobre coitado nem a vê, até que algum Leitor furioso lhe mande um exemplar, com uma carta muito insultosa, culpando-o por tudo.

Sou responsável pelas palavras, mas não pelas capas, nem pela falta de ilustrações, nem pela qualidade ou falta de qualidade do papel. Se não gostarem dessas coisas ... bom, pelo amor de Deus, peguem as suas canetas ou máquinas de escrever e escrevam ao editor, passando uma descompostura NELE — não em mim. Esta é uma ocasião em que sou inocente; não há muitas dessas ocasiões, mas esta é uma delas!

Outra coisa de que as pessoas reclamam é o que elas dizem ser o alto custo de meus livros. Alguns dizem que o preço é excessivo. Bom, discordo enfaticamente. Quando as pessoas me escrevem, reclamando por causa do preço dos meus livros, lembro-lhes que elas vão a um cinema ou teatro ou saem por aí, bebendo que nem gambás, ou então gastam dinheiro comprando cigarros, sem se queixar em absoluto; no entanto, pelo preço que pagam pelos meus livros, poderão ter uma visão completamente nova sobre a vida... ou a morte. Portanto, acreditem, creio que o preço de meus livros é extremamente razoável, e gostaria que os editores dobrassem o preço!

Ora, Gail Jordan escreve-me, fazendo algumas perguntas. Uma delas: “É errado a mulher cortar o cabelo? Isso atrapalha de alguma maneira a sua aura ou a sua vibração espiritual?”

Não, claro que não. O crescimento dos cabelos não tem realmente importância alguma. Toda essa história de Sansão ter ficado fraco por lhe terem cortado os cabelos é uma má tradução. O que aconteceu foi que o pobre coitado, apaixonado em demasia por Dalila, entregou-se a excessos sexuais e isso o enfraqueceu deveras!

Portanto, senhoras, cortem os cabelos, se quiserem; raspem tudo, se quiserem. Aliás, quando aderirem ao Women’s Lib, provavelmente terão de raspar os cabelos e colá-los ao queixo, para mostrar que são iguais aos homens.

A segunda pergunta da mesma pessoa refere-se a uma afirmação que fiz, em um de meus livros, de que um homem e uma mulher podiam ser compatíveis, se suas vibrações fossem do mesmo nível. Como é que um homem e uma mulher alcançam o mesmo nível de vibração?

Bem, tendo o mesmo tipo de natureza. Não é como afinar um piano. É preciso a pessoa certificar-se de que essas duas pessoas se gostam, de que podem suportar os defeitos que a outra certamente terá. Não há outro meio de fazê-lo. Se gostam do mesmo tipo de leitura, do mesmo tipo de música, do mesmo tipo de divertimento — bom, então, sem dúvida suas vibrações serão bem parecidas.

Não é possível saber quando a pessoa se casa com o parceiro certo, mas hoje em dia o casamento parece ser um negócio muito fortuito. Conheço um jovem casal que viveu junto, sem se casar, durante quatro anos, dando-se muito

bem. Depois, casaram-se e desde então andam aos trancos. Outro caso: perto de minha casa, há uma moça que está hoje num estado de detestar todo mundo, porque se casou e, depois de uma semana, viu que o casamento não era nada do que ela esperava. Então, sem dar uma chance ao casamento, foi logo pedindo o divórcio. Agora é uma mulher amarga e frustrada, e tem cara disso mesmo.

O casamento é uma coisa muito importante e, como todos os negócios importantes, não se deve assumi-lo levemente. Há muito toma-lá-dá-cá no casamento, e hoje em dia as mulheres são tão mimadas, tão maniacas da libertação feminina, com suas histórias de igualdade, que não dão oportunidade para o casamento dar certo; e, se as coisas continuam assim, em breve não haverá mais casamentos. Dentro de pouco tempo, as pessoas simplesmente viverão juntas por algum tempo, terão um bebê e, depois, quando tivermos o Estado Comunista, ele tomará conta do bem-estar do bebê e, pronto, teremos a decadência da civilização.

Deixe-me dizer uma coisa: as mulheres hoje são neuróticas, estouram por uma ninharia, porque estão tentando competir com os homens em todos os setores de trabalho. Assim, ficam frustradas e têm um esgotamento nervoso. Bom, de qualquer forma, a prova de que elas têm um parafuso solto na cabeça é adotarem esse negócio de libertação feminina.

Antigamente, a mulher tomava conta da família, cuidava dos filhos e era sadia. Também era feliz. Hoje, não se vêem mulheres felizes; estão sempre prontas a lançar as suas queixas na cara dos homens.

Outra pergunta: “Qual o seu signo astrológico?” Isso eu nunca conto. Acho uma impertinência perguntar isso. Se eu quisesse que as pessoas soubessem qual o meu signo astrológico ou a data de meu nascimento, eu lhes diria isso em meus livros. Recebi uma porção de cartas de pretensos astrólogos, que iam iluminar o mundo com o seu brilho, pretendendo saber os meus dados para poderem organizar um horóscopo para mim — nunca receberam uma resposta educada de minha parte.

Vejam, a Srta. Jordan tem uma porção de perguntas. Eis a quarta: “Quando a pessoa reencarna, acompanha os signos na ordem, começando com Áries e terminando em

Peixes?”

Não. Ela reencarna não apenas no signo, mas no quadrante do signo que lhe dê a melhor oportunidade para aprender naquela vida aquilo que for necessário. No final, ela terá de viver em todos os signos e em todos os quadrantes de todos os signos, mas não, como eu disse, na ordem do Zodíaco. E pode ter de viver dúzias de vidas em apenas um quadrante de um signo, porque, lembre-se, vivemos milhares de vidas na Terra.

Cinco: “O senhor disse, em um de seus livros, que a pessoa se torna mais espiritual. Pode relacionar alguns compositores, canções, instrumentos musicais etc.?”

Não, claro que não, pois o que serve para certas pessoas não serve para outras. Eu, por exemplo, gosto muito de música chinesa e japonesa, e algumas das músicas ocidentais me enervam muito, não sei por que as pessoas as apreciam. Assim, se escutasse as músicas de minha preferência, o ocidental médio teria dor de ouvido. Portanto, cada pessoa tem de encontrar a música mais adequada para si, mas vou dizendo-lhes, desde já, muito positiva e enfaticamente, que as pessoas estão se estragando com essa droga de *rock* e essa horrível música de *jazz*. Essa música — se é que se pode usar esse termo para um tal conglomerado de ruídos — provoca a tensão nervosa. Vejam alguns dos jovens — os *hippies*, por exemplo, que fazem esses festivais de *rock* —, bom, são uma turma meio triste, não são? A maioria parece fugida de algum hospício. Basta olhar para eles e dar a sua opinião.

Muito bem, sua última pergunta, Gail Jordan: “Já ouviu falar da carta em cadeia, que já deu a volta ao mundo várias vezes? Depois que uma pessoa recebe essa carta, deve enviá-la para 20 pessoas. De acordo com a carta, supõe-se que, se a pessoa não continuar a cadeia, morrerá. De qualquer forma, essa carta já assustou e perturbou muita gente, especialmente gente idosa. O que pensa disso?”

Acho que as pessoas que escrevem essas cartas em cadeia deviam mandar examinar seus cérebros, supondo-se que exista cérebro para ser examinado. Já recebi várias dessas coisas ridículas, e quando possível descubro o último remetente e devolvo a carta, junto com uma resposta que, espero, o castigue bem. Considero as cartas em cadeia a epítome da estupidez. Não posso entender como é que as

peessoas podem acreditar numa tolice tamanha; claro que ninguém vai morrer, se deixar de passar adiante essas cartas. Se houvesse qualquer verdade nisso, eu teria morrido muitas vezes, nos últimos 20 anos. Assim, em minha opinião, se você receber uma dessas cartas, procure descobrir qualquer pessoa na lista e devolva-a, exprimindo a sua opinião a respeito da estabilidade mental de quem a mandou. Isso abala as pessoas; algumas me escreveram de volta, desculpando-se e agradecendo-me sinceramente. Experimente e verá!

Quem me dera que fosse obrigatório o uso das máquinas de escrever, pois tenho aqui uma carta que me está fazendo ficar vesgo. De qualquer forma, a pergunta é a seguinte: “O senhor disse que o Superego envia marionetes para fazer experiências. Eu pergunto: assim que uma entidade experimenta as coisas para as quais foi enviada, volta ao Superego, tornando-se parte da mente dele? A pessoa perde sua identidade como indivíduo, ou se torna amiga de seu Superego? Pessoalmente, eu não gosto da idéia de ser apenas parte da mente de uma entidade. Quero continuar a ser eu. Pode explicar isso em mais detalhes? Não encontrei essa resposta específica em seus livros”.

Bom, há muita confusão nesse negócio de marionetes: é preciso lembrar que um ator, quando está no palco desempenhando algum papel determinado, na verdade “vive” como aquela identidade especial. Mas, quando o espetáculo termina e ele volta para casa, pode esquecer-se de bancar o Príncipe de Tal ou coisa semelhante. Assim, o Superego, que não pode ser compreendido na terceira dimensão, é a entidade final de um humano, e envia “tentáculos” ou “marionetes” para obterem certas informações. Pode-se dizer que é como o chefe de uma agência de detetives, que fica sentado em seu gabinete, colhendo informações por meio de seus operadores. Estes se apresentam a ele e lhe dão um quadro completo daquilo que ele precisa saber.

Afinal, depois de uma eternidade, todas as marionetes se reúnem e formam a entidade completa do Superego.

Pergunta: “O que acontecerá com as pessoas envolvidas na magia negra? Sendo um instrumento para ganhos pessoais, elas devem estar criando um mau carma. Voltarão como sacerdotes etc.?”

Infelizmente, há muita tolice escrita sobre a magia, seja

ela negra, branca ou de qualquer outra cor. Na maioria das vezes, o adepto da magia negra está apenas vivendo num falso paraíso. Ele ou ela não tem poder algum, nem pode lançar feitiços, de modo que a única pessoa prejudicada é o mágico e ele está apenas sendo tolo, apenas atrasando sua evolução. Assim, se um homem ou uma mulher for um estúpido mágico negro nesta vida, então esta vida é considerada desperdiçada, e não conta. Dessa maneira, a pessoa volta e recomeça de onde parou na vida anterior à vida da magia negra.

Naturalmente, se o mágico negro de algum modo prejudicar outra pessoa, então esta será uma marca negra acrescentada a seu carma e terá de ser paga. Mas não deseje ao pobre coitado o destino de ter de voltar como sacerdote ou coisa que o valha, pois não será assim tão importante.

Pergunta: “Exercitei minhas capacidades psíquicas e, embora seja razoável na telepatia, não consigo adquirir outras habilidades, por mais que tente. De que outro modo posso encontrar a minha finalidade? Devo tentar? E mais, como posso descobrir quantas vidas ainda terei na Terra?”

Você diz que é razoável na telepatia, mas que não consegue fazer as outras coisas metafísicas. Bom, vou lhe dizer claramente que não somos todos bem-dotados em todos os assuntos psíquicos. Consideremos apenas a vida comum, de todos os dias. Como exemplo: você pode saber escrever, mas saberá desenhar E se souber desenhar, saberá escrever e esculpir? A maioria das pessoas sabe fazer uma ou duas coisas muito satisfatoriamente, mas, se eles quiserem brilhar em todas as artes metafísicas, então têm de receber treinamento antes mesmo dos sete anos de idade. Embora eu possa fazer tudo sobre o que escrevo, tenho algumas inaptidões. Há muita coisa que não sei fazer: Por exemplo, não sei pintar; não saberia nem cair as paredes de uma sala. Portanto, todos nós temos as nossas habilidades e nossas faltas de habilidade, e o melhor que temos a fazer é aproveitar ao máximo aquilo que temos.

Há certas pessoas que chamamos de gênios. Muitas vezes, essa pessoa é extremamente brilhante, mas apenas em um setor; em outras coisas, ela tem de ser mais ou menos conduzida — isto porque toda a sua capacidade cerebral se dirige para um assunto específico, em detrimento de sua capacidade de conhecimento geral.

Pergunta: “Há quem pague quantias vultosas para obter a Meditação Transcendental. É um tipo de meditação que não usa nem a concentração nem a contemplação. Supõe-se que apenas aconteça, quando a pessoa aprende a Mantra. Sinto que estou mais relaxado etc., mas o senhor sugere a meditação contemplativa. Concordo, pois sou uma pessoa que pensa em tudo. Acha que é errado pagar tais quantias de dinheiro por um curso de Meditação Transcendental? Meu juízo me diz que alguém está ganhando dinheiro à minha custa e que estou sendo tolo”.

Pessoalmente, acho que as pessoas estão doidas varridas, se quiserem pagar muito dinheiro por esse negócio de Meditação Transcendental. Nem sei mesmo o que quer dizer. Para mim, é apenas um artifício para conseguir tirar dinheiro das pessoas, pois ou você medita ou não medita, ou você anda ou corre ou fica quieto. Ora, se você vai olhar para alguma coisa, vai olhar para ela com olhos de ganso ou vai olhar direito? Vamos iniciar um culto novo, não quer? E cobrar muito de dinheiro. Vamos dizer às pessoas que poderão ver as coisas melhor, se olharem para elas com olhos de ganso. Vamos cobrar-lhes algumas centenas de dólares. Em breve, poderemos nos aposentar e ir descansar.

Os alemães, lembre-se, marchavam com o Passo do Ganso. Claro que era muito bonito para os espíritos deformados, mas o ato de marchar com o Passo do Ganso era muito cansativo para os soldados. A Meditação Transcendental, em minha opinião, não passa de um artifício tolo. Vocês não precisam disso. Só precisam é de MEDITAÇÃO. É esta a minha opinião sincera, solicitada por você. ;

Pergunta: “O senhor pode ver a aura de uma pessoa, numa carta? O que se pode saber a respeito de uma pessoa, além das palavras que ela escreve? Sinto-me deveras deprimida por não saber por que estou aqui, ou para onde vou ou quem sou. Pode ajudar-me?”

Sim, posso ver a aura de uma pessoa, numa carta. Mas é pela psicometria, e isso não é tão claro quanto ver uma aura física de verdade. Se quisermos ver uma aura direito, para ser de alguma utilidade para a pessoa, esta pessoa tem de estar aqui, comigo, numa sala, no mínimo três metros e meio de outra pessoa, e deve estar completamente despida. Não só isso, mas ainda terá de ficar despida por uma

meia'hora, até passar o efeito das roupas. Afinal de contas, você não iria examinar um quadro, se ainda estivesse empacotado, não é?

Fico realmente abismado ao ver como é difícil conseguir que as mulheres ajudem na pesquisa da aura. Sei que existem umas revistas notáveis que mostram “tudo” e mais alguma coisa, onde algumas ilustrações, ao que me contam, serviriam até para um compêndio de anatomia. Ora, parece que as moças ficam muito satisfeitas por poderem posar inteiramente peladas, desde que sejam fotografadas e suas fotos circulem pelo mundo afora. Mas, quando se trata de ajudar a uma pesquisa de aura — oh, isso não! —, elas logo se apavoram.

Uma mulher escreveu-me, dizendo que estava louca para me ajudar nas pesquisas de aura. Estava disposta a tirar as roupas e ficar parada, para ser examinada ou mesmo fotografada. Aparentemente, estava pronta para fazer juramento sobre uma pilha de Bíblias, e de *Playboy* s, também. Assim, sendo velho e tolo, recebi a mulher e... não, nada a faria separar-se de suas roupas. Era mais uma que dizia ter feito o oferecimento apenas para poder me conhecer. Mas ela não ficou ali muito tempo. Parece-me uma coisa realmente incrível como algumas dessas mulheres, hoje em dia, podem ir para a cama com qualquer homem, mas não se despem para uma investigação da aura, coisa honesta e sincera. Houve mulheres que já me disseram, muito francamente, que teriam muito prazer em ir para a cama comigo... no escuro! Bom, não estou interessado nisso; vivo como um monge e não me preocupo com a anatomia feminina, a não ser no que me ajude nas pesquisas da aura, e essas pesquisas chegaram a um ponto morto, pelo motivo específico de me faltar dinheiro para o equipamento e mulheres que queiram despir as calcinhas!

Tenho aqui uma pergunta que parece um tanto notável: “Diga-me quantas vidas terei na Terra?”

Parece uma pergunta estranha, não? É como uma pessoa que entra para a escola, dizendo: “Diga-me quando vou sair da escola”. A resposta, naturalmente, depende de muita coisa. Essa pessoa que quer saber quantas vidas ainda terá... bom, qual é o seu estado de evolução atual? Que trabalho está fazendo na Terra? De que modo está fazendo esse trabalho? Está tentando ajudar os outros? Ou só está

interessado em se ajudar a si mesmo? Pretende continuar a se aperfeiçoar, ou vai se meter em tudo quanto é diabrura? Se uma coisa pode ser divina, certamente pode ser diabólica, em oposição?

Não é possível dizer quantas vidas mais a pessoa tem, porque o número de vidas a serem vividas depende inteiramente do comportamento da pessoa interessada. Isso se parece muito com algumas dessas sentenças penais usadas hoje nos EUA, em que a pessoa é condenada a um tempo indeterminado, como “de um a quatro anos”. Isto é, se a pessoa se tornar um paradigma de virtude na cadeia, sem manchar o caderno nem uma vez, então poderá sair dentro de um ano; mas, se fizer todas as diabruras possíveis, ficará encerrado lá durante os quatro anos completos. Portanto, aí está, Sr. Fulano de Tal: a resposta à sua pergunta é que tudo depende de você, do seu comportamento, de modo que é melhor ser bonzinho!

Temos agora um senhor que mora na África do Sul e que tem uma porção de perguntas, certamente aceitáveis para este livro. Vejamos.

“Os comunistas acabarão tomando conta deste país?”

Sim. Na minha opinião, uma forma de Comunismo há de varrer o mundo, porque hoje em dia as mulheres, especialmente, estão tentando obter o que chamam de “igualdade” e estão realmente trabalhando com afinco para encrencar tudo. Antigamente, o homem saía para trabalhar e ganhar o dinheiro para o sustento e a mulher ficava em casa, cuidando da família. Hoje, isso não acontece mais. A mulher se casa, no dia seguinte volta para a fábrica e, com o tempo, se tiver pouca sorte, tem um bebê. Fica em casa, recebendo o salário integral — pois senão gritaria: “Discriminação!” — e depois, quase imediatamente depois que nasce o bebê, volta para a fábrica, sendo o bebê enviado para alguma creche. Isso é tudo culpa dos Capitalistas, sabe, pois sua propaganda faz o povo acreditar que TEM de ter todos esses luxos maravilhosos, como pelo menos dois carros em cada garagem, máquinas de lavar roupa, aparelhos de TV, uma casa de campo, um barco e tudo o mais. Assim, saem correndo para comprar essas coisas que não podem ter, porque têm de “se manter à altura dos Jones”; arranjam seus cartões de crédito e pagam juros sobre essas contas. Acabam tão endividados que não ousam deixar de trabalhar. Tanto o

marido quanto a mulher têm de trabalhar. Às vezes, o marido ou a mulher tem de arranjar dois trabalhos — “acumulando” — e cada vez estão mais endividados.

Mas, pior do que isso, os filhos são criados sem qualquer disciplina de parte dos pais, sem amor paterno, de modo que ele ou ela acaba nas ruas, vagabundeando pelas esquinas e sucumbindo ao domínio de alguma criança mais forte, que, muitas vezes, tem maus princípios. E assim aparecem as turmas de vadios, errando pelas ruas, empenhados em vandalismo, surrando os velhos, só de farra. Há pouco tempo, li o caso de um pobre velho de mais de 65 anos, que foi surrado e roubado por uma mulher. E não só isso; ela ainda por cima levou-lhe a perna mecânica! Ora, o que é a mulher iria fazer com uma perna mecânica? Em todo caso, enquanto tivermos uma sociedade tão indisciplinada, estaremos maduros para o Comunismo. Já temos o Socialismo. Vocês deviam ir à Colúmbia britânica e viver sob o governo deles. Fiquei contente por escapar de lá! Acredito, pois, que uma forma modificada do Comunismo há de dominar o mundo e, somente quando as pessoas estiverem dispostas a viver em casa, cuidando de sua família, é que ela irá desaparecer.

Depois de uma época bem pior do que estamos agora — e estamos passando por um período bastante mau, não? —, teremos uma era em que as pessoas aos poucos despertarão dos falsos valores que existem no mundo de hoje. Infelizmente, as pessoas hoje ficam hipnotizadas pelos anúncios, acreditam que TÊM de ter certas coisas, sucumbem aos anúncios subliminares nos cinemas e na televisão. A pessoa assiste a um programa de TV e depois se levanta, como um sonâmbulo, pega o carro e vai a algum supermercado, voltando carregada de mercadorias que não tinha a menor intenção de comprar e para as quais não tem utilidade alguma, só porque foi indevidamente influenciada pela propaganda. Tudo isso terá de acabar e, mesmo correndo o risco de parecer um velho rabugento, torno a dizer que terá de haver uma volta a algum tipo de religião. As pessoas terão de se libertar dos grilhões do egoísmo, pois agora elas apenas querem, querem, querem, e sem se importar muito com o modo pelo qual poderão satisfazer seus desejos. Temos a era do vandalismo, em que os jovens acham que é uma verdadeira vergonha pagar pelas coisas, e em vez disso vão para as lojas e praticam o roubo. Vão em bandos,

distraem o dono da loja ou o empregado e, enquanto um ou outro está distraído, os cúmplices correm pela loja, tirando o que bem entendem. Já vi isso acontecer, quando estava em Vancouver. Estava sentado em Denman Mall, na minha cadeira de rodas, é claro, e vi isso acontecer. Contei a uma vendedora, que se limitou a dar de ombros e dizer: “Mas, o que posso fazer? Não posso correr atrás deles, senão levam a loja inteira, enquanto viro as costas”. Portanto, não haverá uma Idade de Ouro, até que as pessoas passem por muito mais sofrimentos. Elas terão de passar por todo tipo de provações, até que a sua psique fique tão arrasada que não consiga mais suportá-las. Então, elas despertarão de seu estado quase hipnótico de instrumento do pessoal de propaganda. Mas nem assim terão muito prazer na vida, até que a mulher fique em casa, esqueça as suas aspirações feministas e cuide de sua família, com decência, dignidade e disciplina.

Aquí, surge outra pergunta: O próximo Mestre ou Líder Espiritual iniciará o seu reino antes ou depois da futura Guerra Mundial? Certamente, os seres inteligentes que acabarão por se instalar aqui, vindos de longe, são mais adiantados espiritualmente do que os da Terra, não?

Não podemos ter um verdadeiro “Líder”, até que as pessoas estejam preparadas para ele. Primeiro, elas terão de sofrer muito mais. E vou lhe dizer agora que nenhum desses tão falados “Gurus” pode ser considerado um Líder Mundial, sob nenhum aspecto. Tenho em mente um rapaz que levantou um bom dinheiro com essa história de ser “Líder Espiritual”. Parece que ele voltou para a Índia e o seu governo — e o pessoal do Imposto sobre a Renda! — o pegou.

Existe um Líder já pronto para esta Terra, mas, até as condições estarem adequadas aqui, ele não terá chance alguma. Portanto, ele só dará sinal de sua presença quando as condições estiverem propícias. Afinal de contas, o que são 100 anos, ou 1.000 anos, na vida do mundo? Toda esta civilização acabará passando e outras virão, desenvolvendo-se, caindo e desaparecendo também, dando lugar a outras, pois esta Terra não é mais do que uma escola de treinamento, e se não nos sairmos bem agora... bem, continuaremos a voltar, até termos mais juízo.

Nós, os que escrevemos livros, recebemos todo tipo de cartas estranhas. Por exemplo, recebi uma porção de cartas

de pessoas que me dizem estar cansadas de serem mandadas; que viram um anúncio de karatê, ou de judô, ou de alguma das “artes marciais” orientais, e que vão correndo fazer um curso disso, para que, logo depois da primeira lição, possam sair e dar uma surra num dos mandões. Em seguida, perguntam o que é que eu acho disso.

Acho que essa gente é estúpida. Para começar, acredito firmemente que essas pessoas que anunciam cursos de karatê ou outros, especialmente por correspondência, deviam realmente ser processadas, pois não se pode ensinar essas coisas por correspondência. Além disso, a pessoa nunca deveria tentar aprender o karatê ou judô, ou qualquer dessas coisas, a não ser com um professor reconhecido e diplomado nessa parte.

Hoje em dia, parece-me, como observador interessado e treinado, que a coisa se passa mais ou menos assim: um rapazola lê uma dessas brochuras sobre a arte de imobilizar os adversários e fica entusiasmado; em seguida, começa a pensar: “Puxa, mas isso pode dar uma nota!” E aí ele tem essa idéia maravilhosa: vai reescrever o livro, como curso por correspondência. Faz a namorada tirar quase toda a roupa e tira umas fotos, mostrando como uma pequena frágil pode derrubar um homenzarrão. Depois, o anúncio aparece em publicações adequadas, convincentes, e o dinheiro começa a entrar, os patetas fazendo fila para dar seu dinheiro por uma coisa que realmente não lhes serve.

As pessoas me perguntam o que acho disso, o tenho uma contra pergunta-padrão. É a seguinte: “Muito bem, você está sendo assaltado, depois de tomar cinco aulas sobre autodefesa; mas, o que vai fazer se o seu assaltante tomar 10? Se ele receber muita oposição de sua parte, se você tornar o assalto muito difícil, ele vai realmente surrá-lo, enquanto que de outro modo apenas lhe tiraria o dinheiro”.

A Polícia, acredito que quase sem exceção, aconselha a que a pessoa fique quieta, que não resista, pois, se um assaltante estiver desesperado e encontrar resistência, então provavelmente o que seria um simples roubo passará a ser um estupro ou mutilação. Pode até chegar a assassinato. O mais aconselhável é você não resistir a um ladrão. Em vez disso, procure observar com cuidado como ele é; seu tamanho, seu modo de falar, se é alto, magro, gordo, se tem algum maneirismo especial. Olhe bem para ele, examine-o —

sem parecer estar fazendo-o —, para poder dar à Polícia uma descrição precisa. Você deve poder descrevê-lo com exatidão; por exemplo, a cor dos olhos, dos cabelos, forma da boca e das orelhas. Ou alguma peculiaridade especial — se parece ser canhoto, se é manco, se há algum detalhe característico nas roupas que depois lhe permita identificá-lo. Lembre-se: se ele for preso por causa de sua descrição, você poderá ter de ir à delegacia para identificá-lo. E vai ficar com cara de bobo, se identificar um guarda à paisana, misturando ali só para fazer número! Portanto, meu conselho é: fique calmo, não entre em pânico e observe o assaltante com muito cuidado, tomando nota mentalmente de tudo o que valer a pena.

O melhor conselho que lhe posso dar é o seguinte: não se meta com esses cultos tolos; não lhe adiantarão de nada.

Outra coisa sobre a qual me escrevem são essas armas anunciadas em tantas revistas, hoje. Geralmente, é uma coisa parecida com uma caneta-tinteiro, pelo menos no tamanho. É anunciada como proteção contra assaltos e libera um gás venenoso, que incapacita o atacante por uns 20 ou 30 minutos.

Na teoria, é uma idéia maravilhosa para proteger VOCÊ, mas pense: pode estar certo de que o vento estará a seu favor? Se o vento estiver soprando em direção, a nuvem de gás não irá contra o seu assaltante, mas contra você. E o assaltante dará a maior gargalhada de sua vida, ao ver você esperneando no chão, sob a influência de sua própria arma. Aí, só lhe bastaria abaixar-se e pegar o seu relógio ou qualquer jóia que tenha. Você estará indefeso; não poderá fazer nada. Assim, um conselho bem pensado é o seguinte: quando você vir esses anúncios de armas de gás, limite-se a sorrir, com ar superior, e não as compre. Poderá estar armando uma armadilha para si mesmo, se comprar.

Lembre-se disso: a Polícia está treinada para lidar com assaltante. Se você for tentar defendense, verá que, se levar uma boa surra ou lhe cortarem o pescoço, não terá muita compaixão de parte da Polícia, nem de ninguém. Deixe isso com a Polícia, é o mais seguro.

Fico muito, muito triste com alguns dos anúncios que aparecem hoje em várias publicações. Por exemplo, as pessoas muitas vezes me mandam anúncios, nos quais alguma firmazinha vigarista diz estar fabricando artigos

especialmente desenhados por Lobsang Rampa, ou vendendo artigos fabricados na oficina de Lobsang Rampa. Quero, pois, esclarecer isso de uma vez por todas: não fabrico artigo algum, não tenho oficina. Ao contrário, passo a maior parte do tempo na cama ou na cadeira de rodas e não tenho facilidades nem vontade para fazer qualquer coisa dessa natureza.

Não tenho firma comercial de espécie alguma, nem estou ligado a nenhuma, direta ou indiretamente. De qualquer modo, só há duas pessoas que podem usar o meu nome: o Sr. Sowter, de A Touch Stone Ltd., 33 Ashby Road, Loughborough, Leicestershire, Inglaterra; e o Sr. Ed Orłowski, de Covehead, York P.O., P.E.I., Canadá. Para essas duas pessoas, desenhei certos artigos, dando-lhes permissão de fabricá-los, COMO SENDO DESENHADOS POR MIM E FABRICADOS POR ELES. Agora, além dessas duas pessoas, mais ninguém tem o direito de alegar que é meu associado ou que está fabricando artigos de meu desenho. Se alegam que têm artigos meus e não se chamam Sowter ou Orłowski, podem estar certos de que são impostores.

Menciono isto porque tenho visto muitos desses elementos perniciosos anunciando nas revistas sobre assuntos psíquicos. Anunciam como se estivessem associados a mim, quando, na verdade, isso jamais aconteceu. Portanto, queiram conservar isso em mente. FORAM AVISADOS!

CAPÍTULO SEIS

As coisas andam difíceis, ultimamente. Tivemos um afluxo terrível de cartas, às vezes mais de 100 por dia, e as pessoas se irritam bastante quando têm de esperar um ou dois dias pela resposta.

Minhas dores aumentaram e o tempo me fazia sentir cada vez pior. Noite após noite, eu me revirava em minha cama e afinal não agüentei mais.

A Sra. Rampa quase queimou as linhas telefônicas, procurando um médico que atendesse em casa. A médica que me atendeu foi grosseira e quase desumana: “Leve-o para o hospital; é a única coisa a fazer com gente assim.” Pois bem, a minha mulher telefonou para uma infinidade de lugares, mas não havia um médico que estivesse disposto a atender um doente em casa.

Passei a noite numa agonia tremenda, pensando no que estava acontecendo com a profissão médica. Certamente, médicos se dedicavam a aliviar os sofrimentos; certamente um dos preceitos elementares era: “Não fazer o mal”. Na verdade, era fazer-me mal, deixar-me no meu estado de padecimento. Para aquela noite, não houve alívio nem consolo. As horas amargas foram passando e a noite toda ouvi o tráfego trovejando sob a minha janela. Uma das coisas notáveis de Calgary é que o tráfego continua ininterruptamente, 24 horas por dia. Parece que nunca pára — mas isso era de esperar, numa cidade que tem o maior número de carros por cabeça na América do Norte.

Afinal, os primeiros raios de luz começaram a filtrar-se

por minha janela, e reiniciou-se o esforço para tentar encontrar um médico que atendesse a domicílio. Alguns de vocês podem estranhar por que não me levaram logo para o hospital. A resposta é simples: os hospitais hoje em dia não gostam de receber um paciente, a não ser que haja um pedido positivo ou uma recomendação de um Clínico Geral. Ultimamente, tem havido muitos casos de pacientes que são recusados pelos hospitais. Aliás, na ocasião mesmo do agravamento de minha doença, soubemos do caso de uma pessoa que foi levada a um hospital e que não foi admitida. O pobre coitado enfermo foi levado a uma série de hospitais, sendo recusado em todos eles, e depois veio a morrer em casa. No inquérito, tudo foi revelado, mas, como no momento eu estava doente, não acompanhei o que aconteceu. Acredito que tudo tenha sido abafado pelas autoridades do hospital.

Por volta do meio-dia, conseguimos que um médico fosse ver-me. Ele chegou, olhou e telefonou, pedindo uma ambulância. Dentro de uns 20 minutos, chegaram os homens da ambulância, rapazes muito alinhados e eficientes. Foram os funcionários da ambulância mais atentos que já tive, e já estive nos hospitais da Inglaterra, Alemanha, França, Rússia, e alguns outros lugares. Mas aqueles rapazes sabiam o que estavam fazendo. Puseram-me na maca e me levaram para fora. Aí, um deles disse, com orgulho: “O senhor é o segundo paciente a andar nessa ambulância; ela nos foi entregue hoje.” Sim, e era uma ambulância muito boa. Levaram a minha maca para dentro, um dos funcionários entrou comigo e lá fomos nós para o hospital Foothills.

Dali a pouco, estávamos correndo pela nova estrada que ievava ao hospital. Pouco depois, ficou escuro, quando entramos na plataforma das ambulâncias. Sem qualquer formalidade, sem perda de tempo, a minha maca foi levada para fora e para o carrinho de novo, e os dois homens úa ambulância me empurraram pelos corredores e para um elevador.

O elevador subiu suavemente e paramos, sem um sacolejão. Manobraram-me com muito cuidado por um corredor, rumo a uma enfermaria. Tenho de repetir que aqueles dois rapazes conheciam o seu serviço; eram eficientes, delicados, muito diferentes de outros em cujas mãos tenho sofrido.

O Foothills é, talvez, o melhor hospital de Calgary, o

mais eficiente, o mais moderno. É um lugar “simpático”, em que o pessoal “se interessa” pelos pacientes. E devo dizer que as enfermeiras e serventes fizeram o possível para tornar mais agradável os dias que passei ali. Ninguém é tolo a ponto de dizer que um tratamento seja agradável, foi o que eu disse ao pessoal do Imposto Sobre a Renda, quando me perguntaram por que eu havia de ter uma cadeira de rodas... bom, certamente ninguém tem uma cadeira de rodas por prazer — é uma questão de necessidade para os inválidos. Da mesma maneira, o tratamento no hospital não era divertido, mas tornavam-no o mais indolor possível, devido aos cuidados e dedicação do corpo médico.

Em outros hospitais, não havia absolutamente o pensamento humano, mas o Foothills. .. bem, fiquei tão impressionado que, quando parti, escrevi ao Diretor Médico e ao Administrador, elogiando especialmente certas enfermeiras e determinado servente, um servente que, sem dúvida, passava dos limites de seus deveres para aliviar as coisas para os pacientes.

Naturalmente, espero nunca voltar a um hospital, mas se tiver de fazê-lo, a minha preferência, sem reservas, será pelo Foothills, de Calgary, talvez o melhor hospital que se possa encontrar — se se encontrar um hospital!

Voltei para casa, não curado, naturalmente. Eu estava me sentindo bem mal e o trabalho neste livro é difícil — difícil porque, quando se sofreu tanto quanto eu, o corpo se revolta contra o trabalho extraordinário. Não importa, já disse que este livro será escrito, e é o bastante.

Hoje, saí de novo, pela segunda vez desde que voltei do hospital. Biggs ainda está aqui, e vai continuar por uma semana. Fomos até os morros e novamente descobri as desvantagens de ser um “sensitivo”. Passando por um antigo acampamento de índios, em outros tempos cenário de um massacre, cheguei a fechar os olhos, porque estava “vendo” os índios e a luta sendo travada. Quanto pior minha saúde, mais psíquico eu me torno. Era tão nítido, para mim, quanto o carro em que eu estava sentado, e é uma coisa assustadora passar de automóvel no meio de um massacre.

Até Biggs, que dirigia, que não tem pretensões a ser “sensitivo”, sentia alguma coisa, como se seus cabelos estivessem se eriçando.

Mas foi muito agradável, lá no alto, acima da cidade. Entretanto, como em tantas outras cidades hoje em dia, a

atmosfera estava poluída. Temos poços de petróleo em volta de Calgary e eles lançam suas exalações no ar, dia e noite. Em minha ignorância, sempre me assombro por que as exalações ficam em volta da cidade. Estamos a 1.000 metros acima do nível do mar, na cidade mais alta do Canadá, e eu ficava pensando por que as exalações não desciam para as pradarias. Não importa, talvez um dia eu compreenda por que, mas é de- sanimador olhar e ver esse círculo de névoa marrom envolvendo a cidade.

De volta de meu passeio aos morros — para trabalhar de novo, pois o trabalho deve prosseguir, aconteça o que acontecer.

Antes de continuar a responder ao tipo de perguntas que mais lhes interessam, deixem que eu responda a uma pergunta que me fazem muito freqüentemente: “Não compreendo esse seu endereço, BM/TLR, Londres, Inglaterra; isso não me parece um endereço, mesmo.” As pessoas não acreditam que esse seja um endereço de verdade, e por isso empregam todo tipo de artifício para se assegurarem de que as autoridades do Correio da Inglaterra saibam que a carta é dirigida a mim. Assim, vou ocupar um pouco de espaço para fazer propaganda gratuita de uma firma muito boa.

Há muitos e muitos anos, um homem na Inglaterra resolveu que seria muito cômodo, para os viajantes e outros que não quisessem divulgar seus endereços, que ele estabelecesse um acordo com o Correio britânico, segundo o qual ele poderia ter um endereço geral — British Monomarks, London W.C. 1 —, no qual seria centralizada a correspondência, para em seguida ser reexpedida para uma firma que ele organizou.

Aí, por uma importância muito modesta, ele dava às pessoas o que se chama de endereços Monomark. O tipo mais barato é dos atribuídos a alguém que fosse, por exemplo, BM/1234. Mas se você quisesse usar as suas iniciais, poderia fazer o que eu fiz; o meu Monomark é: “BM/TLR”. Ora, o BM quer dizer “British Monomarks”, quando os funcionários do Correio vêem a sigla BM sabem logo do que se trata e, naturalmente, a carta é então entregue à British Monomarks. Esta sabe que BM é o seu código, e passa ao segundo — neste caso, “TLiR”. Então, a correspondência de TLR é colocada numa caixa, sendo-me

enviada duas ou três vezes por semana. Ou são colocadas etiquetas sobre o BM ou tudo é posto num grande envelope, dependendo do que se deseja.

Há ainda outro tipo de BM Monomark — o BCM —, reservado para firmas. O meu é do tipo particular, mas, se eu fosse uma grande firma, teria um “British Commercial Monomark”.

Em 20 anos, não tenho uma única queixa contra a British Monomarks, e é realmente uma coisa espantosa, para mim, ver como são cuidadosos com a correspondência e como são infalíveis. Imaginem, recebo uma quantidade enorme de correspondência do mundo inteiro — até de Moscou! — e os selos dos envelopes não são roubados, nem há qualquer engano. Portanto, se vocês quiserem saber mais a respeito deles, basta escrever para BCM/MONO, Londres W.C.I., Inglaterra, e receberão todas as informações necessárias. Mas quero aproveitar esta oportunidade para felicitar calorosamente a firma Monomark pelo serviço maravilhoso que presta. Vejam o meu caso pessoal: eu vivo em constante movimento, estive em outros países, andei por todo o Canadá; no entanto, basta escrever para Monomarks, dizendo que a partir de tal data devem remeter toda a correspondência para o meu novo endereço, e a correspondência é entregue, sem qualquer extravio. Deixem-me dizer-lhes isso, pois vale a pena saber. Há pouco tempo, houve um fato muito desagradável. Uma senhora conhecida — amiga minha — teve uma perturbação nervosa; imagino que ela estivesse aborrecida com as encrencas que eu estava tendo com a imprensa. Ela escreveu então para British Monomarks, recomendando que toda a minha correspondência fosse enviada para o endereço dela. Fez parecer que era uma solicitação positiva de minha parte.

A British Monomarks é uma firma muito experiente. Não acreditaram nela, não se iludiram... escreveram para mim, para saber quais eram as minhas instruções. Bom, eu quase estourei, mas depois me acalmei e vi que a gente não briga com uma amiga só por causa de um errinho, provocado talvez por tensão nervosa. Assim, disse à Monomarks que me enviasse a correspondência normalmente. Realmente, eles merecem os maiores elogios. Podem pensar que estou exagerando, mas não estou, em absoluto. A correspondência de uma pessoa é uma coisa importante, e é vital para todos

nós podermos confiar totalmente naqueles que nos remetem nossa correspondência. E PODEMOS confiar na Monomarks! Portanto, obrigado, senhores e senhoras do Pessoal da Monomarks.

A Sra. Rouse — aliás, Buttercup — me diz que pareço o Doutor dos Sete Anões, quando me apronto para trabalhar. Bom, não sei se ela quer dizer o Pateta, mas suponho que devo parecer um sujeito estranho, metido numa cadeira de rodas, rodeado de pilhas de cartas contendo pilhas de perguntas. Não importa, pediram-me para escrever este livro e eu o estou escrevendo, a despeito de me sentir como alguma coisa que o gato trouxe para casa — e que largou às pressas. Então, vamos prosseguir com nossas perguntas e respostas, está bem?

Ai, Deus do céu! Fui me meter numa encrenca! Eis a primeira pergunta que acabo de pegar. É bom se recostarem e limparem os óculos, se os usam, e prestarem atenção: “Considerando que somos seres tridimensionais, evoluindo (esperamos) para a quarta dimensão, segue-se logicamente que viemos de uma segunda dimensão, e, antes disso, da primeira. A pergunta inicial é: Será essa digressão verdadeira? Em caso afirmativo, o que éramos antes da primeira dimensão, e que feitos espirituais precisávamos, para poder progredir? Agora, para complicar mais as coisas, se a primeira e a segunda não existem em nossa evolução, conforme raciocinamos antes, então de onde nos originamos, antes da terceira dimensão!”

Bom, espero que vocês não estejam tão tontos quanto eu, porque, de fato, isso é bem verdade, sabe. Nós realmente evoluímos de um ser de uma dimensão. Consideremos uma ameba, por exemplo.. Suponho que poderíamos logicamente considerar a humilde ameba como sendo uma criatura de uma dimensão, e toda a vida evolui de uma entidade de célula única, e a célula única forma outras células; depois, ocorre a fissão, para formar mais duas entidades. É este o primeiro estágio de evolução. Mas, de qualquer maneira, na verdade, esta não é uma pergunta que possamos responder satisfatoriamente, porque a criatura de uma dimensão não teria mais compreensão de nosso mundo tridimensional do que uma pessoa pode ter do mundo de seis dimensões, enquanto está aqui. Portanto, temos de aceitar certas coisas em confiança. Há pessoas que realmente se cegam com a ciência, como se diz. Procuram formular perguntas além de

sua própria compreensão. Assim, evoluímos de uma entidade de uma dimensão para as dimensões incontáveis, indizíveis, até que afinal nos tornamos um só, com o Superego; então, quando formos um com o Superego, este estará completo, e aí também ele tem de passar a uma outra evolução. De maneira alguma podem existir coisas estacionárias na natureza, — nada é estacionário. Não se pode ficar parado numa corda bamba, por exemplo. Se você tentar, tem de ficar balançando ou se contorcendo, a fim de conservar sua posição aparentemente estacionária; e se você está balançando, não está estacionário, não é? Portanto, toda a vida é movimento, toda a vida é vibração, e quanto mais evoluímos mais vibrações provocamos.

Talvez ajude, se eu disser aos músicos que podemos tomar uma nota simples, o Dó central, se quiserem (é a única nota que conheço!), como sendo o ser de uma dimensão. Mas, depois, quando progredimos, de modo a poder usar as duas mãos no piano, conseguindo tocar um acorde múltiplo, podemos dizer que estamos já em três, quatro ou cinco dimensões, em termos de vibração, porque, querendo ou não, a música, por mais bela que seja, continua a ser uma coleção de vibrações que “se dão” umas com as outras.

Sinto muito não poder responder a isso mais especificamente, mas não se ensina cálculo integral aos recém-nascidos, não é?

Agora, temos uma pergunta que certamente vai me meter em encrencas. Algumas pessoas me escrevem, dizendo que sou contra os Judeus. Acreditem, não é nada disso! Dou-me muito bem com os Judeus. Imagino até que, como Budista, eu tenha uma certa simpatia por eles; a maioria deles certamente simpatiza comigo.

“Você disse que o povo Judeu é um grupo que foi conservado para uma nova experiência neste ciclo da existência. Isso significa que o povo Judeu é sempre Judeu, em suas vidas na Terra?”

Não, não significa nada disso. Vamos nos esquecer de Judeus e Cristãos e Budistas; vamos considerar uma escola. Muito bem, estamos em nossa escola; temos uma turma de desordeiros da segunda série, que chegaram ao fim do ano letivo e estão fazendo exames para ver se seus cérebros estúpidos absorveram algum conhecimento durante esse

período. Alguns conseguem passar nos exames, provavelmente mais por sorte do que outra coisa. De qualquer forma, os que passam vão para a terceira série. Os pobres coitados que não passam ficam na segunda. Ora, quando repetem a segunda série, sentem-se ao mesmo tempo inferiores e superiores. Sentem-se inferiores por não terem tido inteligência suficiente para passar nos exames e serem promovidos, mas sentem-se superiores à nova turma que entrou para a segunda série, e às vezes comportam-se de uma maneira inteiramente insuportável. Temos a impressão de que seria um prazer pegar uma vara e dar nos traseiros deles, até lhes tirar o couro.

Os Judeus são um povo que, em outra Rodada da Existência — ou outro Ciclo da Existência se preferirem —, não passou nos exames de fim de ano; por isso, foi conservado nessa determinada série, para mais uma tentativa. Alguns deles sentem-se arrogantes, outros sentem-se inferiores, mas os demais povos têm ressentimento contra os Judeus, porque eles têm muito mais conhecimentos inatos.

Dou-me muito bem com os Judeus, compreendo-os, eles me compreendem, e nenhum Judeu jamais tentou converter-me a coisa alguma. Os gentios tentaram. Às vezes, uns velhotes idiotas, com mania de religião, me infernizam a vida, mandando-me brochuras, folhetos, Bíblias, “palavras sábias” em verso — cada vez piores — e tudo mais. Outras vezes, mandam-me crucifixos ornamentais ou imagens, querendo que eu os pendure em volta de mim. Pois bem, isso vai tudo para a lata do lixo. Não preciso que ninguém me diga qual será a minha religião: eu já tenho uma, embora seja Budista. Tenho minhas crenças particulares; o Budismo é apenas um modo de vida.

Em todo caso, os Judeus quase sempre se comportam melhor do que os Cristãos, não é? Vejam as crianças Judias, como são disciplinadas. Vejam os adultos Judeus. Se os tratam bem, são ótimas pessoas, e orgulho-me de pensar em certos Judeus maravilhosos que são meus amigos.

Não havia Judeus antes de Abraão, em todo caso, ou não eram chamados Judeus. Nessa época, eles tinham uma classificação totalmente diversa. Pode-se dizer que o G. I. Joe de repente se torna Joe Doakes — é apenas uma questão de outro nome.

Portanto, uma resposta breve seria que uma pessoa não

é necessariamente Judia, depois deste ciclo determinado, pois, tão logo tenha “aprendido suas lições”, será promovida à série seguinte, onde — espera-se — nem haverá mais Cristãos. Pensem assim: na escola, um aluno repete a segunda série porque não conseguiu passar nos exames; mas, se nos próximos exames ele passar, então poderá ser promovido à terceira série.

Uma senhora está com um problema, ao que parece. Quer saber: “Existe alguma forma de controle de natalidade por ervas? Existe alguma forma que o senhor recomendaria, que seja praticada atualmente?”

Nunca me considere especialista em controle de natalidade e, naturalmente, os povos dos países do Extremo Oriente só usam ervas para controlar a concepção, e essas ervas são infalíveis. Mas de que adianta, madame, contar-lhe a respeito, se a senhora não pode ir buscá-las — e não pode mesmo! Portanto, creio que o conselho mais bondoso que posso lhe dar é que, se a senhora estiver “desse jeito”, peça auxílio à sua clínica de controle de natalidade local.

Ah, vejam só. Há pessoas que às vezes são muito desagradáveis, não é? Temos aqui um “cavalheiro” que me diz, da maneira mais horrenda possível, que o que eu quero é apenas ganhar dinheiro fácil, escrevendo livros, e que, se eu fosse sincero, mandaria organizar um índice especial, para ele não ter o trabalho (ELE, notem bem!) de procurar, em todos os meus livros, alguma coisa interessante escondida num montão de palavras estúpidas.

Bom, naturalmente, eu gostaria de ter um índice, mas ninguém mais parece querer isso. Na verdade, eu gostaria de ter um livro à parte, como, por exemplo, um décimo sexto livro, que não seria nada senão um índice. Muito bem. Então, vocês Leitores, estariam dispostos a pagar por um livro que não fosse nada senão um índice? Nesse caso, escrevam, dizendo isso ao meu Editor. Encontrarão seu endereço neste livro. Ele não o fará de graça, isso é certo, pois também tem de viver. De qualquer forma, se as pessoas lerem os meus livros direito, terão um conhecimento adequado do que eles encerram. Já lhes contei que recebi uma carta de uma mulher, na Califórnia, dizendo que tinha lido *Você e a Eternidade* em meia hora e que, se eu fosse um escritor decente, podia pôr toda a essência do livro em meio capítulo!! Continuo assombrado por saber que uma pessoa

pode ler um livro como *Você e a Eternidade* em meia hora — assombrado e descrente.

Um senhor francês parece estar muito preocupado com seu futuro. Conta que “talvez eu tenha colocado mal minhas perguntas, mas elas parecem ter provocado respostas um pouco paradoxais, diante do que o senhor exprime em seus livros. Longe de mim a idéia de lhe dirigir uma repreensão, pelo contrário, tenho um desejo fervente de bem entendê-lo. O senhor diz em sua carta que o Mediterrâneo estará muito seguro. No entanto, acredito lembrar que em um de seus livros o senhor fala em afundamento da periferia do mar”.

Bom, continuo a dizer que estou certo. O Mediterrâneo vai acabar tendo o seu fundo soerguido, de modo que o que é hoje água se tornará terra. Eu disse a esse senhor, numa carta, que ele estaria perfeitamente seguro, e continuo a dizer que ele estará seguro de tal desastre. Entendamos: a pessoa pensa em sua própria vida e acha que isso é toda a eternidade, mas não é. Se uma catástrofe vai acontecer dentro de uns 100 anos, então uma pessoa que pode ter, digamos, 20 anos de vida pela frente estará bem segura desse desastre. As pessoas me escrevem, perguntando se devem fugir para as Montanhas Rochosas, ou ir para algum outro lugar, e ficam muito insultantes quando lhes digo que, em minha opinião, estarão perfeitamente seguros onde estão. Imaginem que um sujeito de 70 anos me escreveu, terrivelmente assustado, porque acha que a terra vai afundar e ele vai molhar a cabeça. Digo que onde o sujeito mora haverá um afundamento NOS ANOS FUTUROS, mas não creio que isso se dê durante a vida dele. Se estiverem pensando em seus netos, então está bem, mudem-se depressa para as Montanhas Rochosas — as Canadenses, naturalmente. Mas vão ter de limpar um bocado de neve primeiro. Agora mesmo, ao escrever este livro, estou olhando pela janela e vendo as Montanhas Rochosas. Elas têm um monte de neve em cima. Mas, falando sério, a pessoa média que me escreve não precisava se preocupar; esses desastres não ocorrerão durante a sua vida, a não ser que estejam escrevendo a pedido de uma criancinha!

Olá, Shelagh McMorran, então resolveu mandar-me umas perguntas, hein? Aqui está ela: “O que é preciso fazer para poder comunicar-se com os Espíritos da Natureza ou as Fadas?”

Isso é muito fácil. Você tem de viver o que se chama de “vida pura”, a fim de aumentar as suas vibrações. Tem de viver como uma eremita, pois, se se misturar com muita gente, suas vibrações pessoais se atrasarão; do contrário, você não poderia se dar com as outras pessoas.

Depois, você terá de praticar a telepatia, pois não adianta falar com os Espíritos da Natureza por meio das cordas vocais. O sistema vocal é por demais rude e grosseiro para os Espíritos da Natureza. Você só pode usar é a telepatia. Mas, se conseguir comunicar-se com o seu gato, então conseguirá comunicar-se com os Espíritos da Natureza.

Você diz ainda: “As pessoas olham em volta, procurando a salvação e a iluminação. Será que as respostas que buscamos estão não numa fonte externa, mas em nós?”

Ah, sim, positivamente. Somos o que fazemos. Se acreditamos numa coisa, então essa coisa pode acontecer. Eu diria que o método mais fácil, disparado, de encontrar a “salvação” é seguir a Regra de Ouro: “Só fazer aos outros o que quer que lhe façam.”

Há muita gente achando que vai conseguir a salvação através de algum livro sagrado, ou seguindo algum Ensino que está 1.000 anos atrasado. Se quiserem seguir alguns desses preceitos Cristãos primitivos, então terão de concordar em que as mulheres são artigos inferiores, animais etc. Mas as nossas mulheres do Women’s Lib não gostariam disso e, naturalmente, teriam razão. A minha própria crença é (devo cochichá-lo?) que as mulheres são em tudo iguais aos homens, embora sejam criaturas diferentes, quase uma espécie diferente. Os homens servem para algumas coisas, as mulheres servem para outras. Portanto, por que as mulheres não tratam de sua tarefa especial, tomando conta da nação, da disciplina e treinamento da raça futura? Elas veriam que assim encontrariam a salvação!

“A humildade, a sinceridade, a inocência, o perdão, a integridade, a dedicação ao mestre espiritual, a pureza, a constância, a harmonia própria — se estiver tentando viver por esses preceitos, poderá ele (ou, perdão, ela também) ter fé em que está progredindo direito, mesmo que não tenha visões, nem se manifestem os poderes ocultos?”

Positivamente, pois, se estiver obedecendo à Regra de

Ouro, então estará a caminho de obter todas essas virtudes. E não há nada de “sagrado” em ser psíquico, nada de especialmente espiritual em ser clarividente; é apenas uma habilidade. Por exemplo: não diríamos que uma pessoa seja necessariamente espiritual apenas porque¹ sabe cantar ou escrever livros. Portanto, não importa a pessoa ser muito pura ou íntegra, se ele ou ela não tiver a necessária constituição física para ser psíquica — então, não será psíquica. Pode-se ser psíquico mesmo sendo mau, mas é melhor ser psíquico e bom.

Bom, Shelagh McMorrán, há aqui uma pergunta que se aplica a muita gente; muita gente já escreveu coisas semelhantes. Eis a pergunta completa: “Já foi dito pelo senhor e outros sábios que, quando o discípulo estiver pronto, o Mestre aparecerá. Também já se disse que, para a pessoa progredir no Caminho e despertar a divindade latente dentro de si, precisa ter um Mestre. Qual o melhor meio de a pessoa se preparar para o encontro com um Mestre espiritual? Esse encontro pode ocorrer em qualquer setor da vida, ou é preciso fazer certas coisas, ou desistir delas antes que possa ocorrer? É verdade que a pessoa pode preparar-se agora para um encontro que se realize em alguma vida futura?”

Sim, é perfeitamente verdade que, quando o discípulo estiver preparado, o Mestre aparecerá, e não cabe ao discípulo dizer quando é que ele ou ela está preparado. O que acontece é o seguinte: à medida que o discípulo ambicioso se desenvolve, ele ou ela (ora, diremos apenas “ele”, como termo genérico) aumenta de vibração básica. Essa vibração é como um sino tocando no etérico, de modo que um Mestre, sempre preparado para um discípulo, e que poderá ou não aparecer no físico, vai em seu auxílio. E quero esclarecer que isso não significa, necessariamente, que o Mestre se poste diante do discípulo, batendo-lhe nos dedos de vez em quando, para ele prestar atenção; o Mestre pode estar no astral, e pode ensinar ao discípulo quando este também lá estiver.

Há muitas pessoas que escrevem, insistindo em que estão preparadas — estão bem certas de estarem preparadas. Então, por que eu ou outra pessoa não corre, atravessando terras e mares, para ir em seu auxílio?

Refuto a idéia de que as pessoas devem ter Mestres

físicos. Oponho-me positivamente a todos esses cursos por correspondência, que alegam ensinar-nos a metafísica, a espiritualidade etc. etc. Se você precisa de um Mestre, você o terá no astral. E vou lhe dizer uma coisa: quando você morrer, isto é, quando o seu corpo físico tiver terminado para esta Terra e a sua entidade astral continuar para o mundo astral, terá de ficar sozinho, respondendo pelos sucessos e fracassos. E é inútil pensar que, porque você um dia fez um curso por correspondência em matéria de lambe-botas, o lambe-botas chefe virá interceder em seu favor, explicando por que você só sabe lambe botas, e não engraxá-las. Não, quando você passar para o outro mundo, terá de ficar só e responder por si, de modo que o melhor a fazer é acostumar-se a isso desde já. Confie em si, confie em seus recursos. Você não quer ser apenas um escravo ou sombra de algum curso por correspondência, ou algum líder de culto burro, não é? Você é uma entidade; portanto, aja como tal.

Shelagh McMorran, você pergunta se é preciso desistir de certas coisas, antes de a pessoa poder progredir, e a resposta é, naturalmente, sim. É preciso desistir de coisas como tóxicos, pois eles afetam o seu psíquico. É preciso desistir de drogas — não VOCÊ, naturalmente, pois não é dada a essas coisas; talvez eu devesse dizer: “é preciso a pessoa desistir dessas coisas.” Então, é preciso a pessoa desistir das coisas que prejudicam o corpo astral, pois, se você estiver fazendo mal a esse corpo, todas as suas vibrações estão erradas, não é? E se suas vibrações estão erradas, você não terá um Mestre astral ou físico, e assim estará de volta à estaca zero.

“Através dos tempos, a Iniciação tem representado um papel vital no progresso da alma. Na era atual, de que modo e em que circunstâncias pode essa Iniciação ter lugar?”

Bom, não sou muito favorável a iniciações, porque geralmente elas não passam de cerimônias ridículas que não servem para nada, a não ser apavorar algum pobre coitado. Só se precisa, na verdade, é de uma declaração simples e direta, uma declaração das intenções da pessoa, uma promessa de pretender fazer certas coisas ou estudar certas coisas. E mantenho que é burrice mergulhar a pessoa em água suja, ou dar-lhe um gole de vinho, ou pôr pedacinhos de pano colorido sobre ela. Isso é apenas uma palhaçada teatral. Uma afirmação simples é o bastante como cerimônia

de iniciação. É apenas uma compreensão de que a pessoa está pronta para dar certos passos que aumentarão a sua habilidade psíquica.

“Jesus e outros Líderes Mundiais tinham seguidores e amigos outros que não os seus discípulos imediatos. O senhor disse, em *Capítulos da Vida*, que deverá nascer um novo Líder, em 1985. Seria possível uma pessoa fazer alguma coisa, agora, para tornar-se digna de ser um auxiliar, um apoio, uma adepta ou amiga do novo Líder Mundial naquele tempo futuro, ou aqueles seguidores íntimos estarão todos num ciclo diferente de todos nós?”

O único meio de se preparar é vivendo uma vida decente, uma vida espiritual, uma vida “correta”, desse modo dando o exemplo aos que o rodeiam. Hoje em dia, vivemos numa época realmente horrorosa, em que todos estão querendo prejudicar-se mutuamente. E as coisas ainda vão piorar muito, a não ser que muitos de nós façamos questão de ser exemplos dos benefícios que pode trazer uma vida decente. A maioria das pessoas só faz uma coisa se houver nisso algum benefício material em troca. Isso parece de um cinismo chocante, eu sei, mas acredito que seja verdade, de modo que, no princípio pelo menos, a gente precisa mostrar aos outros que existem benefícios materiais obtidos pela calma, a paz e honestidade — até que a “oposição” possa convencer-se dessa verdade. Então, não mais seguirão o Caminho estreito e limitado.

CAPÍTULO SETE

Buttercup esteve me lembrando que não estou fazendo muita coisa, até agora, no sentido de responder, neste livro, às perguntas psíquicas. Então, não sei o que acham que estive fazendo, pois pensei que era disso que o livro tratava. De qualquer forma, que tal esta pergunta? “Como é que a pessoa sabe que o Kundalini começou a despertar, a não ser observando sua aura?”

A pessoa saberá; e, se o Kundalini despertou devido a práticas erradas, o psiquiatra também saberá! Se a pessoa se meter com o Kundalini — e pode fazê-lo —, então pode provocar distúrbios mentais muito sérios. Nunca se deve procurar despertar o Kundalini, e sempre esperar que isso ocorra naturalmente. É uma coisa muito perigosa mesmo interferir com o Kundalini.

Claro que se pode observar a aura e ver o que está acontecendo com a aura e o Kundalini, mas aí voltamos ao velho problema de como fazer as mulheres tirarem as calcinhas. É uma coisa muito extraordinária, pois, enquanto escrevo isto, numa temperatura extremamente quente, de 32° C, as pessoas estão nas piscinas, ou tanques, ou seja como for que chamam essas coisas, e algumas estão praticamente despidas. Parece que tiram a maior parte das roupas só para se exibirem, mas quando se trata de uma coisa séria, como estudar a aura... não, gostariam de ter as roupas pintadas no corpo. De qualquer forma, pelo que tenho visto nas piscinas próximas, é bastante bom que essas mulheres se conservem vestidas — estariam melhor numa roupa completamente sem forma do que em seus biquínis, ou seja como for que os chamam. Isso me faz pensar em mulheres gordas, de calças apertadas — ohhh! —, mas é melhor não falar sobre esse

assunto!!

Outra pergunta: “Será possível, no estágio atual, abrir o terceiro olho, do jeito que o senhor fez, ou isso tem de ser resultado de um despertar gradativo dos *chakras*?”

Bom, você gostaria de ter o apêndice extraído por um amador? Ou o faria você mesmo? Se tiver algum juízo — e deve ter, ou não estaria, lendo este livro — deve procurar o melhor especialista para fazer o serviço. Do mesmo modo, você precisará de um verdadeiro especialista para abrir o seu terceiro olho, e eles são bichos raros. Aliás, não é coisa nada difícil, se a gente puder olhar para a aura ao mesmo tempo, pois, olhando para ela, sabemos exatamente o que está acontecendo, e assim é possível controlar tudo.

Mas, na verdade, eu nunca, nunca aconselharia um ocidental a ter o seu terceiro olho aberto por uma operação. Da mesma maneira que aconselho os ocidentais a não fazerem a acupuntura. Isso funciona admiravelmente para os orientais, porque foram criados para isso e porque, de muitas maneiras, são bastante diferentes dos ocidentais. Assim, não faça abrirem o seu terceiro olho por uma intervenção, senão poderá acabar espiritualmente cego.

Há alguém aqui interessado em pêndulos... ah, é a nossa amiga Shelagh McMorran. Ela pergunta: “Seria possível ou provável os elementais ou semelhantes controlarem as reações de um pêndulo?”

Sim, é bem possível às entidades travessas fazerem qualquer coisa; podem facilmente controlar o pêndulo, por exemplo. Caso não saibam como isso pode se dar, digamos que um homem esteja dirigindo um ônibus escolar; ora, ele está com uma turma de escolares levados e, depois de algum tempo, pode ser que eles tramem alguma coisa e se juntem contra o motorista. Aí, um deles, mais tolo ou mais ousado do que os outros, pode tomar conta do volante e tentar controlá-lo, a despeito de todos os esforços do motorista. Pode ser até que alguns dos outros meninos puxem as mãos do motorista do volante. Os garotos hoje em dia fazem quase tudo; por que não haviam de fazer isso? Ocorre quase a mesma coisa quando um ente travesso controla o pêndulo. Quem utiliza o pêndulo, por algum motivo, perde o controle sobre ele, ou então nunca teve. E é por isso que eu sempre repito que vocês devem fazer o pêndulo ser seu e de mais ninguém, pois, se VOCÊ controlar o pêndulo, nenhum outro ente poderá fazê-lo. Assim, tudo depende de quanto controle você tem.

Ora, uma pergunta...

“Em *Capítulos da Vida*, o senhor faz previsões sobre fatos que ocorrerão pelo fim do período do atual ciclo mundial. Durante esse período, acha que os Jardineiros de Terra voltarão a roçar e podar esse jardim emaranhado e contorcido, ou será mais provável que eles voltem depois que os cataclismos liquidarem com a maioria de nós, ervas daninhas?”

Acredito que os Jardineiros da Terra estejam ficando muito fartos do estado deste mundo, porque os humanos, sabe, basicamente, estão ficando cada vez mais egoístas e em vez de tentarem fazer-se o bem, parecem dedicar-se à mútua destruição.

Acredito que, por volta (eu disse “por volta”) do ano 2000, possamos ver incidentes bem assustadores, durante os quais, possivelmente, os Jardineiros da Terra ou seus mensageiros especiais virão dar uma olhada em nosso mundo.

Nos cataclismos do passado, o povo da superfície da Terra foi impelido, de modo que pôde entrar em seu interior, pelas grandes aberturas nos Pólos. Naturalmente, as pessoas no interior da Terra estarão bem a salvo das bombas atômicas que devastam o exterior, pois acredito que a espessura da Terra, entre esta camada e a interna, seja de 1000 a 1500 km, grande parte constituída de minério de ferro e várias rochas duras.

Se quiserem ver a brincadeira, fiquem por aí, até por volta do ano 2000, e terão um espetáculo grátis.

Agora, mudando completamente de assunto. Uma pergunta que vem de um país sul-americano, e muito razoável: “Quando eu rezar, como devo chamar o meu Superego? Não gosto de um nome humano; seria certo dizer: ‘Deus’, ‘Senhor’, ‘Guia’, ou apenas ‘Superego’? O senhor mencionou que o Superego tem várias marionetes para dirigir; isso significa que ele também dirige outras pessoas, ou só a mim? Nesse caso, ele não seria apenas o meu Superego, mas de outras pessoas também. Eissas pessoas estão relacionadas comigo de alguma forma, ou não?”

Que bomba, hein! Comecei achando que era uma simples pergunta, mas trata-se de uma penca delas, não é? Não importa como chama o seu subconsciente. Contanto que você tenha a idéia de estar se dirigindo ao Superego ou ao subconsciente, poderia até numerá-los: número um para o

Superego, número dois para o subconsciente. Naturalmente, isso não é muito espirituoso, mas não importa como você chama o seu Superego, desde que seja constante. Deve sempre usar o mesmo nome.

Ora, já falei várias vezes a respeito do Superego e das marionetes. Vamos pensar assim: você tem o seu corpo; chamemo-lo de Superego. Depois, tem uma mão direita, uma mão esquerda, um pé direito e um pé esquerdo; chamemos a estes as suas marionetes. Então, as suas mãos e os seus pés fazem positivamente parte de você, não é? Estão positivamente relacionados uns com os outros; precisamente desse modo, as outras pessoas que são marionetes daquele Superego são relacionadas, ligadas, dependentes umas das outras. E o Superego tem de lidar com cada uma dessas marionetes exatamente como você tem de lidar com suas mãos e seus pés. Por exemplo, se os seus pés não se derem bem juntos, você não poderá andar, pois, supondo que as marionetes que você chama de seus pés não se gostassem e quisessem ambas dar um passo ao mesmo tempo... bom, você cairia para trás. Não tenho certeza de que não se possa fazê-lo, e certamente não vou tentar, mas o fato é que você tem de manter os seus pés e mãos em boas relações de funcionamento.

Agora, a seguinte pergunta: “Ao deixar esta vida, teremos todos de passar pelo lugar em que os elementos, formas de pensamentos, ou seja lá o que forem procuram assustar-nos? Isso é uma coisa inevitável para nós todos, ou os auxiliares têm condição para nos salvar dessa situação? Se morrermos de repente — por exemplo, de algum desastre de automóvel ou de avião etc. —, os auxiliares têm tempo de chegar logo até nós, ou teremos de vagar sozinhos, à mercê desses terríveis elementos?”

Puxa! Parece que topei com perguntas múltiplas. O que será que fiz para merecer isso? Bom, de qualquer forma, suponhamos que você vai viajar de trem ou de carro ou de ônibus ou mesmo de avião; que terá de atravessar uma certa área de “domínio público”, antes de chegar ao seu veículo. Ou melhor: suponhamos que você tem um carro do lado de fora de sua casa e quer entrar nesse carro. Tem de sair de sua casa e atravessar a calçada, para chegar ao seu veículo. Da mesma forrha, quando você deixa o seu corpo, tem de atravessar um área de “domínio público para os espíritos”,

para chegar ao astral. Em 99% dos casos, porém, não se vê nenhum elemental. Se você não tiver medo, não terá de se preocupar, pois os elementos não podem perturbá-lo, nem se aproximar de você. Portanto, qual o motivo da preocupação? Você pode estar saindo de casa, em direção ao seu carro, e ver uma porção de crianças olhando para você, na calçada, mas não precisa se preocupar com elas, não é? Portanto, por que se ocupar desses elementais?

E, assim, certamente que os auxiliares têm possibilidades de salvá-lo de qualquer coisa. Não importa que você tenha um desastre súbito; os auxiliares estarão presentes. Lembre-se de que o tempo na Terra é uma coisa puramente artificial e não tem significado em outras partes. Por exemplo, se você quisesse ir, digamos, da América do Sul à Austrália, na Terra, teria uma trapalhada enorme para comprar as passagens, pegar a sua bagagem e viajar de um continente para outro. Teria de atender a uma porção de formalidades alfandegárias e de imigração. Mas nesse outro estado, no astral, você pensa num lugar e está lá, rápido assim. Desse modo, uma pessoa no astral pode estar a uma distância incalculável de você, em quilômetros, e dizer: “Ah, meu Deus, lá está Fulano de Tal, e vai ter um desastre; vou lá”. Então, o auxiliar astral estaria na cena do acidente antes mesmo que ele ocorresse.

Agora, outra pergunta sobre os astrais: “O senhor mencionou pelo menos dois estágios astrais diferentes nos seus livros anteriores um sendo ligeiramente mais elevado do que o outro, ao que entendi. Nós todos, pessoas médias, não tão evoluídas, temos de ir para lá, depois de morrer na Terra? É naquele plano que pode existir um tipo de vida de família, que o senhor também mencionou em alguns dos seus livros? É possível passar diretamente de um plano para outro, mais elevado, ou precisamos todos, inevitavelmente, reencarnar entre cada plano astral mais elevado?”

Se vocês pudessem me ver agora, veriam que estou ficando cada vez mais tristonho. Para começar, a temperatura está ficando gradativamente mais alta — o dia ESTÁ mesmo quente, aqui — e, depois, tenho nas mãos, mais uma dessas malditas perguntas múltiplas. Sinto-me como' se estivesse escrevendo três ou quatro livros ao mesmo tempo!

Nós na Terra estamos em certo estágio de evolução. Aqui, estamos num estágio físico, num mundo

tridimensional. Quando “morrermos”, isto é, quando o nosso corpo cessar de funcionar, por algum motivo, passaremos ao “plano astral”, ou seja, um tipo de zona de recepção. Nesse determinado plano astral, faremos uma avaliação daquilo que fizemos e deixamos de fazer no mundo tridimensional, ouviremos recomendações de conselheiros especiais e talvez resolvamos que será melhor voltarmos à Terra, isto é, reencarnarmos e termos mais uma vida na Terra.

Mas pode ser que não nos tenhamos saído tão mal assim, e nesse caso poderemos progredir — ir para um plano mais elevado da existência, talvez um mundo de quatro ou cinco dimensões. Porém, devo repetir que o tempo é diferente quando estamos fora da Terra; podemos ficar muito tempo na astral e depois reencarnar quase imediatamente, de acordo com os dias terrenos neste mundo. Isso é bastante confuso, se você estiver muito acostumado a crer que o tempo é somente 60 segundos num minuto, 60 minutos numa hora, 24 horas num dia etc. O tempo no astral é flexível.

No astral, podemos ter ligações de amizade — aliás, precisamos tê-las, a fim de completar as nossas experiências básicas. Também podemos ter ligações amorosas aceitáveis — tenho certeza de que isso animará muitos de vocês!

Parece mesmo que algum pobre coitado está todo emaranhado nesse negócio astral. Vejam essa pergunta: “Se um de seus filhos, ou outra pessoa querida, deixar esta Terra antes ou depois de mim, e for enviado de volta à Terra em uma nova encarnação, antes que eu chegue ali; ou se eu for mandado de volta antes que ele chegue, como será possível nos encontrarmos no astral? E se ele ou eu tivermos passado a um plano astral mais elevado, como é que podemos nos encontrar, então? É possível visitarmos uns aos outros, mesmo estando em planos astrais separados?”

Em meus livros, tenho procurado transmitir às pessoas a idéia de que podem, se quiserem, deixar este corpo e passar ao plano astral, onde poderão encontrar outras pessoas. Parece que não consegui grande coisa, não é? Portanto se a pessoa que faz essas perguntas quiser ler os meus livros... bom, a resposta está lá, bem clara. Se quiserem encontrar uma pessoa no astral, podem fazê-lo, por telepatia, e podem sair de seus corpos para isso.

Se uma pessoa estiver num plano mais elevado e quiser encontrá-lo no astral, poderá viajar, descendo até o seu

próprio plano astral. Não há problema algum, desde que ambas as pessoas desejem esse encontro.

Estive vendo outra pergunta e fiquei pensando se não deveria largar tudo e retirar-me para um mosteiro. Talvez, em vista de algumas dessas perguntas, fosse mais certo retirar-me para um convento. De qualquer forma, julguem por si. De que modo VOCÊS responderiam a essa pergunta?

“Em qual estágio, exata ou aproximadamente, o espírito penetra num bebê que vai nascer? Existem milhares de mulheres nesta Terra com esta pergunta na cabeça. Digamos que uma delas estava cega e romanticamente apaixonada e deixou-se levar muito longe pelo homem que lhe jurou amor verdadeiro e eterno, além de casamento. Mas ele não pôde dominar sua paixão e assim ocorreu a tragédia. Ele continua a amá-la, mas não pode se casar com a infeliz. Ela tem de se livrar daquilo etc. Hoje em dia, provavelmente é apenas descuido. As pessoas se entregam ao sexo só pelo prazer, sem ligar para mais nada. Mas pode responder a essa pergunta? O sexo não é pecado, nem mau, se ligado ao amor, como o senhor mesmo já disse nos livros. O sexo sem amor não tem significado e representa apenas prazer animal, mas ainda é praticado grandemente desse modo. Não é crime abortar antes que o espírito penetre no embrião de uma criança? Qual o momento em que um aborto se torna um assassinato???”

Bem, bem, bem. Depois de algumas dessas perguntas, sinto-me igual à Tia Fulana, que escreve em certos jornais revistas etc. Sinto que-estão me forçando a responder a todo tipo de pergunta, inclusive que não são ligadas à metafísica; mas talvez essas coisas SEJAM ligadas à metafísica. Vamos supor que são, em todo caso.

Realmente, hoje em dia, com todos os tipos de controle da natalidade, não há muita desculpa para gravidez indesejável, mas, quando essas coisas acontecem — e certamente acontecem —, a minha opinião pessoal é de que um aborto é perfeitamente aceitável, desde que seja feito antes do sexto mês!

Naturalmente, o feto ou embrião está vivo muito antes disso, mas não é necessariamente uma entidade “ocupada por um espírito”; é apenas um bolo de carne em crescimento, preparando-se para ser ocupado. Assim, como já disse, segundo os meus conhecimentos pessoais, um aborto pode

realizar-se até aos seis meses, sem ser um assassinato. Ao contrário, podia ser considerado apenas como um ato de uma pessoa para livrar-se de algo que não é desejado.

Com o passar do dia, a temperatura está cada vez mais quente. Imagino que seja por isso que os ovos expostos nas vitrinas estejam ficando cozidos e duros. Eu certamente tenho de ser cara dura para enfrentar algumas dessas perguntas, e fico pensando o que será mais quente: a temperatura de mais de 32° ou as perguntas? Preparem-se para a próxima:

“Divórcio. Se um homem e uma mulher que se amaram e se casaram, acreditando piamente que nunca se separariam nesta vida nem na outra, aos poucos fossem ficando magoados um com o outro, confusos e desesperados, e de repente percebessem que não se entendiam mais, que pareciam ter-se tomado estranhos, incapazes de se comunicar, o que deveriam fazer? Deveriam continuar a viver juntos, mas quase começando a se odiar, o abismo entre eles se tornando cada vez mais profundo, o ambiente em casa cada vez mais pesado, ou deveriam separar-se? Como é possível isso acontecer, quando ambos podiam jurar, do fundo do coração, que nunca haveriam de deixar de se amar? Cada qual sente que o outro mudou terrivelmente, por algum sortilégio misterioso. Ele e ela não pensam como antes, não reagem como antes. Ele e ela passam o tempo todo criticando coisas em que antes não achavam defeitos. Quando problemas físicos também entram em cena e não parece haver solução, o que fazer? Será errado separarem-se? Devem continuar a viver juntos, apenas porque assinaram alguns documentos e algum padre mandou que o fizessem? Ou devem ser honestos e se separarem, deixando que o tempo cure as feridas, podendo assim ficar compreendido que ambos erraram, e não somente uma das partes? O que é errado, o que é certo?”

Muitas pessoas me perguntam isso; portanto, darei a minha opinião sincera a respeito. Acredito que, na crença cristã, os padres se intrometem tanto no casamento que tudo fica dependurado.

Por exemplo, na seita católica, se a mulher não tem muitos filhos, os padres se tornam muito' uesagradáveis a respeito e ameaçam o marido e a mulher com coisas terríveis. Sei que é verdade, porque já vi isso acontecer,

pessoalmente. E na Irlanda aprendi o significado do velho ditado: “O padre tinha o chapéu na maçaneta da porta, então o marido ficou de fora!”

Se dois sócios em negócios não conseguem se entender, eles se separam. É a única coisa sensata a fazer, e o casamento é hoje realmente um negócio! Minha opinião pessoal é de que as pessoas nunca deviam separar-se; deviam divorciar-se e se separarem definitiva, propositada e irrevogavelmente. Afinal de contas, se você tiver um dente doente, não vai ao dentista para que ele o arranque pela metade, vai? Manda arrancar o dente todo, para poder esquecer tudo aquilo. Bom, se você tiver problemas com a mulher ou com o marido e não puder ver sentido no casamento, não perca mais tempo — divorcie-se. Não se importe com o que possa dizer o imbecil do padre; não é ele quem está passando por isso, não é ele que está sofrendo — é você. Acredito que a maior parte das crenças religiosas propaladas hoje em dia seja completamente errada. Nos tempos antes do Cristianismo, o casamento era uma coisa extremamente agradável, totalmente diversa do que é hoje, nas comunidades religiosas não dominadas pelo Cristianismo, o casamento é uma coisa mais compatível.

A resposta, portanto, é: divorciem-se, depressa. Mas procurem separar-se como amigos que tiveram uma divergência, uma diferença. Não é preciso sair por aí denegrindo o caráter do outro. É preciso haver duas pessoas para existir um divórcio, o que significa que os dois são culpados.

Amanhã, o Sr. John Bigras — Biggs — e seus dois gatos, Sr. Wayfarer e Sra. Wayfarer Bigras, vão entrar em seu carro enorme e partir para Vancouver. Eu gostaria muito de poder ir com eles, viajando pelas montanhas e vendo todas as árvores. Aqui em Calgary não existem muitas árvores: é muito diferente de todo o verde que há em Vancouver. Mas é assim mesmo, sei que meus dias de viagens são limitados. Portanto, em primeiro lugar tenho de desejar boa viagem ao Sr. Bigras e Gratos Bigras. Biggs pode se despedir de mais umas férias, dei-^lxadas para trás por um ano. Em breve, poderei despedir-me de um décimo quinto livro completado.

Recebo algumas perguntas extraordinárias; por exemplo, como se deve responder a isso? “Estive lendo, em A

Caverna dos Antigos, sobre o monge japonês. Isso me levou a pensar em mim mesmo, lendo várias coisas. Como vamos saber se nos estamos prejudicando?”

Ora, o que se pode responder a isso? Provavelmente, ligando tudo isso à medicina. Vejamos o que se pode fazer: suponhamos que você tem um televisor e vê todos esses anúncios de remédios, ou suponhamos que você leia os jornais e veja os anúncios sobre isto e aquilo, que cura tudo... bom, ninguém de juízo tomaria todas as porcarias anunciadas, porque tantas coisas não se combinariam bem. Se você tomasse duas coisas opostas uma à outra, isto é, que não fossem compatíveis, o seu estado se agravaria, acrescentando por algum outro padecimento de sua fabricação. Portanto, só posso dizer é que, se você estiver lendo demais sobre muitos assuntos, ou demais sobre o mesmo assunto, então devia fazer uma pausa. Sem querer ser um supervendedor, digo às pessoas que deviam ler os meus livros, porque tudo o que ali digo é a verdade e posso fazer tudo sobre que escrevo. Tem havido uma porção de pseudo-autores, ultimamente, que apenas tiram pedaços dos livros dos outros e os reescrevem, de modo a se pensar que é um livro diferente. Mas, se a gente reescreve uma coisa, nem sempre se tem o mesmo sentido, não é mesmo? Portanto, acho que uma pessoa devia concentrar-se em um autor, em um assunto. Depois que tivesse lido tudo o que esse autor houvesse escrito, aí sim, se quisesse, poderia passar a outra coisa. Mas do jeito que as pessoas fazem... parecem aquelas que misturam as bebidas, o que, asseguram-me os entendidos, é um hábito muito repreensível!

Ora, outra pergunta que realmente não tem resposta:

“Quando você se muda para um apartamento e sente alguma coisa inquietante ou negativa, o que será, e de que modo se pode livrar o lugar daquilo?”

Só posso supor que a pergunta signifique o que se pode fazer quando se vai a um apartamento que é mal-assombrado ou que esteja saturado com as influências negativas dos antigos moradores. Se o lugar for mal-assombrado, e se a pessoa exercer uma ordem telepática positiva, o assombrador desaparecerá. Entendamos, a maior parte das vezes, um prédio assombrado só é assombrado pela força dinâmica maléfica de uma pessoa falecida, que fica pairando como os últimos ecos de uma banda de música. Os

ecos de uma banda de música morrem em alguns segundos, e os ecos da morte de uma pessoa viril se dissipam num segundo de tempo astral, mais ou menos, o que pode ser 100 anos do tempo na Terra — mas podem ser dissipados, se você der uma ordem telepática positiva para o assombrador parar de assombrar.

Desta vez, parece que encontramos um punhado. Vejam esta: “Conheço uma pessoa que se meteu com a feitiçaria e logo começou a sentir que havia demônios atrás dela, assim, largou depressa tudo aquilo. Pode explicar esses demônios, e de que modo a pessoa se toma possessa?”

Se as pessoas se metem com a feitiçaria, merecem tudo o que lhes acontecer e não tenho pena alguma delas, pois mexer com a feitiçaria é positivamente mexer com forças proibidas. No astral inferior, existe todo tipo de entidades, que parecem macacos travessos e adoram imitar os seres humanos e implicar com eles. E há muita gente boa — gente das melhores intenções — que foi a sessões que não eram devidamente controladas por um Médiun treinado; ali, esses entes travessos deram mensagens ao Médiun e este, não sabendo de nada, pensou que eram mensagens de verdade. Bom, não há nada que tenha tanto êxito quanto o êxito; assim, quanto mais as pessoas achavam que esses entes travessos eram verdadeiros, mais crescia o seu poder, e no final eles conseguiram controlar os pensamentos dos humanos. Cochichavam no cérebro de uma pessoa que a Tia Matilde, ou outra, insistia para que se fizesse tal coisa. Mas, repito, se a pessoa não tiver medo, nada de maligno pode acontecer. Se você for assombrado, ou pensar que está possesso, então terá apenas de declarar, com muita firmeza, que nada pode lhe fazer mal e que a entidade que o persegue vai dissipar-se. Essas entidades não querem dissipar-se, de modo que vão embora, muito, muito depressa, em busca de alguém que não possa enxotá-los. Portanto, não há nada a temer, a não ser o medo.

“O meu pai é professor de ginásio e está cada vez mais interessado em seus Ensinaamentos. Muitas vezes, ele me conta sobre tendências destruidoras, delinqüentes, dos garotos, e supõe-se que eles sejam de boas famílias. Como é que esses garotos podem largar seus maus hábitos ou podem ser ajudados?”

Pensei já ter tratado desse assunto tão extensamente a

ponto de me tornar cacete. Eu realmente acredito que não haverá melhora alguma na situação, até que as mães resolvam ficar em casa para formar o lar. Hoje, as crianças são largadas, perambulando pelas ruas até caírem sob a influência de companheiros mais fortes — companheiros que muitas vezes visam à destruição. Eles contaminam os “garotos de boas famílias”. O único meio de solucionar o problema é reformar a nossa sociedade, de maneira a tornar a maternidade novamente uma virtude, em vez de um acidente infeliz.

“Ontem, uma moça abordou-me, e a minha mulher, e procurou de todos os meios converter-nos ao seu budismo. Eu lhe disse que tinha outro Caminho e que a conversa dela não me convencia. De que modo a pessoa pode ter certeza sobre o Caminho a seguir?”

Ah, esta é fácil! Os verdadeiros Budistas não têm missionários. Os verdadeiros Budistas não procuram converter ninguém ao Budismo. Você provavelmente topou com uma dessas terríveis pequenas cultistas, que hoje em dia ficam rondando para tentar conseguir outras vítimas que paguem direitos a alguma sociedade Budista imaginária. Quero repetir que, se alguém tentou torná-lo Budista, então esse alguém é Budista, pois o Budismo é apenas um modo de vida e não uma religião, e o Budismo não tem missionários.

Hoje, há cultos demais; há uma pseudo-educação, em que os guris de ambos os sexos se acham os Messias escolhidos para conseguir adeptos para essa ou aquela sociedade.

Com relação a isso, vou fazer o que raramente faço: vou aconselhar a que leiam um livro determinado, sobre as sociedades secretas, que dá a origem de alguns dos cultos que hoje estão sempre anunciados nos jornais, cultos que querem arrancar o dinheiro de vocês para as suas finalidades próprias. O livro chama-se *Sociedades Secretas*, editado por Norman MacKenzie e publicado por Crescent Books, de Nova York.

Em minha opinião, é um livro excelente, e que eu recomendo entusiasticamente. Quem me dera tê-lo escrito!

“Wayne e eu somos vegetarianos. Seguimos a dieta do Professor Arnold Ehret. Consiste de frutas e verduras, nada de produtos animais, e nozes. Pensei muitas vezes o que o

senhor diria a respeito. Será uma dieta que conduz à libertação contra as doenças, como diz o Professor? Também gostaria muito que pessoas como o senhor tivessem uma nutrição completa de cevada, chá e manteiga. O que pensa dessa dieta?”

Se eu realmente lhe dissesse o que penso, o meu editor provavelmente cairia da cadeira, desmaiado, pois minhas idéias sobre essas coisas são incendiárias. Acho que essas dietas malucas são besteira, acho que são um nojo. As forças armadas dos EUA fizeram um teste prolongado com pessoas que tomavam a dieta militar comum e esses malucos que adotavam o vegetarianismo, sabe, uma folha de repolho, um punhado de nozes e coisas assim. Pois bem, depois de seis meses, as autoridades americanas descobriram que os vegetarianos eram inferiores em tudo; inferiores em inteligência, no físico, na resistência e positivamente nada mais saudáveis.

Nesta Terra somos animais e procedemos como animais; assim, devemos comer aquilo que os nossos corpos animais exigem. Portanto, se vocês adotarem essa porcaria de dieta, e verificarem que a sua saúde está se deteriorando, serão os únicos culpados. Não tenho a menor simpatia por essas dietas malucas e estúpidas, que nunca revelaram ser nada, a não ser um culto.

“Acabei de comprar o *Livro dos Mortos do Tibete*. Algum comentário?”

Ah, tanta gente me pergunta a respeito do *Livro dos Mortos do Tibete*. Mas, sinceramente, ele não é nada adequado para os ocidentais, porque é um conceito, um conceito abstrato, e não se pode simplesmente transformá-lo num livro de instruções concretas. Entenda-se: Evans - Wentz foi um homem excelente, mas era um Cristão convicto e tudo o que escrevia era muito influenciado por sua aversão instintiva aos pagãos, que tinham crenças tão diferentes das dele, de modo que ele sempre “inclinava a balança” contra os pagãos. E, mais uma vez: você não pode traduzir termos abstratos para frases concretas. É por isso que há tantos conceitos errados sobre a acupuntura e muitos dos ensinamentos relativos à metafísica. Acredito que qualquer pessoa que queira estudar o *Livro dos Mortos do Tibete* deveria primeiro aprender o sânscrito!

Anita Kellaway escreve, dizendo: “Podia contar-nos mais

a respeito da aura e do dispositivo que poderia ser armado para se ver a própria aura? Isso é muito interessante e poderia ser bastante útil, se alguma pessoa inteligente o utilizasse direito. Não compreendo por que os médicos não lhe pedem para armar um para eles”.

Bom, já escrevi muita coisa a respeito da aura. E uma máquina de aura poderia ser fabricada, se se tivesse o dinheiro e os modelos femininos dispostos a serem estudados. Mas já disse que não consigo arranjar nenhum dos dois! Hoje, há quem acredite que o sistema Kirlian seja a solução, mas acho melhor mencioná-lo em outro capítulo, pois, que eu saiba positivamente, o sistema Kirlian de fotografia é uma coisa que vai na direção errada. Sei que é um completo desperdício de tempo.

CAPÍTULO OITO

Há muito tempo, quando o Século ainda era jovem, o “Kaiser Bill” percorria os corredores do Palácio de Berlim, pensando na conquista do mundo e em todas as maravilhas que realizaria.

Procurando esconder seu braço defeituoso, ele gesticulava muito com o outro, na tentativa de compensar suas deficiências físicas e deformidades. O Kaiser Bill aprontava-se para ir à Inglaterra, onde exibiria o poderio da Marinha Alemã numa parada naval britânica.

Numa *dacha*, nos arredores de Moscou, o Tzar de todas as Rússias retorcia os bigodes bem engomados e pensava em todas as maravilhas que iam acontecer na Rússia. Em volta dele, os cortesões eram servis, ocultando do grande Tzar a real situação do país, a verdade sobre a crescente agitação do povo, sobre a fome entre os camponeses. O Tzar de todas as Rússias mandava seus empregados correndo por toda parte, pois ia empreender uma longa viagem, atravessando a Európa, até a Inglaterra.

Na Inglaterra, faziam-se preparativos para um enorme desfile e todo o poderio da Marinha Britânica ia desfilar diante dos olhos invejosos.

As ruas de Londres eram calçadas de pedras. Os cascos dos cavalos faziam um barulhão sobre a dura superfície de pedra, e as rodas dos carros, com bordas de ferro, martelavam as pedras desiguais, sacolejando os passageiros, suspensos em sua carruagem apenas pelas alças de couro em cada canto.

As ruas de Londres eram iluminadas em grande parte a gás — aquela coisa nova, a eletricidade, conquistava muito

lentamente a grande metrópole, e os automóveis... bom, os automóveis ainda não eram vistos, a não ser como grandes raridades, como um espetáculo de virar a cabeça de qualquer um.

Os grandes hospitais de Londres estavam cheios de jovens ansiosos por se tornarem conhecidos nos novos ramos da medicina. Um dos grandes hospitais de Londres, um rapazinho entusiasmado, o Dr. Kilner, estudava horas a fio, dedicando-se à pesquisa daquela coisa mais estranha de todas, que a recém-chegada eletricidade tornaria possível: os raios X.

Ele trabalhava até tarde da noite, experimentando diferentes disposições de voltagens, com a eletricidade fornecida pelos imensos geradores Compton, que eram então as coisas mais maravilhosas que apareceram no mundo da eletricidade — eletricidade, pois ainda não despontara a ciência da eletrônica.

O Dr. Kilner estudava todo tipo de métodos estranhos para a investigação do corpo humano. Descobriu que, se utilizasse voltagens enormes e amperagens extremamente reduzidas, poderia projetar luzes das bordas do corpo humano. Chamou a isso “testar a aura.” Depois, foi mais adiante em suas pesquisas e descobriu que certas combinações de prismas e lentes ajudadas pelos filtros de tintas especiais, lhe permitiriam ver a aura num corpo humano nu — o corpo tinha de estar nu.

Um dia, o pobre Dr. Kilner foi apanhado examinando uma mulher nua à luz da lâmpada especial. Não alterou em nada o fato de o médico intrometido poder ver luzes coloridas, em várias tonalidades estranhas, na tela pela qual olhava o Dr. Kilner. Suas pesquisas foram encerradas e ele foi levado ante o Conselho Diretor e o Conselho Médico, sendo advertido solenemente que, se tornasse a pesquisar o corpo humano, e naquele ramo especial, seria excluído da profissão, riscado do registro da Associação Médica Britânica e — quem sabe? — poderia ter sua carreira arruinada; poderia até terminar como trabalhador braçal ou internado no asilo local. Deram ao Dr. Kilner a opção de largar a profissão médica ou obedecer às ordens e fazer pesquisas sobre as dosagens no recém-descoberto tratamento fotográfico por raios X.

E assim, para vergonha eterna da humanidade, um dos grandes Descobridores foi sepultado na obscuridade. O Dr.

Kilner caiu na mediocridade, fazendo apenas coisas rotineiras no mundo dos raios X. Perdeu-se a ciência da pesquisa da aura.

Sobreveio a Grande Guerra, a Primeira Guerra Mundial. Os raios X foram usados pela primeira vez nos soldados feridos. A ciência médica progrediu, mas sempre na direção errada, pois a máquina de raios X não era a solução.

A guerra foi vencida, mas não pelo vencedor. A perdedora, a Alemanha, foi quem se saiu melhor. Mas primeiro as pessoas fizeram correr milhões de marcos pelas ruas da Alemanha. Eram necessários milhões de marcos para pagar até uma refeição modesta. O marco desvalorizou-se e houve muita agitação na Alemanha. A Rússia também estava no caos, porque surgira um novo Partido. O Partido Comunista, o Soviet, que estava fazendo grandes progressos na adaptação dos novos conhecimentos do Ocidente.

No princípio das décadas de 1960 e de 1970, um autor escreveu certas coisas, em livros sobre metafísica, que estimularam o interesse dos russos, sempre alertas para esses assuntos. Vários livros deste escritor foram levados à Rússia e estudados por investigadores ávidos. Com o tempo, sob a orientação do Estado, foram realizadas certas pesquisas nas universidades de Moscou, pesquisas que se afastavam do que era realmente o tipo errado de pesquisa; esqueceram-se os raios X por certo tempo na Rússia e os pesquisadores de lá usaram a alta voltagem, numa tentativa para descobrir o campo magnético do corpo humano. Na Rússia, não havia problema de nudez, o indivíduo não importava, tudo se curvava às necessidades do Estado.

Com o tempo, um casal, os Kirlians, baseando-se em informações colhidas num livro metafísico, conseguiu conceber um sistema muito velho, segundo o qual uma voltagem muito alta era aplicada a uma chapa de metal no qual estava um corpo. Verificou-se que um objeto a ser fotografado poderia ser colocado num filme ou contra um filme, entre duas chapas de metal, às quais se aplicava uma voltagem muito, muito alta. Ao fotografar alguma parte do corpo, um dos terminais era ligado à chapa metálica e o corpo em si era usado como ligação de capacitância.

A corrente aplicada era gerada por uma bobina Tesla, que multiplica imensamente a voltagem, aumentando também a frequência; nesse caso, a corrente não penetrava no corpo, mas corria pela superfície, como água.

Naturalmente, tudo isso é feito num quarto escuro, para se poder fotografar.

Mais uma vez, os Russos alegam que a invenção é deles, embora tenha sido Nikola Tesla, nascido em 1856, quem fez o aparelho, e nem foi na Rússia.

Certos escritores estiveram na Rússia e voltaram com histórias maravilhosas sobre o progresso que os metafísicos de lá alcançaram. Alguns desses escritores escreveram livros sobre o assunto, elevando os Russos aos céus e esquecendo inteiramente que certos autores ocidentais já haviam escrito sobre esses assuntos e sabiam fazer tudo o que faziam os Russos. Houve um determinado escritor que escreveu a várias dessas pessoas entusiasmadas, comentando esses fatos, mas nunca recebeu sequer uma resposta. O autor enviou a alguns desse indivíduos exemplares de seus próprios livros, que tinham sido impressos muito antes de os Russos “descobrirem” todas as maravilhas sobre as quais escreviam.

A fotografia de Kirlian é uma pista falsa, assim como foram os raios X para o Dr. Kilner. A fotografia de Kirlian é apenas uma forma deturpada de descarga de coroa, mostrando somente uma certa descarga elétrica estática, ou a proteção de uma descarga, em volta do corpo humano.

Pode-se pegar um ímã de ferradura, ou mesmo um ímã de barra, e cobri-lo com um pedaço de papel; então, se espalhamos limalha de ferro no papel, obteremos uma forma de impressão de uma dimensão do campo magnético do ímã, mas isso não constitui o conhecimento exato do desempenho do ímã, nem de sua composição. Na verdade, não passa de um truque de salão. Assim, também o sistema Kirlian, que não é mais que a repetição de uma coisa que data de 50 ou 60 anos, não passa de um truque de salão, que está afastando os pesquisadores capazes do caminho certo.

A fotografia Kirlian é divertida, permite que se façam truques com folhas etc., e até em cores — mas todas as descargas de coroa também são em cores, não são?

É uma pena que as pessoas hoje pareçam achar que tudo o que é exótico — e exótico só quer dizer “estrangeiro” — tem de ser bom, melhor do que o produto nacional. Há um velho ditado, muito verdadeiro, que diz que “ninguém é profeta em sua terra”. E há outro: “casa de ferreiro, espeto de pau”. E assim é que os Kirlians, que apenas ressuscitaram

um sistema muito velho, estão recebendo toda a atenção — o que não teria a menor importância, não fosse o fato de estar levando os cientistas capazes a se afastar das direções certas.

A forma correta de raios X que surgirá, com o tempo, não será como aquelas pobres sombras que vemos num pedaço de filme grosso. Ao contrário, será uma reprodução exata, em cores, do interior do corpo humano. E se o Dr. Kilner não tivesse sido desviado, teria produzido esse tipo de fotografia, pois estava na pista certa, tinha o conhecimento, conhecimento que trouxe do astral, e em cuja verificação ele estava tateando.

Os raios X corretos — na época deviam ter outro nome, claro — teriam permitido aos médicos e cirurgiões ver exatamente o que se passava dentro do corpo, como estava acontecendo e em suas cores naturais. Aí, não haveria necessidade de operações exploratórias; a pessoa podia ver, em vez de operar.

E se esses médicos ao menos tivessem dado ouvidos ao Dr. Kilner, a fotografia da aura também teria sido coisa comum. E com a fotografia da aura, pode-se dizer com precisão quais as moléstias que estão afetando o corpo e, o que é ainda mais interessante; também se pode dizer com precisão total de que moléstias o corpo provavelmente sofrerá, se não forem tomadas providências preventivas bem cedo.

A fotografia da aura é muito real e muito necessária à raça humana. Era coisa comum nos tempos da Atlântida, era comum também quando os americanos viviam na Terra e, no entanto, devido à inveja, ao despeito e à

cegueira espiritual, os pesquisadores com os conhecimentos básicos foram impedidos de fabricar tal aparelhagem.

Parece que um dos grandes obstáculos é que a pessoa deve estar nua para poder ser examinada no nível da aura, e nos hospitais hoje apenas é permitido examinar uma pequena parte do corpo humano, enquanto o resto fica completamente coberto. Parece que é um crime contemplar um corpo despido, a não ser que ele esteja na praia, no palco ou nas páginas de algumas dessas revistas pornográficas.

Mas, com o tempo, os raios X como os conhecemos hoje serão desprezados, passando para o limbo das coisas esquecidas, bem como a última novidade, a fotografia Kirlian, que, se algum dia for mencionada como coisa do passado, certamente o será como um sorriso de condescendência,

diante da credulidade da gente estúpida da década de 70, que era lograda por tal artifício. A fotografia Kirlian, portanto, não é a solução da fotografia da aura, não é fotografia da aura, em absoluto.

Se você chegar à margem de um rio veloz e puser sua mão na água, verá que aparecem ondinhas e perturbações no curso liso. Sua mão perturbou o ritmo regular do fluxo da água, o que se manifesta pelas ondinhas e uma esteira que se espalha para fora. Do mesmo modo, se tivermos uma voltagem muito alta e uma amperagem muito baixa ligadas a certas chapas metálicas, e ligarmos a eletricidade, qualquer coisa que impeça o fluxo dessa corrente eletroestática também aparecerá como ondinhas, ou pontos, que são apenas divertidos de se olhar, não tendo nenhum conteúdo que valha a pena.

Bom, espero que isso ajude alguns de vocês a formarem sua própria opinião sobre a fotografia Kirlian. Fiquei farto de todo esse assunto, porque acho que possuía a maior coleção mundial de recortes sobre a fotografia Kirlian. As pessoas cortaram montes de artigos e os enviaram para mim. Algumas dessas pessoas, de fato, mandaram pacotes tão grandes de recortes e artigos que acharam que eu ficaria muito honrado em pagar o porte; assim, eu tive de pagar porte duplo sobre coisas que eu já conhecia perfeitamente!

Isso me faz lembrar que, há algum tempo, em St. Catherine, Ontario, um homem — acho que devia ser alienado, ou coisa parecida — encheu várias caixas com o maior lixo de revistas e brochuras que encontrou e me mandou tudo aquilo, com o frete a pagar! Pois bem; naquele tempo, eu era mais moço e mais inocente do que hoje, e acabei recebendo aquela tralha, depois de pagar uma importância considerável por entrega especial, porte especial etc. E verifiquei que tudo o que ele me mandara — sem eu pedir — era uma porcaria. Mas ele não se saiu bem daquilo; cometeu um errinho, o qual a firma em que ele trabalhava havia de desaprovar integralmente. Assim, comuniquei-me com a firma, mandei-lhes a prova e... bom, recebi uma carta da companhia, pedindo desculpas e agradecendo-me. O resultado é que não tive problema algum com aquele esper-tinho que pensava que ia levar a melhor sobre mim. Mas, caso alguém esteja com vontade de me mandar coisas “a cobrar”, pode se poupar ao trabalho, pois hoje não aceito

mais nada “a cobrar”. Há gente em todos os EUA que tenta me telefonar e telegrafar, pensando que sou tolo de receber telefonemas e telegramas “a cobrar”. Bom, estão aprendendo.

Também deixei de dar o número de meu telefone às pessoas, porque, quando estava em Vancouver, descobri que estava tendo contas telefônicas incrivelmente caras. E não conseguia entender por que me cobravam telefonemas para outras cidades, por isso, houve uma investigação sobre o assunto.

Verificou-se que um vizinho que sabia meu número de telefone dava-o à telefonista, ao fazer chamadas interurbanas. Simpático, hein? Pois bem, ele também não se safou com isso.

Mas aqui temos mais perguntas e mais respostas. Uma pergunta aqui diz: “Faz cinco anos que o senhor escreveu *Além do Primeiro Décimo*, onde afirmava que poderá ser preciso que os Jardineiros da Terra interfiram e alertem as coisas (humanas), para compreendermos que trapalhada fizemos neste planeta. Bom, as coisas estão piorando constantemente, conforme o senhor disse; o Comunismo espalha-se rapidamente e os sindicatos estão conquistando o que será o controle completo de vários países, muito breve. Diante disso, pode-nos informar se vamos levar um bom e merecido pontapé no traseiro, dentro dos próximos 30 ou 40 anos?”

Sim, meu amigo. Antes de tudo, porém, os Jardineiros da Terra não desejam interferir, desde que os humanos queiram tomar juízo e sigam o caminho certo. Se tiverem de intervir, haverá medidas drásticas, e eles não querem isso, assim como nós não o queremos.

Em minha opinião, o mundo se tornará Comunista em quase toda parte e as pessoas passarão muito mal mesmo. Só depois que elas passarem mal assim e se livrarem disso é que serão capazes de se endireitar e ter um balanço ascendente do pêndulo, que, no devido tempo, conduzirá à Idade do Ouro.

Tenho aqui um “P. S.”, dizendo: “Pode fazer o favor de explicar o relacionamento e/ou diferença entre a hipnose e a meditação, e se a hipnose é um esforço valioso para vencer maus hábitos ou problemas?”

Para falar a verdade, não existe qualquer relacionamento entre a meditação e a hipnose. Na meditação, a pessoa está completamente sob o seu próprio controle, capaz de fazer o

seu intelecto elevar-se a outras dimensões. Atenção, falo sobre a “meditação”, nada dessas tolices de culto pelas quais se paga muito dinheiro e não se recebe nada em troca. Acredito piamente que a única meditação que vale a pena é a que é feita sozinho, porque não sofre interferência; todos têm a sua aura e ela pode estender-se bem longe do corpo. Portanto, se tivermos uma porção de gente junta, então teremos auras atrapalhando os processos de meditação dos outros. Em minha opinião, a pessoa não pode meditar realmente, ou satisfatoriamente, em grupo.

Na hipnose, você cede o controle de si mesmo a outra pessoa, e afirmo que isso enfraquece o seu autocontrole. Afinal, você quer ser VOCÊ, não quer? Não quer se misturar com, digamos, Bill Fulaninho. Sabe o seu nome, sabe quem você é, sabe o que gostaria de ser. Gosta de sua liberdade e intimidade; então, por que há de querer ser hipnotizado, cedendo parte de sua liberdade e intimidade a outra pessoa? Não, sou contra o hipnotismo, completamente contra — é uma coisa muito perniciosa. Por exemplo, temos o hipnotizador que diz ser capaz de curar uma pessoa de certa doença. Pois bem, ele não faz isso. Se ele for hipnotizador, poderá, sem dúvida, influenciar a pessoa para ela esconder ou disfarçar os sintomas da doença; então, se os sintomas estão disfarçados, como se pode esperar que mesmo o médico mais inteligente descubra do que é que a pessoa está padecendo? E depois que a vítima estiver hipnotizada por algum tempo, aí sim a moléstia geralmente se torna incurável. Portanto, o meu conselho veemente é: nunca permitir que o hipnotizem, a menos que o hipnotizador seja um médico plenamente qualificado, que também tenha tido treinamento nas práticas e técnicas do hipnotismo. Como médico, ele terá tomado nota de seus sintomas; como hipnotizador, saberá canalizar esses sintomas para algum caminho que valha a pena. Lembre-se de que um médico faz um juramento para aliviar a dor, e não para fazer o mal!

Bom, o nosso amigo Sr. John Bigras e os dois gatos Bigras foram, tropejando, para Banff e daí para Van-couver. Saí duas vezes, desde que voltei do hospital; duas visitinhas aos arredores da cidade e duas excursõezinhas, em que pude olhar para a cidade, dos morros que levam às Montanhas Rochosas. Agora, suponho, sou novamente um “encerrado”, metido aqui quase só num aposento, numa cama ou cadeira de rodas. Os carros podem ser coisas muito úteis, mas não

posso nenhum. De qualquer forma, são muito caros para a renda de um escritor, conforme eu disse ao pessoal do Imposto sobre a Renda, quando quiseram negar-me um desconto no imposto para a compra de uma cadeira de rodas elétrica. Pois bem, a gente não tem cadeira de rodas por prazer, mas somente por ser essencial. Eu lhes disse que com a minha invalidez, eu devia estar sendo sustentado pela Assistência Social, mas que, em vez disso, escrevo livros, para ser independente daquela ajuda. Todavia, o pessoal do Imposto sobre a Renda, em vez de me fazer as concessões, procura cobrar tudo o que pode. Por exemplo, paguei o meu imposto sobre a renda, e de um departamento recebi um aviso, dizendo que estava tudo correto. No dia seguinte, recebi outro aviso, de outro departamento, dizendo que eu tinha de pagar uma multa, porque pagava o imposto uma vez por ano, quando deveria fazê-lo trimestral ou semestralmente. Portanto, as pessoas que trabalham em obras ou em escavações ou como motoristas de táxi ou coisa parecida estão em situação muito melhor do que eu, quanto aos impostos, porque o pessoal do Imposto sobre a Renda me explora ao máximo. Muitas vezes, desejo me admirar da mentalidade e personalidade dessas pessoas que são cobradoras de impostos e exploram as dificuldades de pessoas inválidas. Porém, isso não é responder às perguntas, é? E parece que é esta a intenção deste livro. Portanto, continuemos com a pilha infindável de perguntas. Elas crescem, sabe! Tenho aqui perguntas que dariam para encher uns 10 ou 20 livros, e ontem recebi uma porção de perguntas metafísicas bem abstratas, enviadas do Brasil.

“É suficientemente importante que os habitantes deste plano conheçam mais a respeito dos outros planos de existência, além do astral? Nesse caso, poderia elucidar-nos, dar-nos talvez uma idéia aproximada da estrutura dos planos de existência? Mais: o que acontece quando um espírito evolui para o plano “abaixo” do mais elevado, ou do de Deus? O espírito pode realmente evoluir ao plano mais elevado, ou isso é absurdo demais sequer para ser discutido?”

Bom, só é possível falar sobre o plano acima, o astral, e este se parece muito com este mundo, embora tenha outra dimensão. O tempo, por exemplo, não é nada igual ao deste mundo. As viagens são diferentes, também; se você quiser chegar a um lugar, pense que está lá. Poderá estar sentado, olhando para uma paisagem, e sentir que gostaria de visitar

um amigo que pode estar a certa distância. Bom, se você pensa no amigo e no lugar em que está, então quase imperceptivelmente você se encontrará com o seu amigo.

Você tampouco encontrará, no mundo astral, a pudicícia ou a pornografia. Quando chegar ao mundo astral, verificará — com muito espanto, a princípio — que está pelado como uma banana descascada e terá de imaginar qualquer tipo de roupa que lhe agradar. Mas, depois de algum tempo... bom, você verá que essas coisas não importam, as coisas do espírito valem mais.

No plano astral, você não pode encontrar as pessoas que lhe são antagônicas e, naturalmente, quanto mais alto você vai, mais compatível será com as pessoas que o rodeiam.

Você pode geralmente chegar até ao nono plano de existência, e então verá que o Superego não manda mais suas marionetes. Em vez disso, só há uma extensão do Superego, depois do nono plano.

Naturalmente, há uma porção de planos de existência, e você continua a ter mais e mais dimensões, mas não adiantaria tentar falar sobre algumas dessas outras dimensões, a não ser que você tenha estado lá, pois não há ponto de referência. Por exemplo, como é que você discutiria a teoria atômica com uma formiga, que está mais interessada em tratar da sua vida cotidiana? Como poderia discutir a eletricidade termonuclear com uma abelha, que está muito mais interessada em sair para coletar o pólen — ou seja lá o que for que colete —, para poder continuar o processo de fabricação do mel? Não, até você ter tido experiência de outras dimensões, não será capaz de discuti-las.. É como um bebê de um ano tentar discutir a cirurgia cerebral com um de nossos grandes cirurgiões.

Mas não há limites para as alturas que você pode atingir. Lembre-se do velho dito de que “há sempre bastante espaço no topo da escada”. E, sabe, Deus não é um ancião de barbas e bastão de pastor, que chega e pesca todas as ovelhas transviadas. Deus é coisa muito diferente, nada que você possa entender aqui. Aqui, a sua concepção mais próxima de Deus é um Manu, isto é, um dos Gerentes de Filial que toma conta dessa determinada loja de departamentos que chamamos de Terra. Abaixo de si, ele tem uma porção de Gerentes Assistentes, que tomam conta dos continentes, terras, cidades. Eles ultimamente parecem ter trabalhado mal, não é? Pense em toda a agitação na América,

no Camboja, no Vietnã, no Oriente Médio, e agora em Chipre. Acho que todos esses Manus deviam ser mandados de volta para fazer um curso de pós-graduação especial, ou coisa parecida.

Mas, em todo caso, estamos fugindo ao assunto. Então, a resposta é que você pode subir tão alto quanto o permita a sua capacidade, e não há motivo algum por que não alcance o topo e a “Budice” — é disso que trata o Budismo, de qualquer forma.

“Nós, do plano físico, podemos aprender a astrologia e usá-la com eficiência para o bem dos vivos? Nesse caso, qual a verdadeira fonte dos ensinamentos astrológicos?”

Há muitos e muitos anos, a astrologia era extraordinariamente precisa, porque se baseava numa nova ciência; a influência das estrelas sobre os objetos desta Terra — os humanos, os animais, plantas etc. — fora prevista e todas as suposições eram corretas, enquanto o Zodíaco permanecesse tal como era à época dessas suposições.

Agora, alguns milhares de anos depois, o Zodíaco é diferente e as previsões estão todas erradas. Pessoalmente, eu acredito que a astrologia como é feita no ocidente hoje não passa de um desperdício de tempo; é completamente imprecisa, pelo simples motivo de que não foi feito desconto algum pela diferença na configuração do Zodíaco. No Extremo Oriente, esses descontos foram feitos e os horóscopos lá são muito, muito mais precisos. Sei disso; tudo quanto foi previsto para mim pelos astrólogos, no Extremo Oriente, realizou-se — tudo mesmo!

Já fizeram o meu horóscopo várias vezes, no Ocidente, e cada vez as previsões não podiam ser mais erradas; podiam estar fazendo o horóscopo de outra pessoa. Seus esforços eram bem cômicos. Portanto, sempre digo às pessoas que, em minha opinião ponderada, e baseado em minha própria experiência com os astrólogos no Ocidente, é uma perda de tempo mandar fazer um horóscopo.

As pessoas sempre me escrevem, pedindo que eu lhes faça os horóscopos, e “pelo menos uma encarnação”. Sempre me recuso, porque, para fazer um horóscopo corretamente, é preciso muito tempo e eu não o tenho. Já me ofereceram quantias consideráveis para fazer um horóscopo, mas recuso sempre, sem exceção.

As pessoas parecem muito interessadas em saber a respeito de “pelo menos uma encarnação”, mas por quê? Se

as pessoas estão nesta Terra agora, vivendo esta vida agora, o que importa o que foram no passado? Só o que importa é o que são agora e o que serão no futuro. Se as pessoas gastam tempo apenas imaginando as glórias do passado etc. etc., *ad lib*, então acabam com ressentimentos, pensando: “Ah, na última vida, fui a avó de Cleópatra e hoje, olhem para mim — não passo de uma faxineira!”

Ei! Gostei desta:

“Tem opinião formada sobre as artes marciais? É possível aos americanos estudarem a forma de judô, karatê ou seja qual for a arte marcial que lhe ensinaram no Tibete?”

No Extremo Oriente, as artes marciais — assim chamadas — não tinham a finalidade de incapacitar as pessoas, nem tampouco destinavam-se à defesa. Na verdade, eram destinadas à disciplina mental, física e espiritual. Afinal de contas, quanto mais poderoso você for, mais a sua consciência lhe dirá para ser delicado; quanto mais treinado você for em relação ao seu corpo, mais poderá cuidar dele. Assim, as pessoas que pensam que, fazendo um curso por correspondência de judô, por exemplo, poderão surrar o brutamontes que lhes joga areia quando estão na praia... bom, poderão ter um choque. Por exemplo, não creio que essas artes possam ser ensinadas corretamente por correspondência, nem por algum pirralho que acha que pode fundar uma escola de educação física. É preciso muito mais do que isso, e também existe sempre o perigo de você tentar incapacitar alguém que talvez esteja 10 ou 20 lições na sua frente, conforme já disse neste livro! Você poderia mesmo “se esborrachar”, assim. Portanto, a minha recomendação é de que não adianta dedicar-se a esse negócio de arte marcial, se você só a desejar para sua defesa. Não há judô nem karatê que ajude contra uma arma, não é? Especialmente quando a bala já está disparada contra você.

Bom, Kathi Porter, vou responder a mais uma de suas perguntas — desculpe, mas já respondi a algumas. É a seguinte: “Será aconselhável rezar para o nosso Superego, por direção ou orientação, pedindo que as coisas, especialmente do oculto e espiritual, nos sejam reveladas para podermos aceitá-las e compreendê-las?”

Sim, Kathi, você pode rezar para ele. O seu Superego sabe tudo que sempre aconteceu a ele. Mas pense assim: você está empregada aqui na — onde diremos? — América, e o seu

chefão mora e m... ah, digamos, Sidney, na Austrália. Ora, se você quiser comunicar-se com ele, terá de usar uma carta ou um telefone. Vamos eliminar a carta, pois você não pode mandar uma carta ao seu Superego, e o seu chefão é o equivalente do seu Superego. Assim, isso nos deixa com o telefone. Mas se você algum dia já tentou telefonar para o outro lado do globo, terá observado que é uma frustração, uma perda de tempo e uma experiência irritante. Ainda por cima, você pode ter de adivinhar metade das palavras.

O seu subconsciente é como um bibliotecário. O bibliotecário não precisa saber muita coisa, pessoalmente; o seu mérito principal está no fato de ele saber onde encontrar certas informações. Portanto, pode-se consultar um bibliotecário a respeito de qualquer problema; se for um bom bibliotecário, ele poderá dizer-lhe exatamente onde você deverá procurar, que tipo de livro lhe dará as informações de que precisa. Ele lhe dirá ainda qual a estante em que se encontra o livro. O subconsciente é assim um tipo de indivíduo bastante vago, mas sabe exatamente onde encontrar as informações que você deseja. Portanto, se você entrar em contato com o seu subconsciente, verá que consegue resultados muito mais depressa do que se desperdiçar energia procurando entrar em contato com o seu Superego. É muito mais rápido procurar alguma coisa em sua biblioteca local do que telefonar a alguém, na Austrália, Timbuktu, Tuscaloosa ou coisa parecida.

Aqui temos uma senhora muito acanhada, que mora em Barcelona, na Espanha. Ela tem algumas perguntas a fazer, mas prefere que não se mencione seu nome. Portanto, apresentarei apenas os meus cumprimentos à Senhora D., respondendo a algumas de suas perguntas:

“Os precursores do Novo Líder Mundial já estão fazendo propaganda ou preparando o terreno para ele?”

Mesmo de acordo com a Bíblia Cristã, esta é uma época em que haverá falsos profetas (Revelações). Em outras palavras, traduzindo para a linguagem dos dias atuais, este nosso pobre mundo está num estado horrível, todos os nossos valores estão sendo demolidos diante de nós e há sempre algum vigarista pronto a fazer um dinheirinho, fingindo ser um Líder Mundial. Assim é que, às vezes, verificamos que algumas pessoas com muito dinheiro patrocinam um pirralho, simulando que ele é um novo Messias ou o novo Deus, ou coisa assim. Esses

endinheirados, que querem sempre mais dinheiro, fazem uma encenação teatral e tanto — aviões a jato, carros velozes etc. — procurando levar os incautos ou os ignorantes a contribuir com dinheiro para se filiar a algum movimento especial. Depois de certo tempo, o pirralho amadurece um pouco e quer ter voz ativa em seus negócios e, a não ser que os endinheirados possam controlá-lo, faz coisas que os seus seguidores acham incompatíveis com seus objetivos confessos.

Às vezes, também, o sujeito vai a algum outro país e os cobradores de impostos de lá se apoderam de alguns de seus milhões, ou não o querem deixar sair do país até ele pagar alguns milhões. Outras vezes, o sujeito verifica que o seu avião foi confiscado, porque não era seu, e que foi levado para fora do país.

Minha recomendação muito positiva é de que ninguém seja iludido por esses cultistas, esses tipos fabricados pela propaganda, que pretendem ser — e apenas eles — o verdadeiro Deus, o novo Messias, o novo Líder, o Guru de todos os Gurus etc. É preciso olhar por trás da fachada e perguntar-se: bom, o que é que toda essa gente está ganhando com isso? Para que todos os anúncios enormes? Se fossem sinceros, não precisariam anunciar; as pessoas SABERIAM e chegariam aos bandos junto à bandeira sagrada.

Cultos? Aqueles que formam cultos, em minha opinião, são a ralé, pois desviam os crédulos, negando-lhes uma possibilidade de realmente adquirirem o conhecimento.

Ei, estou ficando feroz, não estou? Não sabiam que eu podia ser feroz na minha velhice, sabiam? Não importa; é uma boa coisa desabafar de vez em quando, pois se eu conseguir chocar algum de vocês, e afastá-los dos cultos, isso será para o bem de sua saúde espiritual.

“É uma pena não sabermos mais a respeito desses homens extraordinários, o Lama Mingyar Dondup e o Grande Décimo Terceiro Dalai-lama”.

O Lama Mingyar Dondup é, com efeito, uma Grande Entidade, que está hoje, naturalmente, bem além da esfera da Terra. Não está encarnado, mas num plano muito mais elevado da existência, e está mesmo procurando ajudar outros mundos — mundos, no plural. Não se concentra apenas nesta Terra, mas em todo um grupo de mundos habitados onde haja problemas, onde o egoísmo esteja

crescendo como mato num jardim.

Alguns de nós, os verdadeiros Lamas, acreditam que o Grande Décimo Terceiro tenha sido o último dos Dalai-lamas. Acreditamos que, se o atual titular desse cargo fosse um verdadeiro Dalai-lama, teria feito mais para auxiliar o povo do Tibete. Afinal de contas, quando um homem apenas diz que é um líder religioso, e fica rezando... bom, qualquer um pode rezar. É preciso mais do que algumas orações para libertar um país dos agressores e invasores comunistas; é preciso um exemplo físico. Poderia até significar o martírio para o líder de um país, pois, se este fica e luta com o seu povo — e às vezes justifica-se a força —, então o seu povo não fraquejará, sabendo que tem um líder amado para conduzi-los. O Grande Décimo Terceiro foi um homem assim, que teria ficado com o seu povo, mas não se pode lutar contra a morte, não é mesmo?

CAPÍTULO NOVE

Acabo de comer a minha refeição bastante frugal, e isso me faz lembrar de uma pergunta que chegou ontem — justo a tempo deste livro, pois ele está se adiantando. De qualquer forma, ontem recebi uma carta: “Por favor, escreva mais um livro!!!! E, por favor, inclua alguma coisa sobre o jejum. O que pensa sobre o jejum? As pessoas deviam jejuar? Que mal pode fazer, de qualquer modo?”

Bem, posso responder. Por Deus, senhora, há anos que venho jejuando! Mas, seriamente, o jejum — com inteligência — é uma coisa muito boa, desde que se tome algumas precauções de bom senso. Por exemplo, não se pode jejuar se se é diabético, não se pode jejuar se se tem certos tipos de doenças cardíacas. Mas se a pessoa estiver gozando de uma saúde razoavelmente boa, então realmente é bom jejuar de vez em quando, desde que não se tenha de trabalhar o dia todo, ao mesmo tempo.

Você não havia de esperar que o seu automóvel funcionasse, se o tanque de gasolina estivesse vazio. Assim, por que esperar que o seu próprio corpo humano funcione, quando não resta mais comida para ele se abastecer?

Normalmente, é bastante seguro jejuar quando a pessoa está de férias, pois aí pode descansar mais; não precisa correr para pegar o ônibus, nem trabalhar mais quando o patrão olha para o seu lado; pode fazer as coisas a seu bel-prazer. Portanto, se você quiser jejuar, verifique se está num estado de saúde razoável, sem alguma dessas moléstias que citei. Verificados esses problemas, você deverá ver se o seu encanamento interno está funcionando bem, e se você não está sofrendo de algum bloqueio no departamento de

entregas na retaguarda. Deve tomar um laxativo suave, para ficar relativamente vazio. Aí, pare de comer, mas não de beber. Se você for jejuar, deve tomar uma coisa que os médicos chamam de “dieta líquida”. Muita água, sucos de fruta, mas nada de sólido, nem mesmo leite, pois o leite é sólido demais para esta finalidade.

Agora, não pense que vai jejuar e chupar bala. Isso não é jejuar — é trapacear, é tomar a coisa toda uma farsa. Portanto, pare de comer e descanse bastante. Pode ler, ouvir rádio ou assistir à TV, mas nada de saracotear para o cinema, bar ou coisa assim. Se fizer isso, vai desgastar as suas reservas de gordura mais depressa do que convém. Entenda-se: se você vai jejuar, o seu corpo tem de continuar a funcionar, e o único meio para isso é absorver gradativamente os alimentos armazenados nas células de seu organismo, quer dizer, as suas células de gordura; se você sair correndo por aí, fazendo vida social e trabalhos manuais, então emagrecerá depressa demais e certamente se arriscará a um colapso.

Para dar uma idéia do que estou falando, deixe-me dizer que recentemente tem havido um número espantoso de pessoas realmente obesas que se operaram para remover talvez 1,80m a 2,00m de seus intestinos, para não absorverem tanto os alimentos. Se se retirar uma quantidade demasiada dos intestinos, então a pessoa emagrece depressa demais e acontecem coisas estranhas. Havia uma mulher que pesava mais de 130 quilos, e removeram dois metros de seus intestinos. Ela começou a gemer, pois emagrecia tão depressa que se sentia muito mal, a maior parte do tempo, e sua pele se dobrava em pregas, o que não é muito bom para uma senhora que tem algum amor à sua aparência.

Tome cuidado, portanto, se for muito depressa. Pare de comer e de trabalhar, descanse muito — e “descansar” significa que não deve sair para fazer compras ou se divertir. Se quiser jejuar e gozar de todos os benefícios do jejum, sem qualquer das desvantagens, terá de se privar não só dos alimentos, mas também dos movimentos.

Você precisará de muitos líquidos, senão ficará desidratado; se isso acontecer, sua saúde será gravemente afetada. Isso é uma coisa horrível de acontecer a uma pessoa.

Certas pessoas que não gozam de boa saúde verificam que, ao jejuarem, o seu fígado fica afetado; portanto, antes de

fazer o jejum, verifique se a sua saúde está boa.

Quanto tempo deve jejuar? Bom, até começar a ver coisas, se quiser. Pode permanecer por quatro ou cinco dias sem comida, com muito bom resultado. Antes de eu me internar no hospital, desta última vez, fiquei sem comer nada por mais de 10 dias. E, depois de me internar, ainda fiquei sem me alimentar por mais alguns dias! Não me fez mal algum. Portanto, só se pode dizer que a gente jejuar pelo tempo que sentir necessidade de jejuar. Não deve jejuar mais de quatro ou cinco dias sem ouvir a opinião de seu médico. Se ele for do tipo normal e tacanho, que não consegue ver além de seu compêndio médico, lhe dirá logo que você é maluco, por querer jejuar, mas isso é porque ele nunca o fez. Para sua proteção, porém, você sempre deve ouvir a opinião do médico, se pretende jejuar por mais de quatro ou cinco dias.

Quando você começar a comer depois de... bom, não vá engolir metade de um boi, senão vai ter uma porção de encrencas, indigestão e tudo o mais, e será uma indigestão muito séria.

Quando você jejuar, o seu estômago diminui. Fica reduzido ao tamanho de um ovinho, pois não há motivo para ele ficar distendido, se você não está ingerindo alimentos. Bom, depois de uns cinco dias, mais ou menos, o seu estômago está do tamanho de um ovinho, e acostumou-se com esse tamanho. Portanto, se de repente você ficar farto de jejuar e for comer uma porção de coisas, o seu estômago terá de se distender muito mais do que gostaria de fazer, e você sentirá dor; os seus intestinos terão mirrado, por não terem material dentro deles, e também terão de se esticar muito. Acredite, se você se encher de comida depois de cinco dias de jejum, vai sentir mais dores do que imaginava possível, por uma coisa tão simples.

Depois de um jejum, tome refeições muito ligeiras, leite e algumas bolachas. No dia seguinte, coma um pouco mais. Mas não volte à sua ingestão normal de alimentos antes de passados uns três ou quatro dias. Assim, você terá bons resultados com o seu jejum; do contrário, você se prejudicará e tornará sem efeito o seu jejum.

Eis uma coisa que vou lhe contar. Recebi uma carta em que me dizem: "Já tentei várias vezes visitá-lo no astral. Sempre vejo "alguém" ligeiramente parecido com o senhor,

mas que é muito estranho. A pessoa sempre tenta fingir que é o senhor, mas é muito mau ator. Talvez o senhor esteja muito ocupado, fazendo outras coisas em outros mundos, para poder ser visto. Talvez antes dessa carta estar completada o senhor possa ser visitado por mim, embora eu continue no estágio pré-histórico da viagem astral.”

Cara senhora, tenho o prazer de informar-lhe que posso uma barreira eficaz, de modo que as pessoas não podem me visitar no astral, a não ser que eu o deseje. Há muitas pessoas — muitas mesmo — que me dizem que vão visitar-me no astral; se todas pudessem realmente fazê-lo, então eu não teria mais liberdade alguma, não teria tempo para nada e... será que a SENHORA gostaria de um monte de gente visitando-a, quando estivesse no banho, por exemplo? Pois eu, não! Assim, por meio de conhecimentos adquiridos há muitos anos, consegui formar uma barreira que significa que eu não posso ser visitado por qualquer pessoa da Terra, a menos que o deseje.

Vocês já viram entes malignos, como as pessoas vêm nas sessões espíritas. Já escrevi sobre isso, de modo que não adianta falar detalhadamente outra vez, mas há muita gente nos “mundos intermediários” que deseja ser humana. São entidades agora, trouxas de força vital, sem muito pensamento sensato; de fato, como já disse, parecem macacos levados. Se uma pessoa tentar visitar-me, e eu não quiser vê-la, então uma dessas entidades levadas entra em cena e finge que é a minha pessoa. Assim, se as pessoas tentam visitar-me, a culpa é delas!

As pessoas me mandam uma porção de pedidos para eu visitá-las. Algumas me mandam mapas complicados, ou fotos mostrando exatamente onde moram, e pedem que eu apareça a tal hora. Bom, naturalmente, não faço nada disso. Vocês iriam passear pelo astral, só porque pagaram um dinheirinho por um livro e acham que têm o direito de dar ordens ao autor? Nada disso, é o que eu digo!

O dia só tem 24 horas; se eu fosse obedecer a essas exigências imperiosas, precisaria pelo menos de 30 horas. Além disso, essa gente não tem noção das diferenças de hora. Moro numa região de hora de montanha; o que acham de uma pessoa solicitar o minha presença em Tóquio? Devido à grande diferença nas horas, na verdade será o dia seguinte. Portanto, por que hei de me dar ao trabalho de verificar que horas são naquele lugar, ou que dia será? Não, as pessoas

que solicitam — ou ordenam — a minha presença, como se eu fosse um escravo de uma lâmpada ou coisa parecida, estão muito enganadas. Redondamente enganadas!

É até divertido, pois às vezes recebo solicitações de pessoas para que eu apareça imediatamente, a fim de encontrar uma caneta, um anel ou uma carta que perderam. Ah, sim, estou sendo perfeitamente franco nisso; ainda há pouco tive uma ordem muito imperiosa — alguém tinha largado alguma coisa que não conseguia encontrar e queria usá-la naquela noite, de modo que eu aparecesse imediatamente no local e encontrasse o objeto perdido. Bom, acho que essa pessoa devia voltar a ler *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, não concordam? Ou então devia amadurecer um pouco.

Tenho aqui uma coisa que certamente os divertirá. Vou copiar:

“Ontem à noite, numa viagem astral, resolvi ter uma sessão de ensinamentos. De repente, vi que estava vestida com umas LINDAS VESTES COR DE AÇAFRÃO. Fiquei tão empolgada! As roupas do astral são tão lindas! Eu tinha resolvido que ia ensinar a umas pessoas e, de repente, enquanto eu caminhava, a roupa alaranjada desapareceu, deixando-me completamente despida. Perdi a noção de tudo e a última coisa de que me lembro foi estar ali, nua, no meio de um edifício público!”

Ê, é isso o que acontece, sabe? As pessoas se metem nessas coisas sem qualquer preparação. Essa pessoa realmente foi para o astral, mas se esqueceu de manter um canto de seu espírito — seu espírito astral — sempre em suas roupas, de modo que, tão logo ela resolveu ir ensinar a pessoas que já sabiam mais do que ela, a parte- zinha de sua mente que devia estar tratando de roupas desligou-se e aí... bom, ela ficou encabulada, ali no meio daquele edifício público, certamente entre uma porção de espectadores interessados. Bom, e VOCÊ também não ficaria interessado, se de repente visse uma mulher aparecer despida na sua frente? Os exibicionistas estão na ordem do dia, portanto, julgue por si quais seriam as suas reações.

Essa determinada pessoa deseja que eu mencione o seu nome, mas infelizmente não consigo decifrá-lo, muito menos o endereço — ela não o deu. Portanto, só posso referir-me a ela como a “Sem Nome”. Ela também quer saber quando é

que os discos voadores vão começar a aparecer em grande quantidade. Bom, para dizer a verdade, ficarei surpreso se não houver mais notícias de discos voadores num futuro próximo, e vou lhes sugerir uma coisa — pensem só nisso: vocês devem ter lido, de vez em quando, que os navios da Noruega, Dinamarca, Suécia ou algum outro lugar encurralaram um “submarino” num dos fiordes, e que não há possibilidade de ele escapar. Bom, lemos sobre isso, ouvimos falar disso no rádio, e estamos convencidos de que esse submarino desconhecido, que — insinua-se — deve obviamente ser russo, está encurralado, não pode fugir. Os navios de guerra da ONU se acham presentes, em todo o seu poderio, com todo o seu mecanismo de descobrir submarinos, e estão prestes a fazer explodir o submarino, se ele não se render. Vocês já leram coisa assim nos jornais, não? Já o ouviram no rádio, não? Muito bem, então pensem no seguinte: já ouviram falar nos resultados? Já? Creio que não, pois tudo foi abafado. Mas tenho motivos para crer que existem Objetos Voadores Não Identificados que vêm de dentro da Terra e que podem navegar sob a água, tal como os submarinos, e creio que alguns desses Objetos às vezes são descobertos pelos navios de várias nações, mas sempre conseguem fugir.

Há muitos e muitos anos, houve uma previsão no sentido de que em 1974 haveria um confronto, sob a água, entre os navios de várias nações e um Objeto Voador Não Identificado. Segundo essa previsão, haveria uma colisão entre um submarino e um Objeto Voador Não Identificado, e algumas das pessoas pertencentes a este último seriam salvas — aí, seria visto bem claramente que não eram humanas, como o termo é entendido na superfície da Terra. As previsões podem estar um pouco fora do horário, sabe, mas ainda acho que algo de parecido vai ocorrer em 1974, ou 1975, SE É QUE JÁ NÃO OCORREU.

Digo “se é que ainda não ocorreu” porque me parece bastante estranho que essas coisas sejam abafadas pelos governos. Lemos a notícia de que um submarino foi encurralado, o que provoca muita agitação; há muitas histórias, notícias quase de hora em hora; depois, de repente, não se fala mais nada, nada, tudo fica esquecido. Por mais que se indague, ninguém sabe de coisa alguma a respeito; é como se nada tivesse acontecido. Agora, se tivessem sido encontrados alguns elementos estranhos, possivelmente

salvos de um Objeto Voador Não Identificado, então, naturalmente, os governos entrariam em cena para esconder tudo daqueles que têm o direito de saber — o povo —, até que os governos interessados resolvessem de que maneira esse fato pode melhor servi-los.

Temos aqui outra perguntinha interessante: “Sob que condições podemos ter acesso ao Registro Akashic, para desvendar o futuro de outra pessoa?”

Não há possibilidade de acesso, se a pessoa for um ser humano normal, sem um treinamento muito especial de vida no tempo. O Registro Akashic de cada pessoa é fechado e não pode ser visto por qualquer outro ser humano (normalmente), até que o assunto nele contido deixe a Terra e entre para a Casa de Recordações, onde o pobre desgraçado terá de ver aquilo tudo e corar de vergonha!

Acho que esse determinado correspondente devia consultar um bom oculista, pois escreve: “Dr. Rampa, sabia que o senhor se parece extraordinariamente com o Rei Façal, da Arábia Saudita? Sim, declaro positivamente que vi uma foto do Rei Façal num exemplar da revista *Time*, e que o senhor se parece muito com ele.”

Sua Majestade Rei Façal, permita que lhe apresente as minhas humildes desculpas, pois se se parece comigo... bom, grande azar o seu! Pessoalmente, não vejo semelhança alguma, a não ser pelo fato de ele também ter dois olhos, um nariz, uma boca e duas orelhas. Sim, tenho isso mesmo: dois olhos, um nariz, uma boca e duas orelhas. Ah, sim, então naturalmente deve haver alguma semelhança. Mas, por outro lado, acho que o Rei Façal tem muito mais cabelo do que eu; aliás sou calvo. As moscas usam a minha cabeça para patinar, no calor.

“É possível ter um filho astral, resultante de relações sexuais astrais?”

Não, de modo algum, embora, se eu for dar crédito a alguns de meus correspondentes, diga que não somente é possível, como acontece realmente. Por exemplo, quando eu morava em Prescott, Ontario, há muitos anos, uma mulher me escreveu — nunca a vi na vida, nem cheguei a menos de algumas centenas de quilômetros dela —, dizendo que estava grávida de mim, que ia ter um filho meu. Segundo ela, eu a visitara no astral e (serei delicado) “fizera o trabalho”. Bom, isso era novidade para mim, não há dúvida, e parece que

nem percebi a brincadeira, pois certamente não sei de nada a respeito. A pobre senhora parecia não perceber que o marido com quem ela dorme e com quem, é de supor, faz outras coisas, podia ser mais responsável do que eu. Mas, de qualquer forma, eu lhes direi: não, não é possível andar pelo astral engravidando as mulheres. Sinto muito estragar a sua brincadeira, mas é isso. Não é possível.

Aqui temos uma boa pergunta: “Às vezes, vejo criancinhas que parecem estar falando sozinhas, mas que realmente estão falando com “alguém”. Geralmente ficam olhando fixamente, como se estivessem olhando para alguém— que eu não vejo — e às vezes têm conversas compridas. Com quem estarão conversando? Com os Espíritos da Natureza? E as criancinhas podem ver o mundo astral a qualquer momento que desejam?”

Claro que essas crianças são capazes de falar e ver as pessoas no astral. É uma coisa simples, de fato, pois, numa criança pequena, as vibrações são mais altas, de modo que ela pode entrar em contato, no astral, com pessoas cujas vibrações sejam mais baixas. Há ainda espíritos amigos astrais que cuidam das crianças; em outras palavras, as fadas existem. Só quando os pais estúpidos dizem aos filhos que não devem mentir — e que, é claro, eles não vêm as outras pessoas coisa nenhuma —, é que as crianças perdem a sua capacidade. De fato, os pais são os piores amigos das crianças. Os pais pensam sempre que são onipotentes, e a fonte de toda a sabedoria. Tentam dominar os filhos e esmagam e estragam as habilidades naturais da criança. É uma coisa muito triste — são os adultos que tornam tão difícil o contato das pessoas do astral com este mundo.

Estão sorrindo? Bom, gostaria de saber o que responderiam a uma pergunta como esta: “Por que os monges Budistas não podem casar-se?”

Vou responder com uma pergunta. “Por que os padres Católicos não podem casar-se?” Obviamente, é por causa de uma das facetas de sua religião, da disciplina religiosa. Há muitas Igrejas, e nem só as Cristãs, que acham que o homem deve dedicar toda a sua vida à religião. Na verdade, ele deve desposar a religião. Muitas Igrejas, ou muitas religiões, acreditam que, se o homem se casa, vai pensar em outras coisas — os atrativos da esposa, por exemplo — e então não poderá dar toda a sua atenção aos deveres religiosos. É por

isso que os Católicos e alguns outros religiosos não se casam. Mas há muitos monges Budistas, de várias seitas, que se casam, sim, do mesmo modo que como há diversos sacerdotes Cristãos que se casam. Os sacerdotes protestantes se casam; os católicos, não. É apenas uma questão de crença, só isso.

Mantenho uma correspondência regular com uma senhora e um cavalheiro que têm um filho com uma deficiência mental — é retardado. Infelizmente, a ciência médica parece não poder fazer grande coisa por essa gente, e muitas vezes se procura persuadir os pais a internarem o filho em alguma instituição para retardados mentais.

Esse determinado menino está melhorando, e acredito que, com o tempo, com a dedicação e carinho dos pais, ele ficará bem mais normal. Parece que, quando ele ainda era bebê, o médico aplicou-lhe um tratamento errado e experimentou nele uma droga nova, numa dosagem que teria sobrecarregado até um adulto forte. Desde então, o menino vem sofrendo de muita tensão mental e não sabe falar; e acredito, porém, que a sua saúde mental esteja melhorando. Sugeri que, havendo possibilidade, ele deveria ser mandado para uma fazenda, pois, muitas vezes, quando uma criança assim trata com animais etc., seres menos privilegiados do que ele, opera-se uma grande melhora — a criança faz tudo o que pode para ajudar e compreender os animais.

Em muitos casos, uma criança retardada, vendo um animal, tem uma espécie de sensação de companhia. A criança pensa que o animal também não sabe falar, o que estabelece um laço entre eles; e quando se dá liberdade a essa criança, na fazenda, atribuindo-lhe tarefas dentro de sua capacidade, então a responsabilidade provoca uma reação na inteligência.

É uma vergonha, um crime mesmo, mandar as pessoas para um instituto desses, quando há alguma esperança de que o carinho em casa, ou o carinho e compreensão numa fazenda, possa permitir que o retardo(a) se tome menos retardado(a). Conheço muitos casos de mongoloides — que não são idiotas, de jeito algum — que apresentaram grandes melhoras, quando foram colocados numa situação em que podiam ajudar a cuidar de animais.

Lembram-se de que, num livro anterior, eu predisse que o Presidente dos EUA seria removido do poder? Pois bem, no momento em que escrevo, estamos esperando que o

Presidente Nixon apresente sua renúncia. O pobre coitado já foi bastante pressionado, não há dúvida, e, segundo o que lemos nos jornais, certamente está sob uma tensão nervosa que pode ter afetado a sua saúde mental. De qualquer forma, as previsões às vezes dão certo, sabe? Mas disseram-me, em confiança, que o Presidente Nixon — provavelmente ex-Presidente, quando lerem isto — foi informado por uma astróloga muito conhecida de que nada lhe aconteceria. Bom, ela não se saiu muito bem, não foi?

Na verdade, tudo acontece em ciclos. Surgem problemas com Reis, Presidentes e tudo o resto, em ciclos.

Portanto, se souberem procurar, poderão descobrir a respeito desses ciclos periódicos. Do mesmo modo, pode-se descobrir com bastante exatidão quando vai haver a próxima guerra. Se vocês tivessem tido suficiente interesse para verificar as datas das guerras e fazer o respectivo gráfico, veriam que elas obedecem a um padrão mais ou menos regular. Tudo acontece assim. Até mesmo com a vida humana, tudo acontece em ciclos, como sabem todas as mulheres, e depois temos também os ciclos das fases da Lua. Mas, além disso, há os ciclos que mais afetam os seres humanos, como o ciclo de 23 dias, de altos e baixos da saúde, o de 28 dias, e outro que ocorre num período de 33 dias. Vemos a saúde, a energia nervosa e o intelecto, tudo flutuando de alto a baixo.

E, obviamente, como os três ciclos se juntam em intervalos relativamente longos, poderemos ter um período extremamente bom por um dia, mais ou menos, ou um extremamente mau por um dia, mais ou menos.

Faço um quadro regular de meus ciclos, isto é, dos três já citados, e há pouco tempo eu estava no auge do que para mim é boa saúde, conforme previsto pelos três ciclos. Mas aí veio o declínio dos três ciclos ao mesmo tempo, e o resultado disso é que fui levado para o hospital, muito doente mesmo, sentindo mais dores do que posso imaginar. Depois, fiquei no hospital até os ciclos mudarem, permitindo que eu me sentisse melhor, para afinal sair de lá

Toda a vida tem ciclos desse tipo e, se se souber o processo, eles podem ser traçados. Não somente isso; podem-se traçar os ciclos dos acontecimentos mundiais; o que vai acontecer com este ou aquele país; que tipo de pessoa será assassinada em seguida; o que é que aqueles russos endiabrados vão fazer para perturbar a paz do mundo. É uma pena que os Russos sejam tão xenófobos, pois provocam

muitas desgraças a si mesmos, estando sempre tão certos de que todos os outros povos são contra os “pobrezinhos”, quando na realidade as pessoas não ligam a mínima para eles. Mas eles não são de brincadeira, como sei por experiência própria.

Não seria maravilhoso, se conseguíssemos que os nossos Senhores, que se dizem um governo democrático eleito, preparassem gráficos adequados, mostrando os acontecimentos mundiais e quando poderemos esperar um aumento do Imposto sobre a Renda ou — coisa maravilhosa! — uma redução desse mesmo imposto, embora isso não pareça possível? Os governos estão sempre dispostos a aumentar os preços, os impostos etc., mas nunca fazem nada para reduzi-los, não é mesmo? Esse negócio de Imposto sobre a Renda, acho que apareceu nos termos da Lei da Defesa do Reino, na Inglaterra, durante a guerra de 1914-1918, e era apenas uma medida temporária, que seria revogada no fim da guerra. Pois bem, agora, aqui no Canadá, bem como nos EUA, o governo impõe um imposto tremendo, e depois a Província ou o Estado também leva o seu quinhão, criando um grande imposto. Em certos lugares, há ainda um terceiro Imposto sobre a Renda, cobrado por alguma cidade sedenta de dinheiro. Isso me faz lembrar o tipo de vida de um escritor: primeiro, ele paga comissão a um ou dois agentes; depois, paga Imposto sobre a Renda no país em que publica o livro; em seguida, perde dinheiro no câmbio — que nunca é a seu favor! — e, finalmente, tem de pagar imposto, coitado, na sua própria pátria. E, se ele for especialmente sem sorte, tem de pagar imposto federal e depois imposto provincial, e, se não for o “seu dia, também terá de pagar o imposto municipal. Depois disso, pode ser que ele verifique que há algum imposto escolar, porque os católicos, por algum estranho motivo, parecem ter dobrado o braço dos governos, visando a extorquir dinheiro das pessoas para ajudar a custear o ensino dos pequenos católicos. É um mundo muito estranho, não é?

Mas o seu Venerado Amigo, Moffet Barco a Remo, tem uma pergunta. Moffet adora barcos, e por isso, conforme já lhes disse, dei-lhe o apelido de “Barco a Remo”, de que ele parece gostar muito. Moffet Barco a Remo tem muito talento para fabricar modelos. Para tristeza minha, ele tem feito uns barcos tolos, modelos de tempos idos. Afinal de contas, quem

é que se interessa por navios que não passam de pedaços de madeira, soprados por uns trapos presos a um pau chamado mastro? Todos os grandes modelistas fazem modelos de barcos a remo, ou então de belos vapores antigos. Assim inspirado por seu novo nome Moffet Barco a Remo está agora ocupado, fabricando um barco a remo.

Mas ele anda intrigado com o *Marie Celeste*. Vocês provavelmente sabem a história dele, mas, se há alguém que não a conheça, vou contar: o *Marie Celeste* é, ou era, um veleiro que fazia a sua rota regular, singrando os mares. Um dia, ou melhor, uma noite, um navio que vinha em sentido contrário avistou o *Marie Celeste* avançando para ele a todo pano, na frente do vento. Já se achavam no crepúsculo — como este livro —, e, segundo os regulamentos marítimos, o *Marie Celeste* devia estar de luzes acesas, mas não havia luz alguma. A tripulação do outro navio ficou perturbada, diante de tantas coisas que pareciam estar erradas com o *Marie Celeste*. Assim, depois de muita luta, alguns dos homens do outro navio conseguiram subir a bordo do *Marie Celeste* e arriar as velas.

Aí, ficaram arrepiados e apavorados, pois não havia ninguém a bordo, ninguém mesmo; tudo estava perfeitamente em ordem, e havia até uma refeição posta numa mesa, aguardando um comensal desconhecido.

Durante muitos anos, houve muitas conjecturas quanto ao que teria acontecido a bordo do *Marie Celeste*. Não havia sinais de qualquer violência, de modo que... o que poderia ter sido? Os botes salva-vidas estavam lá; logo, a tripulação não poderia ter fugido por pensar que o navio estava afundando. O navio estava na mais perfeita ordem, não havia nada de errado com ele, a não ser que... a tripulação não estivesse a bordo, só isso.

Tem havido muitos navios como esse; intactos, em perfeita ordem, mas sem ninguém a bordo. E se lerem os meus outros livros, saberão a respeito do Triângulo das Bermudas, onde não só os navios têm perdido suas tripulações, como eles próprios desapareceram. Aviões também desapareceram e, pelo menos num caso autenticado, ouviram-se vozes no rádio, desaparecendo de maneira fantástica.

Moffet Barco a Remo quer saber o que aconteceu.

Bom, existe uma outra dimensão de tempo que

atravessa o nosso mundo. Existe outro mundo misturado com o nosso. Muita gente diz: “Bom, se é assim, por que não o podemos ver?” Não podem porque está numa frequência diferente. Entendamos: não sei quantos de vocês se interessam pelo rádio em ondas curtas, mas deve haver vários que já tiveram a experiência de escutar uma estação de ondas curtas — digamos, por exemplo, a BBC, na faixa de 31 metros — e depois viram que essa estação parecia sumir e no lugar dela aparecia, talvez, Moscou, a Voz de Moscou, berrando propaganda contra os países Capitalistas. Em seguida, antes mesmo que a pessoa pudesse estender a mão para o botão da sintonização, havia nova mudança: Moscou berrante sumia e voltava a BBC. Durante todo esse tempo, naturalmente, ambas as estações estavam irradiando, mas o aparelho estava sintonizado em uma delas; se havia uma mudança de frequência em algum lugar, entrava a outra. O mesmo acontece com os dois mundos. Os mundos são invisíveis, um para o outro.,

Vou explicar de outra maneira. Nós aqui neste mundo vemos por um certo tipo de luz; mas suponhamos que a nossa luz seja desligada e alguma outra, talvez uma infravermelha, seja ligada — então, aparentemente, estaríamos na escuridão, mas a pessoa que visse pela luz infravermelha poderia ver perfeitamente, enquanto que não poderia ver de todo, à nossa luz. E assim é que, nesse caso, se o nosso mundo está numa frequência e o nosso mundo gêmeo em outra, não há interação entre eles, de modo que um dos mundos não toma conhecimento do outro; no caso, porém, de eles se misturarem (apenas como ilustração), especialmente no Triângulo das Bermudas, e de haver uma mudança, qualquer pobre coitado no ponto dessa mudança poderia ver que passara de um mundo para o outro! Teria um choque horrível, não é? O outro mundo é gêmeo deste, de modo que, quando a pessoa passasse pela barreira para esse outro mundo, estaria num tipo de mundo e numa localização semelhantes, mas não conheceria a língua, poderia até não ver tão bem; poderia verificar que estava vendo quase como a gente vê, ao crepúsculo — puxa, parece que não consigo livrar-me dessa palavra, não é?

Mas podem ficar certos de que as pessoas do outro mundo também vêm para este mundo. Sei mesmo de um fato autêntico em que isso aconteceu, na Argentina, pois eu estava próximo, na ocasião. Mas isso já é outra história.

E assim, Moffet Barco a Remo, o *Marie Celeste* e outros navios ainda poderiam velejar, se atravessassem a linha, mas pode ser até que, no caso do *Marie Celeste*, a tripulação tivesse sido levada para ser examinada por um Objeto Voador Não Identificado, ou mesmo por algum navio que estivesse do outro lado da “barreira”. Ambas as hipóteses são possíveis, e ambas têm acontecido no caso de outros navios.

CAPÍTULO DEZ

Estive escutando a tragédia de uma nação, no meu radiozinho transistor, e estou impressionado com ela. Naturalmente, quando vocês lerem este livro, a notícia estará velha, e talvez até o novo Presidente já tenha deixado o cargo. Nada deve surpreender-me, hoje em dia. Mas... estive escutando a tragédia de uma nação. Essa tragédia não foi provocada por Richard Nixon. Richard Nixon, eu diria, não é nenhum santo — na verdade, eu acho mais fácil ele aparecer com chifres na cabeça do que com asas nos ombros —, mas fez muita coisa boa, e a meu modo de ver não fez mais mal do que alguns outros presidentes dos EUA.

A imprensa não tem o direito de interferir na política, como não o têm a Igreja. Fico sempre abismado quando vejo que, na Irlanda, por exemplo, um clérigo larga o sacrário ou foge do púlpito para se tornar um revolucionário. Como é mesmo o nome do camarada? Paisley, parece. Mas, se o sujeito se dedica às Ordens Sagradas, por que é que de repente começa a dar ordens revolucionárias?

O mesmo se dá com o velho Makarios, que fugiu tão depressa de Chipre que ninguém conseguiu alcançá-lo. Este é outro — e é arcebispo — que se esqueceu de seus ensinamentos religiosos para tomar o caminho da revolução — e os revolucionários, ao que me parece, não passam de uma turma de assassinos. Nós todos temos direito à nossa opinião, e é essa a minha opinião. Acho que um clérigo que se esquece de seus ensinamentos religiosos, e corre berrando do seu rebanho para pegar uma carabina, devia perder a batina. Não somente isso, mas devia ainda perder as calças!

Já fui muito perseguido pela imprensa e, embora não

possa dizer em verdade que odeio alguém, se o fizesse, eses alguém seria a imprensa. Eu preferia apertar a mão de Satanás e sua avó — será que Satanás tem avó? — a apertar a mão de um jornalista, pois essa gente é mesmo a ralé. Nós os escutamos no rádio e estremecemos diante do modo arrogante como ditam as coisas às pessoas; estremecemos ao ver como eles tentam obrigar a pessoa a dizer o que eles querem que se diga. Depois, quanto a Gerald Ford, escutei o jornalista dizendo o que o novo Presidente iria fazer. Bom, se o pessoal da imprensa é tão importante, tão sabe-tudo, por que é que os Estados Unidos precisam de um Presidente? Porque o Congresso, os Escoteiros ou coisa que o valha não telefonam para a imprensa todo dia, a fim de saber que ordens devem dar? O pessoal da imprensa, parece-me, é uma penca de tolos analfabetos e ignorantes, prontos para se aproveitarem da desgraça de qualquer um, e até da tragédia de uma nação. Que os raios a partam, a imprensa!

Tenho em mãos a carta de uma pessoa que não pode compreender isso:

“Bom, nos seus livros, e em outros também, está escrito que, de vez em quando, o mundo passa por uma espécie de mudança de ciclos, uma modificação de civilização, mas, se é assim, então devia haver resquícios de outras civilizações; nunca encontramos nenhum, porém, e isso me leva a crer que o senhor não esteja dizendo a verdade. Leva-me a crer que a Bíblia está com a razão e que o mundo só tem uns três ou quatro mil anos.”

Esse sujeito deve ser jornalista! De qualquer forma, imagine, por um momento, que você é uma formiga, brincando no campo de um lavrador. Bom, você vê uma grande nuvem vindo, a distância; como você é uma Formiga Sabida, foge depressa para a árvore mais próxima e sobe por ela a toda a pressa, com todas as suas seis ou oito pernas. E aí tem uma visão excelente do mundo lá embaixo.

O lavrador pára o seu trator, salta e abre a porteira do campo; depois, sobe de novo no trator e passa pela porteira, indo para o campo. Aí, depois de ter coçado um pouco a cabeça, de ter acendido um cigarrinho e dado uma bruta cusparada, ele prende um arado ao trator. E então, o que era o seu mundo, a superfície lisa do seu mundo, com belo capim verde e um bom mato, vira um tumulto. O lavrador está arando a terra. Ele ara e ara, bem fundo, de modo que toda a superfície do seu mundo, que é aquele

campo, fica revolvida e o solo interno sobe à superfície, e tudo fica bem embaralhado. Os seus amigos da colônia de formigas desaparecem para sempre. Uma das lâminas do arado tratou disso, de maneira muito positiva. A colônia de formigas foi revirada e, depois, grandes torrões de terra choveram sobre ela; em seguida, uma das pontas das lâminas do arado cortou a cama de terra que cobria a colônia extinta e todos os lados desmoronaram mais ainda. Na volta seguinte que o trator deu pelo campo, uma de suas rodas traseiras socou tudo bem fundo.

Bom, você, a última formiga em todo o mundo — o seu mundo é o campo, lembre-se —, estremece de susto. Tudo está com um aspecto novo. Há grandes penhascos de terra no lugar em que antes só havia terra lisa e talvez capim. Não resta mais nada que você conheça. Mas se você tivesse vida longa — não sei quanto tempo vive uma formiga —, veria os ventos e as chuvas martelarem a terra arada, até que tudo ficasse liso de novo. Mas antes disso, talvez, o lavrador ou o filho dele viria com a semeadeira, que é outro aparelho que revolve um pouco a terra e espalha as sementes por toda parte, e essa semeadeira seria acompanhada de um bando de passarinhos. Portanto, você, pobre formiga, faria bem se ficasse bem quietinha, para não se dar mal.

É assim que se passam as coisas nesta Terra. Temos o que nós, desta Terra, chamamos de uma grande civilização. Nova York, por exemplo (será grande, depois de Watergate?). Suponhamos que tenha chegado o fim do ciclo; teríamos tremendos terremotos, mais fortes do que vocês já possam ter sonhado — e nem sonhariam, pois não viveriam, depois deles. Esses terremotos abririam fendas na terra e os edifícios cairiam nelas, os abismos entrariam talvez um quilômetro pela terra adentro e todos os edifícios que formam Nova York cairiam ali.

Depois, a terra tornaria a fechar e haveria umas rugas; com o tempo, não restaria nem traço daquela poderosa civilização.

As águas mudariam seus cursos. O Hudson desapareceria dentro da terra, os mares talvez varressem parte da Terra; o local onde se situa Nova York possivelmente se tornaria o leito do mar, e tudo o que vocês conhecem dessa cidade teria desaparecido.

Mas não é verdade dizer que tudo se perde sem deixar vestígio, para todo o sempre, amém, pois tem havido histórias muito interessantes dos mineiros que trabalham em grandes

profundidades. Eles estão cavando à procura de carvão, digamos, e nas profundezas de suas minas encontram (e isso é verdade) uma figura enterrada no carvão, uma figura que pode ter uns quatro metros e meio. Pode também encontrar certos artefatos, e existem alguns deles expostos nos Museus. Tem havido ciclos e mais ciclos nesta Terra. Se você for a uma fazenda e olhar pelos seus campos, não poderá dizer que tipo de plantação havia ali, 10 anos antes, pode? Não saberá dizer que tipo de plantação havia, 20 anos antes ou cinco anos, ou até mesmo um ano, porque tudo foi revolvido. Talvez o lavrador tenha tido uma colheita muito boa, que esgotou a terra, de modo que ele a ara e alqueiva por um ano. Depois disso, ele torna a ará-la e planta coisa diferente, e assim por diante. A terra também é arada por terremotos, e depois dos terremotos vêm as inundações e os furacões, que sopram a terra solta e alisam tudo, garantindo que não fique nenhum vestígio do que havia antes.

Portanto, jovem que me escreve, dizendo que não estou falando a verdade, está dizendo tolices. Não sabe nada sobre isso tudo, de modo que, quanto antes ler todos os meus livros, e acreditar neles, melhor para si.

A Sra. Mary MacMaggot, do Maggotorium, Toads-ville, é grande adepta das ervas. Acredita piamente que as pessoas que tomam produtos químicos — quer dizer, remédios e tudo o mais — deviam fazer um exame mental. A Sra. Mary MacMaggot está positivamente convencida de que só se conseguem coisas boas das ervas. Acha que pílulas, xaropes, linimentos e loções são apenas artifícios para render dinheiro aos laboratórios.

Na verdade, geralmente não há diferença entre os remédios que obtemos das ervas e os que são feitos nas fábricas. Sabem como tudo acontece, não sabem? Bom, vejamos como exemplo uma erva que seja rica em ferro. Ora, o ferro que existe nessa planta não foi fornecido por uma Natureza benévola, — quem sabe, com o tempo, a Sra. MacMaggot vai precisar de um tônico ferroso? O ferro veio da terra, e vou aconselhar que pensem nas coisas assim: todas as plantas são celulose, são como esponjas de celulose e as células nessa esponja são cheias do material vital da planta; a celulose é uma forma de esqueleto, uma forma de suporte para a planta. Assim, essa determinada planta que estamos examinando gosta muito do solo, que tem em si um forte

elemento de minério de ferro. Desenvolve-se bem, nessas circunstâncias, e o minério de ferro é absorvido pelas raízes espalhadas da planta, sendo depois apanhado pela seiva e levado por todos os tecidos de celulose da planta. Aí, é armazenado naquelas cavidades, assim como a gente limpa a água suja com uma esponja e os sedimentos se depositam nas células da esponja. Bom, então chega um ervanário, pega um punhado de plantas que contêm ferro e mexe com elas — talvez as use para um chá, talvez as ame, mas, de qualquer forma, faz uma paçoca muito nojenta e toma o negócio. Se teve sorte e pegou uma planta que conseguiu uma boa quantidade de minério de ferro, ele se sente melhor. Mas se encontra uma planta seca, aí ele solta umas pragas e passa a tomar uns comprimidos.

Todas as grandes fábricas de medicamentos mandam equipes de pesquisa para as partes exóticas do mundo, como o interior do Brasil. Ali, esse pessoal de pesquisa encontra uma porção de plantas que não dão em nenhum outro lugar do mundo, talvez, pois o Brasil é realmente um país maravilhoso, em recursos naturais.

As plantas são anotadas cuidadosamente, fotografadas, verificadas, e depois acondicionadas e enviadas a laboratórios de pesquisas, onde são novamente examinadas à luz de informações obtidas dos nativos — talvez um curandeiro nativo utilize esta ou aquela erva para curar a esterilidade ou o reumatismo ou alguma outra coisa. Pois bem, os curandeiros nativos geralmente têm razão; —possuem muitas gerações de experiências herdadas para orientá-los. Portanto, vocês podem estar certos de que, se dizem que tal planta é boa para essa ou aquela moléstia, têm toda a razão.

A equipe de pesquisa desmembra as plantas, analisa-as, faz essências delas, faz cristais e lhes descobre todos os detalhes — de que é formada, o que segrega, e tudo o mais. E, como acontece muitas vezes, consegue isolar um certo elemento químico que é responsável pelas curas dos curandeiros. Então, analisando mais esse elemento químico, consegue reproduzi-lo exatamente. Portanto, temos o elemento químico da planta reproduzido pelo laboratório, o produto feito pelo homem, que tem uma grande vantagem sobre a de erva pura e simples, por que não há meio de se saber a potência da erva, e pode até não haver nenhuma. Mas se a substância for reproduzida e fabricada no laboratório, então pode-se sempre receitar uma dose completamente

precisa.

Estou pensando especialmente no curare. Há certos brasileiros do Amazonas — chamam-nos de índios — que usam o extrato de curare nas setas ou lanças; quando as atiram num animal, este tomba, paralisado. Mas isso é muito falho, porque, mais uma vez, no caso de uma erva que cresce no solo, não se pode ter certeza da dosagem. Há anos, verificou-se que o curare era útil para os cirurgiões, a fim de paralisar um paciente na mesa de operações e fazer os seus músculos relaxarem. Mas, quando se ministrava a erva, os resultados eram incertos; ou o pobre desgraçado morria ou, como era freqüente, não recebia uma dose suficientemente forte para fazer efeito. Mas agora, que o medicamento curare é fabricado artificialmente, não há risco, pois em todas as ocasiões a dosagem é exata. Portanto, Sra. Mary MacMaggot, é uma boa coisa podermos ter remédios químicos feitos na fábrica, que nos permitam receitar e dosar com exatidão. Imagine se a senhora tivesse de sair e mastigar meio quilo de erva-doce, para melhorar da tosse. Hoje, pode tomar um pouquinho de líquido e verificar que sua tosse passa rapidamente.

Outra pessoa escreve, perguntando o que penso dos Árabes e Judeus. Bom, para dizer a verdade, não penso nada de especial a respeito deles, porque, enquanto estão na Terra, são o mesmo tipo de gente. Os Árabes e Judeus eram bem amigos até há poucos anos, misturavam-se; os Árabes, nas comunidades Judias, e os Judeus, nas comunidades Árabes. E mantinham relações muito íntimas; não havia nenhuma disputa entre eles, nenhuma mesmo. Mas, sabe, uma das verdades da vida é que o amor e o ódio são muito próximos; pode-se ter um amor absoluto por uma pessoa, e isso pode transformar-se em ódio absoluto, quase do dia para a noite. Ou então podemos ter um inimigo ferrenho e depois verificar que o amamos, quase sem o perceber. Isso é porque os elementos químicos estão errados, nos dois povos. Pode ser que os Árabes e Judeus tenham modificado um tanto os seus hábitos alimentares, de modo que a sua ingestão de elementos químicos leva a uma oposição de suas vibrações. Se as vibrações de uma pessoa não forem compatíveis com as de outra, teremos o ódio; e as vibrações muitas vezes são governadas pelo tipo de alimentos que ingerimos, porque a comida nos dá a nossa ingestão química. É por isso que, em

tantos casos, o tratamento de megavitaminas faz milagres, enquanto que em outros pode não ter efeito algum. Assim, se tivéssemos um bando de Judeus e um bando de Árabes, e lhes déssemos a mesma alimentação, talvez eles se dessem bem e não quisessem andar esfaqueando-se traiçoeiramente, por assim dizer. Mas conheço, ou conheci, muitos Árabes bons, e conheço agora uma porção de Judeus bons. Infelizmente, também conheci um ou dois maus, mas também conheci alguns maus Budistas!

Muitas vezes recebo cartas da Alemanha, arrasando-me de verdade, porque os meus livros não são publicados em alemão. Não posso fazer nada quanto a isso. Houve uma campanha e tanto contra mim na Alemanha, provocada por uns camaradas que tinham inveja porque eu escrevia sobre o Tibete; assim, iniciou-se uma verdadeira campanha da imprensa contra mim. Mas me parece que os Alemães são um povo desagradável, que são os perturbadores da paz na Europa! São tão sem humor, tão sérios, tão metidos a virtuosos... que fui obrigado a resolver que não queria que meus livros fossem publicados em seu país. Não suporto essa gente prosaica, e já escrevi muitas vezes a pessoas na Alemanha, dizendo-lhes que, em minha opinião sincera, teria sido melhor para o resto da Europa, talvez, que os Russos se tivessem apoderado de toda a Alemanha. Se olharem para a História, verão que os alemães provocaram uma balbúrdia imensa em todo o mundo, desde os tempos de Átila, o Huno.

Portanto, Sr. Alemão, que está tão zangado porque não consegue os meus livros em seu idioma, eu não os quero publicados em alemão e não ligo a mínima para o que os Alemães pensam a respeito.

Um cavalheiro aqui — estou certo de que é um cavalheiro, pelo modo de escrever — diz que deve ser uma maravilha ser escritor. A pessoa não trabalha nada; só fica andando por uma sala e ditando para uma equipe de secretárias que ficam presas a cada palavra que o escritor pronuncia e depois lutam para pôr essas palavras numa prosa linda, que hipnotizará um editor e o fará pagar direitos autorais maravilhosos.

Esse sujeito acha que todos os escritores são milionários, que todos os escritores voam pelo mundo com passagens de primeira classe — ou talvez eu devesse dizer

“cartões de crédito de primeira classe” — e dirigem espetaculares carros esporte ou Rolls-Royces. Acham que eu deveria perder um ou dois minutos para dizer-lhe que acorde? Não é assim tão fácil. Acredito que o falecido Edgar Wallace tinha uma fórmula: tendo seis ou sete séries de enredos, a que aplicava diferentes nomes, locais e crimes, ele ia fazendo as modificações necessárias, montando uma espécie de esqueleto do livro; depois, ele caminhava pela sala, com uma comprida piteira na mão, ditando, pelo canto da boca (é obrigatório, quando se fuma ao mesmo tempo), para duas ou três datilógrafas. Bom, isso é produção em massa. O pobre coitado do autor, em geral, não faz as coisas assim. De qualquer forma, sabem de que precisam os livros de verdade? Vou lhes contar.

Em primeiro lugar, se vocês vão escrever um livro de verdade, devem ter tido algumas experiências de verdade, devem ter tido algumas experiências terríveis, que os tenham marcado para toda a vida. As pessoas que estiveram em campos de concentração, por exemplo, nunca mais são as mesmas; ficam marcadas. Muitas vezes, sua saúde se deteriorou e continua a se deteriorar, em conseqüência de suas experiências. Portanto, elas têm o conhecimento de certas coisas. Mas elas têm de ser capazes de escrever, têm de ser capazes de concatenar, de uma forma passável e interessante, as palavras que descrevem suas experiências. Se conseguirem fazer isso, têm de ter certeza de que suas experiências são tais, que as pessoas hão de querer ler a respeito.

Depois de datilografar o livro, elas têm de conseguir um editor para ler o original; antes, porém, para que o editor considere esse original, você precisa ter certas disciplinas mecânicas. Parecem estar interessados; portanto, eu lhes contarei a respeito.

Têm de datilografar numa face da folha, sem muitos erros. Têm de usar espaço duplo. Têm de escrever 10 palavras por linha e 25 linhas por folha. Isso lhes dá 250 palavras numa página. Ora, um capítulo, em média, de meus livros consta de 20 páginas; isso significa 5.000 palavras. Geralmente, ponho 12 capítulos, o que perfaz 60.000 palavras. E quando você alcança 60.000 palavras, descobre que omitiu alguma coisa importante, de modo que acrescenta mais algumas palavras.

Parece ser muito necessário que os capítulos sejam

quase do mesmo tamanho, pois não é um homem só que pagina o seu livro; o livro é dividido entre uma porção de paginadores, e se um recebe capítulos curtos e outro, longos... bom, pode haver encrenca com o Sindicato ou coisa que o valha. Portanto, é melhor fazer os capítulos bem regulares — umas 5.000 palavras em cada um, talvez com um capítulo um pouco mais curto no princípio e outro no fim. Se você conseguir fazer isso e a sua datilógrafa for razoavelmente limpa, então poderá conseguir que um editor o leia, e ler um original datilografado é o primeiro passo para publicá-lo.

O melhor método, sem dúvida, de fazer chegar um livro ao seu editor é utilizar o serviço de um agente. Tenho um agente muito bom. Depois de muitos anos, não somos mais agente e cliente; considero o Sr. Knight meu amigo. Ele é aquela jóia de agente, um homem totalmente honesto. Obviamente, é de extrema necessidade que o seu agente seja honesto e que trabalhe a seu favor. O nome da firma é Stephen Aske, Victoria Street 39, Londres, Inglaterra.

Mas tenho de avisar que, se enviarem porcarias sem qualquer possibilidade de ser impressas, o agente tem todo o direito de cobrar-lhes uma taxa pela leitura. Portanto, se vocês, cheios de fervor literário, sentirem uma necessidade urgente de escrever, fariam bem se escrevessem a um agente como o Sr. Knight, incluindo o selo da resposta, para pedir o seu conselho — se há mercado para a coisa etc. Se houver, ele lhes dirá e sem dúvida sugerirá que vocês façam uma síntese de talvez 5.000 palavras, contando brevemente sobre o que vai ser o livro.

Não mandem nada sem primeiro escrever, nem esperem que um agente — ou um escritor — responda às suas cartas, a não ser que incluam os selos devidos. O agente tem de pagar pelos impressos, pela datilografia, pelo tempo, despesas gerais (eletricidade, calefação etc.), impostos do seu prédio, aluguel, e se vocês não respeitarem os decoros da vida, incluindo os selos devidos, o seu agente em perspectiva poderá fazer exatamente o que eu faria — jogar tudo no lixo.

Um bom agente é precioso. Ele entrará em contato com os editores de outros países e fará com que paguem a tempo; acreditem, há editores que não pagam, não!

Mas, se pensarem que vão fazer fortuna, escrevendo, é melhor pegarem uma pá e virarem construtores ou coisa parecida. Esses é que fazem dinheiro hoje em dia, pois o escritor, a não ser que tenha algo de especial a dizer, muitas

vezes mal ganha o suficiente para viver, e um escritor com fome é um espetáculo terrível.

As pessoas escrevem-me, perguntando o que lhes recomendo em matéria de música; gente que quer elevar-se, ter um impulso espiritual, coisas assim. Bom, isso vem bem a propósito, pois acabo de receber uma carta de um rapaz na Inglaterra, recriminando-me pelo que tenho falado a respeito da “música” atual. Não apenas isso; ainda me manda uma amostra do que considera a boa música. Não tenho vitrola; por isso, um amigo meu a experimentou, e parece que o resultado é que o pobre amigo quase não é mais amigo, porque a música era só “jangue- -jangue-bangue-bangue”, como um cortejo de lixeiros malucos com a Dança de S. Guido, batendo as tampas das latas de lixo umas nas outras. Ei, por favor, não me mandem esses discos de *rock*. Puxa! Vou perder os meus amigos, se mandarem. Portanto, estejam prevenidos: não tenho vitrola.

Acredito que a música deve ser um calmante, deve ser o tipo de coisa que provoca uma sensação de bondade, que eleva as suas vibrações.

Acho que muitas das tendências neuróticas hoje em dia são provocadas por “música” inadequada, porque quando a pessoa escuta a música, as suas próprias vibrações pessoais vibram em sincronia ou em harmonia com o que estejam ouvindo. Portanto, se vocês estiverem ouvindo um *swing* perturbador, as suas vibrações pessoais ficarão irritadas. Parece-me que há uma porção de perturbações nervosas que foram provocadas por uma imitação de música estereofônica vomitando o *rock* em altos brados, realmente atrapalhando o psíquico da pessoa. Assim, se desejarem progredir espiritualmente, comecem por escutar alguns dos velhos mestres, alguns dos clássicos, um pouco da música que a nova geração não quer ouvir porque acha que tudo o que tem a ver com o *establishment* é contra seus interesses.

Coisa parecida acontece com o rádio, hoje em dia; a pessoa está escutando um bom programa musical e, pelo menos aqui no continente norte-americano, este é interrompido por anúncios histéricos de que as Pílulas Tais curam tudo, desde a prisão de ventre até calos. Ora, isto é muito mau — não a prisão de ventre ou os calos, mas esse anúncio repentino e frenético, pronunciado em tons histéricos —, pois destrói completamente as vibrações calmantes construídas pela boa música. Portanto, se quiserem escutar a

boa música, façam-no em discos ou .em fitas, para não terem de ouvir um rapaz histérico berrando a canção de amor de um remédio qualquer.

“Dr. Rampa”, dizia a carta, “até agora o senhor já escreveu 14 livros; vai continuar a escrever? Acho que o senhor devia continuar a escrever — escrever até o fim.”

Bom, madame, a senhora fala de 14 livros. Este — *Sol Poente* — é o décimo quinto; e por que não hei de escrever mais, como diz a senhora? Afinal, posso chegar até a meia-noite. Quem sabe? Tudo depende das exigências do público, pois um editor só publica um livro se houver mercado para ele e não há. garantias, sabe, de que um escritor possa escrever o livro e ter certeza de sua aceitação. O escritor é como um homem cego — tem de tatear para achar o seu caminho. Portanto, se quiserem mais livros, por que não escrevem ao meu editor, pedindo mais? Se quiserem capas melhores — e certamente espero que o desejem! —, por que não escrevem para o meu editor, dizendo-lhe isso? E se não gostam do papel amarelado e desbotado que o editor usa — bom, é favor dizer-lhe; não venham dizer a mim, pois eu lhes asseguro, por todos os livros sagrados, que não tenho voz ativa em matéria de capa, ilustrações, qualidade do papel usado ou o tamanho do tipo. Portanto, vão marretar o editor, pois é coisa que eu não posso fazer.

As pessoas escrevem à Sta. Ku’ei e Sra. Fifi Grey-whiskers. Naturalmente, essas duas senhoras não estão mais neste mundo, pois a vida dos gatos é de muito curta duração, acreditem. Vivem mais ou menos sete vezes mais rapidamente do que os humanos; portanto, um ano em nossa vida é igual a sete anos no tempo de um gato. A Srta. Cleópatra, no tempo de gatos, já tem quase 60 anos!

A Srta. Cleópatra Rampa é uma gata siamesa, de íris preta. E digo sinceramente: é a pessoa mais inteligente que já conheci, humana ou seja o que for. A Srta. Cleópatra é de longe a mais inteligente, compreensiva e carinhosa de todas. Ela cuida de mim.

Como sabem, ou já deviam saber, a esta altura, sou doente; há pouco tempo, estive muito mal mesmo e convenceram-me de que eu não devia mover-me mais do que o estritamente necessário. Pois bem, a Srta. Cleópatra incumbiu-se de ficar sentada ao meu lado durante a noite; ficava sentada numa mesinha de cabeceira que eu tenho — na verdade, é uma mesinha de hospital — durante a noite

inteira e, se eu ousasse mexer-me mais do que ela julgava necessário, estendia a pata e me dava um forte tapa, como se eu fosse uma criança levada e ela estivesse corrigindo-me!

Ela faz a ronda, tal e qual uma enfermeira de hospital. Quando não está “de serviço” total ao lado de minha cama, entra no quarto várias vezes durante a noite e salta para a minha cama, com muito cuidado (claro que não é para eu saber!), e depois se arrasta furtivamente pelo meu lado e espia com atenção para o meu rosto, certificando-se de que eu estou respirando direito. Se estiver, ela se afasta logo. Do contrário, ela faz um alarido tal que as pessoas logo vêm correndo.

Desde que conheço Cleópatra, nunca a vi irritada ou zangada ou de mau humor; se há uma coisa que não se queira que ela faça, basta dizer-lhe num tom de voz normal, e ela não o fará mais. Buttercup, por exemplo, não gostava que a Gente Miúda sentasse sobre os seus chapéus, o que, suponho, é razoável, do ponto de vista feminino. Ela disse isso a Cleo, sem zanga nem irritação, e Cleo nunca mais o fez.

A Taddy Gorda também mora conosco. É uma gata siamesa, de íris azul, muito mais pesada do que Cleo, e não é tão inteligente, de um modo material e físico, embora, comparada com outros gatos, seja muito inteligente. Seu talento especial reside no setor da telepatia. É a criatura mais telepática que já conheci e, quando quer, sabe transmitir a sua mensagem tão alto quanto um sistema de alto-falantes berrando nos ouvidos da gente. Cleo é responsável por ela, e mais ou menos a orienta, fazendo-a comportar-se. Mas Cleo é minha guardiã especial. Taddy está mais interessada em vigiar a comida!

As pessoas me escrevem, como vocês já devem ter percebido, fazendo todo tipo de perguntas esdrúxulas, e perguntas pessoais, também. Por exemplo, querem saber a minha idade, que não tem nada a ver com ninguém. Algumas querem saber se recebo pensão por velhice. Posso dizer-lhes que não, e por um motivo que acho estranho: como passei algum tempo na América do Sul, ficando 10 anos sem voltar ao Canadá, não posso receber a pensão por velhice. Portanto, aqueles de vocês que são “cidadãos idosos” podem estar interessados em saber que, segundo as leis do Canadá, a gente precisa estar no país durante 10

anos completos e ininterruptos — mesmo que se seja cidadão canadense naturalizado — para poder obter a pensão por velhice. Em 1975, fará 10 anos que estou de volta ao Canadá. Então, se eu ainda for vivo, terei de assinar um formulário para que outra pessoa possa receber a pensão por mim, pois não posso ir pessoalmente.

Também me perguntam se a Sra. Rampa mora comigo, e já ia dizendo: “Bom, claro que sim”. Nesta época de divórcios repentinos e instantâneos, porém não é mais tão claro assim, não é? Portanto, direi: “Sim, a Sra. Rampa mora comigo, bem como Buttercup, a Sra. S. M. Rouse, que mora conosco, como membro de nossa família — um membro até muito importante.

Às vezes, recebo cartas insultuosas da Austrália. Recebi uma agora, de um homem de nome Samuéis. Ele me escreveu de maneira muito desagradável, dizendo que não se ouvira nenhuma palavra de parte da Sra. Rampa, e que, se eu fosse sincero, deveria dar-lhe a palavra. Bom, para falar a verdade, ela já falou, muitas e muitas vezes. Mas vou deixar que a Sra. Rampa inicie o próximo capítulo, com algumas palavras desinibidas, sem a minha orientação, para ela poder dizer o que quiser. Assim, Sr. Editor, queira tocar uma música suave, diminuir as luzes sobre os nossos Leitores e preparar-se para iluminar o palco, pois o próximo capítulo será iniciado pela Sra. Rampa.

CAPÍTULO ONZE

Apresentarei aqui a Sra. S. A. Rampa. Ofereci-lhe a oportunidade de dizer o que quiser; portanto, lá vai:

“Foi sugerido que eu fizesse uma pequena contribuição para este livro, o décimo quinto; que escrevesse um capítulo, por exemplo. A princípio, a idéia chocou-me.

“Não! Não ousaria um capítulo. Mas, como o Autor concorda, terei muito prazer em tecer alguns comentários.

“Esta noite, acabei de ler o original datilografado do capítulo nove, acabado de sair da máquina; acredito que o capítulo 10 também já está concluído, mas ainda não o li. Portanto, se eu não me apressar, ficarei atrasada para este livro.

“Enquanto eu tratava de meus afazeres da tarde, como regar as plantas, preparar o jantar e satisfazer às necessidades muito exíguas de Cleópatra e Tadalinka, os meus pensamentos pousaram sobre o material que eu acabara de ler nas páginas de *Sol Poente*.

“Antes de mais nada, eu desejaria mencionar que, quando Lobsang Rampa se refere à “minha esposa” ou à “Sra. Rampa”, ainda é a mesma criatura conhecida por outros nomes, em livros anteriores; ainda é a “Mamãe”, de *Minha Vida com o Lama* ou “A Sra. Velho”, de *Além do Primeiro Décimo*, ou a “Ra’ab”, de *Luz de Vela*. Parece justo que vocês se assegurem de que Lobsang Rampa é uma pessoa leal e dedicada e não tem o costume de mudar de parceiro constantemente, e espero que se possa dizer o mesmo de mim.

“Já se disseram muitas coisas contra nós e a nosso

favor, assim como se fez com o Presidente dos Estados Unidos da América, que acaba de deixar com relutância o seu cargo de Presidente.

“Assim como o Presidente Nixon, sofremos muito nas mãos dos jornalistas e, nos últimos dias, nos lembramos que são os críticos que menos sabem das coisas que têm mais a dizer. Se não fosse assim, eles estariam ocupados em produzir condições melhores, em vez de tentar destruir os esforços de alguns outros que procuram fazer o bem a seus semelhantes.

“Mas hoje a crítica não é o meu objetivo; o que desejo é fazer alguns comentários sobre o Autor deste livro *Sol Poente*.

“O Dr. Rampa não é o velho grosseiro e amargurado, retratado por algumas pessoas levianas. Na verdade, ele está muito doente e, portanto, tem motivos de sobra para ser brusco e irritadiço, mas não é nenhum monstro insensível. Ao contrário, está sempre pensando nos outros, e na última semana reparei mais do que nunca como é grande a sua compaixão pelos que sofrem. Ontem à noite escutamos, juntos, como as demais pessoas em todo o mundo, a trágica declaração do fim iminente de uma Presidência e o Dr. Rampa ficou tão profundamente comovido com a tristeza de tudo aquilo que teve uma noite mais insone do que de costume. Uma das coisas que provocaram essa tristeza extrema foi a atitude dos jornalistas, que não se limitavam a fazer o trabalho da reportagem, mas, repetindo as palavras usadas por um ouvinte, estavam BORRIFADOS DE ÓDIO. •

“Talvez eu deva desculpar-me pela extensão do meu comentário, pois a intenção era de escrever apenas algumas linhas. Há apenas mais um assunto, e quero registrá-lo agora, pois esta poderá ser a única oportunidade que terei. Trata-se do seguinte: devo a minha maneira de pensar e toda a minha atitude de vida a esse homem, que tanto se sacrificou para nos ajudar, especialmente a mim.

“Embora a vida nem sempre seja fácil, não nos importamos tanto, se podemos ver aonde vamos; e, como já nos disseram muitas vezes, não há nenhum atalho para a tranquilidade. Por experiência pessoal, posso declarar positivamente que, por mais difíceis nós nos julgemos, com um pouco de esforço e com a prática REGULAR poderemos resolver muitos de nossos problemas, tornando mais fácil a nossa vida com os outros; e, o que é igualmente importante; mais fácil a nossa vida com nós mesmos. No meu próprio

caso, os Ensinamentos e, mais ainda, o EXEMPLO de Lobsang Rampa foram o principal fator para levar-me a chegar a um acordo comigo mesma. O resultado é que, suponha, tornei-me uma pessoa melhor.

“Não sei se sobrará espaço no livro para esta modesta contribuição, pois já foi tudo planejado antes de eu poder concatenar os meus pensamentos. No entanto, foi agradável escrever, e quisera que houvesse mais espaço para eu poder contar vários incidentes, mostrando a faceta muito piedosa da natureza dele, o aspecto que não é conhecido de todos, nem sempre reconhecido, mas que não obstante é uma parte muito real da sua constituição. Mas ainda pode haver outra oportunidade. Quem sabe? Só sei de uma coisa: em resposta àquele homem insul- tante da Austrália, que escreveu exigindo que eu prove alguma coisa, deixe-me dizer... sim, sei sem sombra de dúvida que Lobsang Rampa é quem pretende ser e que todos os seus livros são verdadeiros.”

Bom, eu tinha esperança, se tivéssemos ilustrações, que pudéssemos teç a assinatura de S. M. Rouse, e também esperava que se fizessem formas para as ilustrações, que os parágrafos escritos acima pela Sra. Rampa pudessem ter a sua assinatura, pois há sempre algum sujeito pronto para dizer: “Ora, bolas, ele mesmo o escreveu.” (Mas não escrevi, não!)

Quanto a essa história de provas, bom, não adianta tentar provar nada a ninguém, pois, se a pessoa quiser acreditar, então há de acreditar; se não quiser, nem todas as provas a convencerão. Portanto, podem escolher.

Mas outra coisa sobre a qual me perguntam é a respeito de livros, que livros a pessoa deve ler. Bom, não posso dar uma lista de livros, pois não a tenho, mas há dois livros em especial que me impressionaram muito, e lhês darei os dois títulos e os dados necessários. O primeiro é *The Space Ships of Ezekiel*, por Josef F. Blum- rich. É um Bantam Book e posso recomendá-lo sinceramente. O Autor quase morreu de rir quando o filho contou-lhe a respeito de Objetos Voadores Não Identificados, e olhem que ele era um cientista da NASA, qualificado para saber a respeito desses Objetos e tudo o mais. Ele se divertiu tanto com a crença idiota do filho nessas coisas que se propôs a provar que não podem existir esses “discos voadores”.

E, quanto mais tentava provar, mais se convencia de que realmente existem tais coisas; no final, como projetista,

conseguiu projetar o tipo de nave espacial sobre a qual escreviam nos tempos de Ezequiel. É um livro muito bom realmente, que recomendo com entusiasmo. Portanto, vão correndo comprá-lo e verão que sou bom crítico literário!

Outro livro extraordinariamente bom chama-se *Timeless Earth*. Foi escrito por Peter Kolosimo. Creio que foi primeiro escrito em francês, mas depois foi traduzido para o inglês por Paul Stevenson, publicado pela University Books Inc. Este é outro livro que realmente prenderá a atenção de vocês. Conta a verdade e devia figurar na biblioteca de toda pessoa que pense. Enquanto estão procurando o livro das naves espaciais, que tal comprar também *Timeless Earth*? Poderão assim verificar que aperfeiçoaram a sua instrução.

Ei! Eu neste livro estou sendo bonzinho, não? Não somente respondo às suas perguntas, como ainda recomendo outros autores! Mas continuemos com mais algumas perguntas e respostas.

Vou fazer uma confissão, aqui: a minha vista é muito fraca, de modo que andei “tapeando”, ao escolher as cartas datilografadas, pois às vezes recebo cartas em que a caligrafia faz lembrar os rabiscos que poderiam ser feitos por uma aranha sofrendo da Dança de S. Guido e que acabasse de sair do tinteiro. Sem dúvida, muitas e muitas perguntas que poderiam ser bem interessantes não foram contempladas, porque EU NÃO CONSEGUI LER O QUE ESTAVA ESCRITO!

Mas aqui temos uma pergunta que não faz sentido algum. Esse rapaz diz: “O senhor afirma que somos todos imortais; no entanto, não seria lógico dizer que, se não temos fim, também não teríamos tido princípio? Não seria mais lógico, se isso se aplicasse aos dois sentidos?”

Não, não creio, nada disso. Afinal de contas, uma coisa tem de começar, senão não existe; uma vez que começou, por que não há de continuar? Em teoria, se uma pessoa puder substituir todas as suas células corporais para que fiquem exatamente iguais às substituídas, então ela continuará para todo o sempre, não é? Uma pessoa se desgasta pelo simples motivo de que o mecanismo que substitui as células cada vez mais tem uma memória deficiente, de modo que as células que são substituídas e as células substitutas são um tanto diferentes e vão se tornando cada vez mais diferentes.

Francamente, não vejo motivo por que uma coisa não

possa começar sem terminar. De qualquer modo, Sr. L., o que quer dizer por “não temos fim”? Nós continuamos sempre. Há um fim do corpo humano, o corpo humano, o corpo físico; depois, continuamos para o astral e, na plenitude do tempo, há um fim do corpo astral. Em outras palavras, morremos de modo bastante indolor no astral e passamos a outra dimensão, e assim por diante, *ad infinitum*.

“Existe um mundo meio dimensional, ou um quarto dimensional? Essa questão vem me intrigando há muito tempo.”

Não, não existe isso. É preciso ter-se uma dimensão completa, senão não se teria a interação. Vemos um estado semelhante de coisas, numa escala muito, muito menor, quando esse mundo e o nosso mundo negativo aproximam-se demais. As pessoas começam a desaparecer, como no Triângulo das Bermudas, mas não se pode chamar a isso “meia dimensão” ou de “um quarto de dimensão”; é apenas um fato infeliz.

“Dr. Rampa, por que é que a imprensa tem um prazer tão doentio em persegui-lo, só porque o senhor aparece com um trabalho muito especial, que tem de ser considerado? Eles não acreditam que o senhor seja absolutamente verdadeiro em tudo o que faz e diz? O senhor tem seus direitos, sabe, e eles deviam respeitá-los.”

Claro que não fiz nada para que a imprensa goste de mim. Mas tampouco fiz alguma coisa para que não goste. Os jornalistas surgem com uma exigência feroz e ameaçadora, querendo que lhes demos entrevistas e que digamos tudo o que eles querem que se diga; se a vítima não concorda, então é objeto da perseguição da imprensa.

Há alguns anos, tive uma proposta da C.B.C. Queriam que eu aparecesse na televisão, para contar a verdade sobre a “História Rampa”. Eu estava pronto a fazer isso, porque tudo o que escrevi e disse é verdade. Sou quem pretendo ser e sou capaz de fazer tudo sobre o que escrevo. Portanto, lá estava eu, prontinho para aparecer na televisão. Mas aí, com grande espanto, verifiquei que a C.B.C. não desejava a VERDADE, ao contrário; queriam que eu lesse uma declaração preparada de antemão, confessando-me um impostor. Bom, eu não sou impostor e portanto não quis ler a declaração. Assim, não me permitiram aparecer na televisão, para contar a verdade pura e simples. Em vez disso, fui perseguido pela imprensa.

Escrevi ao Conselho da Imprensa, na Inglaterra,

reclamando contra todas as mentiras vis que estavam sendo publicadas a meu respeito, mas o Conselho achou que a imprensa deve ser livre, para escrever o que bem entender. Escrevi também aos Diretores da C.B.C. e eles acharam que o produtor de televisão deve ter a liberdade de dizer o que quiser na televisão e de pedir que os outros façam o mesmo. Portanto, parece-me que a imprensa, o rádio e a televisão são um círculo fechado. Ora, vou lhes fazer uma pergunta: se fossem atacados pela imprensa ou pelo rádio ou pela televisão, e soubessem positivamente que o que escreviam ou diziam a seu respeito era mentira, de que modo poderiam refutar essas mentiras? Lembrem-se: suas palavras não poderão ser publicadas na imprensa, a não ser que eles *queiram* publicar o que vocês escrevem; e não poderão aparecer na televisão, a não ser que alguém *queira* que vocês apareçam. Alguém poderá dizer: “Bom, tomem medidas legais”. Muito bem, mas você só se pode fazer isso se tiver muito dinheiro. Tentei agir assim contra um sujeito, nos EUA, um homem que estava fingindo que publicava os meus livros, ou melhor, livros escritos por mim; mas não eram, em absoluto — ele estava se utilizando do meu nome. Tentei arranjar um advogado, mas, como eu não tinha o dinheiro para pagar o adiantamento fantástico que ele esperava, não se fez nada. Tenho sido forçado a ver as pessoas usarem o meu nome, abusarem do meu nome, passarem por mim e tudo o mais, sem poder fazer coisa alguma. Se eu tivesse o dinheiro, ou se algum advogado concordasse em ser pago pelos resultados, então, por Deus, que eu ia processar algumas pessoas, como aquele, por exemplo, que finge ser meu amigo do peito e vende artigos diretamente da “oficina de Lobsang Rampa”. Conforme já lhes disse antes, não tenho oficina, não fabrico objetos, e se algumas pessoas fingem que são minhas amigas, e que podem usar o meu nome, lembrem-se de que só há duas pessoas que fazem artigos desenhados por mim: o Sr. Sowter, na Inglaterra e o Sr. Orłowski, na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá.

“O senhor fala de um Líder Mundial, cujo corpo está atualmente sendo preparado na Terra para que a Grande Entidade venha animá-lo; sabe onde o corpo está vivendo, atualmente? A entidade que virá tomar conta do corpo poderia ser a reencarnação de Jesus, Maomé ou Gautama?”

Ah, sim, sei exatamente onde está o corpo e até já o vi.

Mas, naturalmente, eu não diria onde ele está, senão veríamos algum raio de jornalista disparar para lá e voltar com um artigo fantástico e inteiramente imaginário. Sei positivamente onde está o corpo.

Não, nem Jesus nem Maomé nem Gautama são re-encarnações, nem virão para tomar conta desse determinado corpo. Compreendamos: há um grupo especial de Entidades que desce à Terra, em certas ocasiões. Na verdade, hesito em usar uma expressão como “Fraternidade Branca”, pois há muita gente estúpida que pensará tratar-se de um culto novo chamado Fraternidade Branca, ou Burros Escuros, ou coisa que o valha. Hoje em dia, há muita gente doentia que se agarra a tudo o que acha que poderá ser plausível. Mas existe um grupo de Entidades — e não se pode fazer um curso por correspondência com eles, pois não estão associados a qualquer desses cultistas malucos nesta Terra — que baixa a este mundo, e naturalmente também vai a outros mundos, para dar um exemplo como Mestres. Seria uma perda de tempo se fossem obrigados a nascer aqui, quando tudo o que tivessem a fazer levasse talvez um ano. Assim, apoderam-se de um corpo especialmente preparado; depois de realizado o seu trabalho, o corpo desaparece, de algum modo que não precisamos explicar aqui.

“O senhor fala sempre em seres humanos e animais. Nós também não somos animais?”

Sim, claro que somos, e nem tão bons animais assim, alguns de nós. Mas estou apenas seguindo o que se poderia chamar de um padrão, ao referir-me a seres humanos e animais. Fica claro que eu me refiro a uma espécie — a humana — ou a outra espécie — digamos, os gatos. E, conforme já lhes disse, a Srta. Cleópatra é a pessoa mais inteligente que conheço, seja entre animais ou humanos.

Ei! O que é que há com você? Sua pergunta é: “Por favor, conte-nos como utilizar uma bola de cristal. Eu gostaria de ver a resposta a isso em seu próximo livro. Devemos escurecer completamente a sala, antes de experimentar? Devemos guardar o cristal num lugar seguro, para que não seja usado para outros fins? Devemos usar um pouco de imaginação, em matéria de fazer alguma coisa aparecer ou o quê?”

Bom, realmente, pensei ter esclarecido bem como se deve usar a bola de cristal. Ora, suponhamos que você não tenha um cristal, suponhamos que utilize um copo, em vez

dele. Bom, você pega um copo novo, completamente liso, sem qualquer desenho, qualquer gravação; na verdade, um copo bastante caro, que não tenha qualquer defeito perceptível. Depois, você o lava com cuidado, e após enxaguá-lo bem, encha-o da água até bem em cima, de modo a ter um *meniscus* (*meniscus* é o calombo que aparece quando se enche demais um copo). Esse copo cheio de água é então colocado numa mesa ou em algum lugar escuro e você se certifica de que a sala esteja escura ou obscura; é óbvio que você deve poder ver o copo, como também as suas mãos diante de si, mas não precisa poder ver a ponto de ler o jornal. Digo-lhe isso apenas como orientação. O ponto certo da escuridão é quando as cores começam a desaparecer.

Uma vez obtidas as condições certas, você respira fundo algumas vezes e se ajeita, para ficar confortável; não deve haver esforço, nenhum músculo se contraindo, nenhum nervo vibrando. Aí, você olha na direção do copo de água, mas não diretamente para ele; olha através dele, com os olhos não enquadrados imaginando que está focalizando o infinito. Está bem claro? Você está olhando na direção do copo e, propositadamente, desfocalizando seus olhos, imaginando olhar para algum ponto invisível no espaço. Fica sentado ali, deixando que a sua mente tome conta, e logo vai notar uma névoa; a água parece tornar-se leitosa e, depois, desde que você não se sacuda nem caia da cadeira, de choque, ela se dissolve e você começa a ver figuras. E é só isso. Não é preciso imaginar coisas; por que haveria de fazê-lo, se vê as coisas verdadeiras?

Depois de ter usado o seu copo, despeja a água, enxágua-o, embrulhando-o num pano preto e não o utilizando para mais nada.

Se você usar um cristal, fará a mesma coisa, em termos de olhar para ele, mas, depois de usá-lo, deverá embrulhá-lo num pano preto, pois, se ele receber a luz forte do Sol, isso estragará o seu poder, assim como acontece quando deixamos incidir a luz do Sol sobre um filme exposto — não servirá para nada.

“Eu gostaria de saber o que o senhor pensa do jogo.”

Bom, isso é fácil. Já falei a respeito várias vezes, em meus livros. Sou totalmente contrário ao jogo e, embora muito freqüentemente as pessoas me mandem bilhetes de Sweepstake e essas coisas assim, nunca em minha vida ganhei coisa alguma, nem um centavo — e tenho dito!

“Não consigo localizar a zona dos gatos, no mundo astral. Como é que se pode encontrar essas zonas?”

Vocês acabam de me recriminar, numa pergunta anterior, dizendo que eu me refiro aos seres humanos e animais, quando os humanos também são animais. Agora, querem saber a zona dos animais; portanto, eu lhes perguntarei: os humanos também não são animais? E se os humanos podem ir para certa zona, por que não o podem os animais de quatro pernas também? A resposta é: podem, sim. A Srta. Ku’ei e a Srta. Fifi Greywhiskers são grandes amigas minhas; estão no plano astral, esperando por mim. Tenho lá outra gata amiga, chamada Cindy, que desce a este mundo, na forma física, para me ver e me dar recados — é a pura verdade! Portanto,

eu lhes direi que os animais, se tiverem um *status* espiritual adequado, podem ir a qualquer plano de existência a que possam ir os humanos do mesmo *status*. Nos outros mundos, sabe, os animais não são tratados como criaturas inferiores, não são mais “animais irracionais”, e, para uma pessoa telepática, como eu, não existe isso de animal irracional. E, falando de animais, já lhes ocorreu que os únicos animais maus ou daninhos são os que se tornaram assim devido aos seres humanos? Normalmente, os animais nascem “bons” e assim permanecem, a não ser que sejam estragados pelos seres humanos. Portanto, a resposta à sua pergunta é a seguinte: os animais vão para as mesmas zonas dos seres humanos; assim, quando vocês passarem definitivamente para o outro plano, poderão encontrar um animal de quem gostem e QUE GOSTE DE VOCÊS!

Estes últimos dias têm sido muito quentes mesmo, insuportavelmente quentes. Mas agora, neste momento, a temperatura baixou de uns 16 graus e estamos tendo uma tempestade; alguns pobres coitados estão se casando, ou provavelmente já se casaram. Aqui em Calgary há um costume estranho: quando duas pessoas acabam de se casar e parlem do local do casamento, fazem o máximo de algazarra que podem. O carro dos noivos e todos os outros desse cortejo nupcial buzinaam o tempo todo e o alarido é uma coisa tremenda. Pessoalmente, não vejo sentido nisso, pois em que é que o casamento vai lucrar, tendo buzinas perturbando o sossego de todo mundo?

Outra coisa que me intriga aqui em Calgary são o Corpo de Bombeiros, a Polícia e as Ambulâncias. Têm as sirenas

mais barulhentas que já ouvi em qualquer lugar. E não é só isso: as sirenas das ambulâncias gritam e gorjeiam de tal modo que podiam assustar mortalmente um paciente nervoso. Onde eu moro, há uma espécie de junção de prédios de concreto e, por algum motivo estranho, o som ressoa e torna a ressoar, parecendo realmente aumentar de volume, devido a alguma idiossincrasia arquitetônica. De qualquer forma, o barulho continua, noite e dia, e o tráfego é incessante. Nunca vi a rua lá fora sem montes de carros. Durante as 24 horas do dia, há um fluxo contínuo de carros velozes, e muitas vezes fico deitado na cama, olhando pela janela, pensando no lugar para onde irão todas essas pessoas, movimentando-se sem parar o tempo todo, noite e dia. Aqui, há carros demais, e barulho demais. Mas suponho que, agora, alguém me escreverá, dizendo que estou com inveja, por não ter carro ou coisa assim. As pessoas fazem essas coisas, sabe; escrevem-me dizendo que sou amargurado. Eu não sabia disso, não creio que seja amargurado. Tenho os meus problemas e resolvo-os como posso, só isso.

Da última vez que estive no hospital, um Capelão Cristão tentou catequizar-me e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a não ser que era Budista, falou: “Ah, sente-se culpado por isso, e amargurado por não ser Cristão?” O que acham disso?! Eu podia ter respondido: “Não, mas o senhor parece um pouco culpado por ser Cristão”.

Parece bastante estranho que tantos médicos e tantos pastores procurem produzir uma espécie de pseudo-psicologia, procuram analisar o comportamento da gente apenas por conhecimentos de compêndio, esquecendo-se de que um Budista pode ter uma concepção de vida diferente da de um Cristão. Mas voltemos a algumas dessas perguntas e respostas. Primeiro, quero ler-lhes parte de uma carta que me foi escrita pelo Sr. Borge Langeland. Diz ele: “Estou contente por saber que o senhor está escrevendo o seu décimo quinto livro. Não sei como dizer-lhe o que os seus livros têm significado para nós. Se eles não fossem verdadeiros, eu perderia toda a confiança em minha habilidade de julgar o que deve ser aceito e o que deve ser rejeitado. Para o senhor, talvez o seu trabalho com a aura seja a missão mais importante desta vida, mas creio que, escrevendo seus livros e revelando às pessoas alguns dos mistérios da vida, que

alguns de nós temos tentado desvendar, o senhor contribuiu mais para a humanidade do que provando que existe uma aura que pode ser fotografada”.

Bom, Sr. Langeland, sim, o senhor tem a minha afirmação positiva de que todos os meus livros são absolutamente verdadeiros; não são ficção, são a verdade. Não apenas como eu a veja, mas a verdade de fato.

Sim, o Grande Décimo Terceiro Dalai-lama realmente abençoou-me, colocando ambas as mãos em cima de minha cabeça, DE UMA MANEIRA ESPECIAL — esse “de uma maneira especial” é importante, porque um homem muito, muito bem dotado, como foi o Grande Décimo Terceiro, pode transmitir poderes especiais e mesmo acelerar as vibrações da pessoa. Esta, aliás, é a resposta a uma pessoa que deseja saber a respeito dessas coisas.

Vocês provavelmente sabem que, há anos atrás, na Inglaterra — aliás, em muitos países —, havia uma crença positiva de que o Rei era capaz de curar as moléstias, e que, se ele colocasse as mãos sobre um doente, este sarava. O mesmo se dá na lenda a respeito de Jesus, que diz que, se a pessoa tocasse nas vestes que ele usava, ficaria curada de todas as doenças. Isso é porque essas pessoas têm uma vibração diferente; quando vêm, com sua sabedoria superior, que outra pessoa tem possibilidades de se aperfeiçoar e de aceitar um aumento de vibração, fazem aquele gesto necessário, que dá ao recebedor uma sensação infável de bem-estar e de poder. E vou lhes dizer que as minhas capacidades aumentaram enormemente por aquele ato do Dalai-lama.

Vocês me perguntam por que “uma mão” ou por que “duas mãos”. Dizem que as pessoas que vão à igreja e recebem a bênção todos os domingos não parecem ficar nem melhores nem piores por isso. Bom, isso está certo. O Grande Décimo Terceiro usava duas mãos, da mesma maneira que, se tivermos um aparelho elétrico, é preciso ter dois fios — dois contatos —, porque com um a corrente “não passaria”. Quanto a dizer que as pessoas que freqüentam a igreja não melhoram por serem tocadas com uma das mãos ou com as duas — não, é isso mesmo que estive lhes dizendo. Só nos beneficiamos com isso se a pessoa que nos tocar for uma pessoa superior, e não algum pobre pastor ou clérigo que esteja apenas confuso, porque ser o emprego mais fácil que

ele conhece — e também não conhece mais nada. Ah, não, no que se refere a benefícios de uma coisa assim, vocês poderiam sair e pedir a qualquer pessoa na rua que lhe tocassem na cabeça — dava no mesmo!

Perguntam-me o que faz com que os raios do Sol se reflitam tão vivamente da Lua. “Enviamos homens à Lua e eles descobriram que ela não é feita de requeijão, e sim de rochas e areia, muito semelhantes ao que existe aqui na Terra. Quando os raios do Sol atingem um alto pico de montanha na Terra, de manhã, à tarde ou à noitinha, o vale embaixo permanece na penumbra. Como as rochas no pico da montanha são semelhantes às rochas na Lua, por que não refletem os raios para o vale?”

Fácil, meu caro, fácil; a superfície da Lua é muito semelhante, em seu poder de reflexão, ao do gipso, e o gipso, que parece gesso, realmente reflete. Mas, no caso da Lua, a reflexão é imensamente ajudada, porque não existe ar para absorver os raios de luz. Os raios de luz, como sabem, consistem de vibrações e, se houver ar, então elas são atrasadas na passagem pela atmosfera. A Lua, como sabemos, não possui atmosfera, e assim os raios do Sol a alcançam sem obstáculo, sendo refletidos sem obstáculo da sua superfície.

Perguntam a respeito das rochas na Terra, por que não refletem os raios do Sol para dentro dos vales. Resposta: porque o ângulo de incidência é diferente. Quando os raios da luz chegam aos picos das montanhas, são refletidos para cima, ou dentro de um arco estreito, e não para baixo. Podem facilmente verificar isso, com uma lâmpada forte suspensa do teto, que represente o Sol. Aí, sentem-se no chão, com um espelhinho na mão. Poderão então refletir os raios do Sol (de fato, a lâmpada suspensa) de volta para o teto ou bem para cima, na paredes em volta; mas, a não ser por meio de acrobacias, não poderão refletir os raios para baixo, para um ponto entre os seus pés, que poderá ser considerado o vale. Está claro?

A terceira pergunta desse cavalheiro é sensata; por isso, vamos respondê-la. Diz ele: “O senhor escreve que as guerras são necessárias, para controlar a explosão populacional e para dar às pessoas a oportunidade de se sacrificarem. Qual é o efeito cármico sobre os heróis de guerra que dão a vida lutando por seu país, mas, ao fazer isso, matam ou aleijam muitos inimigos que nunca viram antes? Quando, ou se, eles

se encontrarem de novo em algum lugar do Além, perguntarão: ‘Foi você o Filho da Mãe que me matou?’ E como é que alguém merece mérito por lutar numa guerra e matar alguém, mesmo que perca sua vida?”

As leis do carma são diferentes, quando a pessoa luta em defesa de seu lar, sua família e sua pátria, de modo que, se você for mandado para as forças armadas, não tem escolha, tem de ir. E, uma vez nas forças armadas, você fica sob uma proteção geral; assim, as pessoas que dão as ordens — basicamente, os governos — têm de aceitar os resultados cármicos dessas ordens.

O senhor, Praça A.B., é mandado para a frente de guerra. Tem uma carabina nas mãos e, em certa ocasião, podem dizer-lhe para disparar essa carabina. Tem de obedecer às ordens, senão pode ser morto por desobediência. Assim, você puxa o gatilho e uma bala mata um dos inimigos. O efeito cármico disso não é seu, você não tem de se preocupar com isso. O efeito cármico é assumido pela pessoa ou pessoas QUE REALMENTE PROVOCARAM A GUERRA!

Quando você chegar ao “Outro Lado”, não terá de encontrar a pessoa que você matou, ou que matou você. Somente se você não tiver aversão ou ódio por essas pessoas é que poderá encontrá-las. Por certo que você conquista mérito por evitar atrocidades. Suponhamos que uma patrulha consegue fazer uma emboscada ao inimigo, que se propunha a massacrar uma porção de mulheres e crianças; talvez fossem incendiar as casas, depois de terem trancado os moradores lá dentro. Bom, você e sua patrulha talvez matassem 20 membros dessa turma de assassinato, mas, ao fazê-lo, poderiam salvar 2000 pessoas, entre mulheres, crianças e velhos, de modo que o saldo seria favorável, e assim você teria “ganho mérito”.

A Sra. Nancy Justice é uma velha amiga; nós nos correspondemos há... esqueço-me há quanto tempo, sei que é bastante. Ela me escreveu e tem algumas perguntas. Assim, acho que devemos atender à Sra. Nancy Justice, não acham? Diz ela: “Sou ligeiramente clarividente. Em seu livro, *A Sabedoria dos Lamás*, o senhor define a clarividência como sendo o poder de ver através das paredes e além. Refiro-me a saber o que vai acontecer antes de acontecer, mas isso só posso fazer até certo ponto. Tenho ímpetos de olhar na bola de cristal, ou coisa assim. Sei que os espelhos parecem atrair os meus olhos, e já li em algum lugar sobre espelhos usados

antigamente, que eram pintados de um lado, ou coisa parecida. Pode dizer-me como se faz isso?”

Bom, Sra. Justice, estive escrevendo sobre os cristais e como usá-los, de modo que acho que isso responde à maioria de suas perguntas, mas positivamente, não a aconselho a usar Espelhos Negros, pois, se usados descuidadamente, são coisas muito perigosas mesmo, permitindo que entidades travessas façam o mal por seu intermédio. Assim, siga o meu conselho e não se meta com esses Espelhos Negros. Uma bola de cristal não lhe pode prejudicar, de maneira alguma.

A senhora continua: “Vejo que fala muito do astral e das viagens astrais. Também acredito quando o senhor diz que não lhe pode acontecer mal algum, mas sou uma dessas pessoas estranhas, que tem um medo horrível do hipnotismo, até mesmo da auto-hipnose. É verdade que, quando o senhor está profundamente absorto em ler alguma coisa, como ler um livro ao ponto de não tomar conhecimento de influências externas — bom, isso é uma forma de hipnose?”

Não pode acontecer nada de mal quando você está viajando no astral, a não ser que tenha medo. Mas, aí, se você se assustar, pode acabar ferida, mesmo quando estiver atravessando uma rua. Poderia correr para o lado errado.

Sou positivamente contrário à hipnose. Sou também contrário à auto-hipnose, porque é muito fácil fazê-la do modo errado; é mais fácil até fazê-la errado do que certo. Portanto, não se meta com nenhuma das formas de hipnose; são maléficas. Mas fique tranqüila, pois, quando estiver lendo um livro, não está sendo hipnotizada. Ao contrário, estará apenas interessada, e isso é completamente seguro.

A senhora apresenta uma terceira pergunta, Sra. Justice, e vem tanto a calhar que vou respondê-la agora mesmo: A senhora escreve: “O senhor diz sempre que, se alguém experimentar todas as coisas diferentes em seu livro, nunca lhe acontecerá nada como “ser possuído”, ótimo, mas como é que as pessoas que ficaram possuídas alcançaram esse estado? O que fizeram, ou deixaram de fazer?”

É uma pergunta razoável. Mas lembrem-se de que acabei de recomendar que não façam a hipnose. Recomendei que não usem os Espelhos Negros. Portanto, se quiserem experimentar essas coisas, poderão facilmente ser possuídos. Estou lhe dizendo, em todo este livro, como NÃO serem possuídos. Mas, se não ligarem ao que estou dizendo, então

ficarão possuídos, e é isso que desejam saber.

Espelhos Negros, Maria Negra, hipnose e algumas mesas *ouja* podem enganá-los; você pode ficar hipnotizado com elas e ficar possuído. E é por isso que digo e repito: NÃO O FAÇAM!

CAPÍTULO DOZE

Todos aqui estão muito ocupados. Normalmente, gosto de datilografar grande parte de meus livros pessoalmente; depois, Buttercup os passa a limpo, em sua máquina de escrever Olympia. Hy Mendelson deu-me uma máquina, que apelidei de “Perigo Amarelo”, mas não pude usá-la muito neste livro, pois minha saúde não o permitiu; assim, a maior parte dele foi ditada num gravador Sony, um negocinho pequeno, de bolso — acho que posso pretender um relacionamento com o Sr. Nixon. Parece que ele usou gravadores Sony para suas fitas de Watergate!

Buttercup é uma datilógrafa exímia; extremamente rápida e extraordinariamente correta. Fazemos uma grande festa quando ela comete um erro, pois é bom dizer-lhe que ela não é perfeita, afinal. Mas nós aqui na Residência Rampa devemos muito a Buttercup e sem ela tudo seria muito mais difícil. Portanto, obrigado, Buttercup Rouse.

A Sra. Rampa também trabalha muito. Examina as páginas datilografadas com olhos de lince e as duas — Buttercup e a Sra. Rampa — não deixam passar muitos enganos, e se cometo um erro no meu ditado...! Meu Deus, não me deixam em paz. Buttercup me assalta como toneladas de pedras, e não sossega até eu retificar o erro de omissão, ou comissão ou outra missão. Mas tenho pena é dos pobres impressores, que têm de pôr os livros em linotipo, pois deve ser uma coisa realmente horrível ter de preparar a impressão de um livro que você ache cacete ou que não lhe interesse em nada. Eu detestaria ser linotipista.

Sentado aqui em minha cadeira de rodas, estou vendo o nosso riozinho lá fora; há dois barcos cheios de gente maluca, remando como se fossem Peles-Vermelhas indo para

a guerra. O tempo está bem frio e o nosso rio é bem perigoso. Ele está bastante assoreado e há — para o tamanho do rio — imensos bancos de areia que canalizam a água por um espaço estreito e assim aumentam a sua velocidade e fazem remoinhos. Lemos sempre que alguém se afogou ou foi pescado da água, mas assim mesmo as pessoas continuam a entrar no rio em câmaras de ar usadas ou qualquer coisa que desencavem. Ah, imagino que seja bom para as Agências Funerárias!

Agora, aqui tenho outra pergunta que já respondi, mas vou tornar a respondê-la, de modo possivelmente diferente, para que alguém possa ver a questão de outro ângulo. A pergunta é a seguinte: “O que significa a declaração: ‘Quando o discípulo estiver preparado, o Mestre aparece?’”

Muita gente acha que sabe tudo, acha que basta associar e bandos de Mestres surgem ofegantes de ansiedade, para ensinar a uma pessoa tão esperta. Mas não é nada assim.

Conhecem essas chaleiras que a gente põe no gás ou na eletricidade e, quando a água ferve, soltam um apito tremendo? Bom, as pessoas são assim. Quando suas vibrações alcançam um certo ponto, isto é, quando estão “prontas”, um Mestre em algum lugar, ou na Terra ou na astral, é capaz de perceber uma vibração que diz, metaforicamente, é claro: “Oi, patrão, estou pronto, venha ensinar-me tudo o que souber!” Assim, depois de o Mestre se espreguiçar bem e se coçar, pode levantar-se e aparecer para ajudar. Mas, quase sempre, a pessoa que pensa ser um discípulo tão brilhante que está pronta... bom, é ela que não está pronta mesmo e, por mais que apitem ou soltem vapor, até que suas vibrações atinjam o ponto ou frequência certos, não aparecerá Mestre algum. Assim, se não aparecer um Mestre, é uma prova positiva de que você não está preparado.

Quem é esta? Ester A. Moray. OK, Ester Moray, eis a sua segunda pergunta: “De que modo carma racial afeta um indivíduo?”

Antes de a pessoa reencarnar na Terra, dirige-se ao que podemos um tanto humoristicamente considerar “um agente de viagens no astral”. Na verdade, é um Conselho de Orientadores. Mas a pessoa que vai voltar à Terra sabe do que tem de ser feito, para onde tem de ir e quais devem ser as circunstâncias para se fazer aquele trabalho ou aquela

lição determinada. Portanto, uma das coisas a serem feitas é levar em conta o carma básico da raça a que se chega. A pessoa chega a uma raça cujo carma é próprio para aumentar as suas oportunidades de executar a tarefa atribuída. Fora isso, o carma de raça não afeta a pessoa, pois tem mais a ver com o Manu da raça.

Pois bem, Ester Moray tem outra pergunta aqui. Parece ser uma boa moça; portanto, vamos dar-lhe mais alguns minutos, não ? Sua terceira pergunta é: “O que pode um indivíduo fazer para reencarnar com a mesma família que tem agora, ou isso não é possível?”

Estive lhes contando como as coisas são planejadas. Portanto, se for necessário que as pessoas se juntem em uma outra vida, elas se reunirão em outra vida; são tomadas providências para esse fim específico. Podem estar lembrados do caso da menina da Índia; ela morreu criança, e depois voltou como criança, para um família que morava a apenas alguns quilômetros de distância, e ela falava sempre sobre sua outra família. Houve indagações e, por fim, as duas famílias se conheceram e a menina reencarnada pôde provar que tinha reencarnado. Este é um caso autenticado, sem qualquer dúvida possível.

Agora, temos uma pergunta interessante: “As sereias, femininas e masculinas, foram realmente uma raça de gente? Nesse caso, qual o seu intelecto e o que lhes aconteceu?”

Para dizer a verdade, tudo quanto a pessoa média sabe a respeito de sereias remonta aos tempos da Atlântida. Ora, a Atlântida era um lugar muito mais bem dotado do que esta civilização atual.

As pessoas podiam ser feitas, bolos de protoplasma podiam ser moldados numa forma mais ou menos humana, para serem usados como empregados — não escravos. E isso acontecia porque eram gente de mentalidade inferior; eram, de fato, “feitas” para o propósito de servir aos seus senhores e senhoras.

Teoricamente, hoje, é possível aumentar a mentalidade de um cão, um cavalo ou coisa parecida, irradiando-lhes certos raios especiais e alimentando-os com produtos químicos também especiais. Desse modo, as voltagens do cérebro podem ser alteradas e assim aumentar-se o fator inteligência. Não há motivo, por exemplo, por que os macacos não devam ser alterados por produtos químicos, para que sua mentalidade seja muito aumentada e eles se tornem, de

fato, uma espécie de empregado para as pessoas. Sei que, há bem pouco tempo, no desfile de Calgary Stampede, havia todo tipo de coisas desfilando pelas ruas da cidade, entre cles um macaco montado num cavalo — e ele estava vestido. Tirava o chapéu para os espectadores e comportava-se tal e qual os seres humanos- em volta dele. A não ser pela aparência, não se notava diferença alguma, quanto ao comportamento. E aquele macaco velho ganhou um bocado de aplausos. Mas, depois, os aplausos devem ter perturbado o seu controle, pois saltou do cavalo e foi para cima dos espectadores, fazendo-lhes muitas demonstrações de carinho. E parece que foi bem difícil fazê-lo montar no cavalo de novo!

“O senhor menciona que, no mundo astral, podemos ter famílias. Nós as largamos por algum tempo, para comparecer às aulas na Terra, e voltamos para elas quando terminam essas aulas?”

Sim, é bem possível. Pode-se dizer que passamos 24 horas por dia na Terra, por certo; mas são horas da Terra e o tempo no mundo astral é totalmente diverso deste nosso. Aliás, em alguns dos livros hindus, há histórias de pessoas que partem da Terra e passam algum tempo no astral; depois, ao voltarem para a Terra, verificam que se passaram 1000 anos do tempo terreno. Portanto, é perfeitamente possível uma pessoa vir à Terra e fazer uma porção de coisas durante o dia; mas a pessoa tem de dormir e, durante o sono, os corpos astrais voltam ao mundo astral, QUER AS PESSOAS SE LEMBREM DISSO OU NÃO, e o tempo que ela passa no mundo astral com suas famílias pode ser, talvez, o dobro do que passa na Terra, durante o dia. Tudo é uma questão de diferença de tempo.

A próxima pergunta me faz pensar se alguma pobre alma terá sido educada duramente, senão vejamos: “Se uma criança for empurrada para a universidade, nesta vida, por um pai rigoroso, isso forçosamente a ajudaria em suas vidas sucessivas?”

Oh, meu Deus, sinto muito ter de decepcioná-lo, mas a resposta é: “Sim”. Tudo o que aprendemos, tudo o que experimentamos vale a pena, e é guardado. Ora, uma maneira melhor de explicar talvez fosse dizer que, quando passamos ao outro lado, levamos todo o bem que aprendemos na Terra, deixando todo o mal (resíduos) para trás. É como se você estivesse fundindo um metal — o ouro,

por exemplo, ou a prata. Bom, você funde o negócio e depois se forma uma espuma em cima (porque o ouro ou a prata são mais pesados do que a espuma; forma-se como uma massa suja que é tirada, deixando o ouro — ou a prata — para ser despejado nos lingotes. Pois bem, nós estamos mais ou menos no mesmo estado. Tudo que aprendemos, que seja útil para o Superego e para o nosso desenvolvimento, é conservado. O mal é descartado, como uma má recordação.

As pessoas estão interessadas no astral, não estão? Então, eis mais sobre o astral. É a seguinte: “Se eu pudesse viajar no astral conscientemente e minha mulher não o conseguisse, embora tentando: 1) Poderia eu avaliar, do astral, o que é que ela estaria fazendo errado e ajudá-la a corrigir-se? 2) Seria errado ajudá-la nisso?

A resposta é que, naturalmente, você pode ir ao astral para ver se descobre qual é o problema e voltar para dizer-lhe. Mas posso lhe dizer desde já qual o problema; é apenas um questão de memória. Ela viaja no astral. Sabendo quem o senhor é (sem que eu tenha dito!), sei que sua esposa foi me ver no astral e o senhor também, e fez muito alarde disso! Mas a sua esposa está tentando demais, ou pode estar com um pouco do medo. Se ela, porém, levasse as coisas com calma e não fizesse tantos esforços, aí ela se lembraria das viagens astrais que empreendeu.

Aqui temos mais uma que realmente se relaciona com a Terra Oca: “Desde a publicação de seus livros, imagino que os Chineses tenham tentado encontrar as passagens na montanha e o rio subterrâneo. Como é que ele poderia continuar escondido, diante de uma busca tão intensiva?”

A resposta é: por meio de um magistral despistamento. Se você vir diante de si um muro liso e todos os seus testes, inclusive com o uso de detectores especiais etc., o convencem de que ele é sólido, então você se volta para outro lugar; e o muro é realmente muito bem protegido, pois, se descermos bastante, chegaremos a um dos postos avançados da Terra Oca. Você pergunta ainda sobre a idade aproximada dos túneis subterrâneos. Bom, eu diria' que teriam um milhão de anos, aproximadamente, pois foram feitos muito antes da Atlântida; foram construídos quando as pessoas foram “para baixo da terra” pela primeira vez, para o mundo interior. De passagem, devo lembrar-lhes que, embora muita gente morra de rir diante da idéia de uma Terra Oca, durante séculos e séculos as pessoas pensavam que a Terra fosse plana; se

alguém ousasse dizer que era redonda, teria sido considerado maluco. Se a Terra é redonda — perguntariam —, como é que podemos estar de pé sobre ela? E as pessoas do outro lado da Terra certamente haveriam de cair dela. Mas sabemos que não, não é? Sabemos que a Terra é redonda, e não plana. Alguns de nós também sabemos que a Terra é oca. Pensem nisso, sim?

Respeitável Senhor, andou misturando os fatos ou fez uma tolice ou então não leu os meus livros direito. O senhor pergunta: “Por que é que uma raça de gente do espaço longínquo há de querer colonizar as pessoas deste mundo, para produzir a Raça Morena?”

Bom, quem foi que disse que viria uma raça dó espaço? Pense só nisso: junte todos os povos brancos, os amarelos, os vermelhos, os negros, ou de qualquer outra cor ou tonalidade que descobrir; faça com que todos se casem entre si e veja o resultado. Qual seria a cor? Morena, claro. Assim, podemos ter a Raça Morena quando conseguirmos que todos os povos do mundo se miscigem, pois, nesse tempo, a cor não importará. Não importa no Brasil, atualmente. É um lugar, na face desta

Terra, em que o negro e o branco trabalham lado a lado, sem nem pensar em cor. Tenho uma simpatia muito grande pelo Brasil, porque está indo bem, e é um dos países do futuro. Será dos primeiros a produzirem cidadãos para a Raça Morena.

“Em *O Eremita* afirmava-se que os Jardineiros poriam alguém nesta Terra, a quem o Eremita contaria a sua história. Como é que o senhor foi colocado nesta Terra?”

Bom, era preciso escolher alguém, e a pessoa escolhida tinha de ter certas qualificações. Por exemplo, tinha de ser um indivíduo muito resistente, altamente telepático, altamente clarividente, ter boa memória, ter sua frequência ou comprimento de onda de certa ordem. Em outras palavras, tinha de estar constantemente em contato com um dos Grandes Mestres. Assim, o pobre coitado que satisfizes essas qualificações foi agarrado e colocado em tal situação que naturalmente se tornou o ouvinte da história, e declaro que essa história é verdadeira.

Uma declaração de Moffet Barco a Remo. Diz ele: “Li o livro *The Space Ships of Ezequiel*, por Josef F. Blumrich. Você sugeriu que eu lesse e achei-o muito interessante e bem escrito”. Portanto, estão vendo que Moffet Barco a Remo — agora sócio do Clube do Barco a Remo — sabe ouvir os

conselhos, agir segundo os conselhos e aproveitar os conselhos. E é um bom sujeito.

Temos aqui na pergunta de Wilhem Briceno. Tem 18 anos e mora na Venezuela. Sua primeira pergunta é: “Existe alguma parte do mundo em que seja atualmente praticada a religião original pregada por Cristo?”

Não, lamento dizer que não existe. Cristo desapareceu de cena e, durante muitos anos, deixaram abandonados os seus Ensinamentos. Mas, depois de vários anos, uma turma de pessoas resolveu iniciar alguma coisa que, achavam, lhes daria algum poder. Na verdade, os primeiros fundadores da Igreja Cristã, como era então, foram uma porção de cultistas; não ensinavam o que Cristo pregou, mas aquilo que lhes aumentava o poder. Por exemplo, a maioria da turma era homossexual, o que significa que morriam de medo à idéia de mulheres. Cristo nunca ensinou que as mulheres são impuras. Olhem, estou certo de que Cristo não teria gostado daquela pessoa do Women’s lib que me escreve. Mas Cristo ensinou que as mulheres têm direitos, assim como os homens têm direitos. Os fundadores da Igreja no ano 60, porém, não queriam que as mulheres tivessem qualquer poder; por isso, ensinavam que as mulheres não tinham alma, que eram impuras (algumas são, por causa da quantidade de coisas que põem no rosto!). Mas, respondendo a essa pergunta, não, não há lugar algum nesta Terra em que se siga o Ensino original de Cristo.

Existe atualmente a versão original da Bíblia? Na hipótese negativa, o que se pode fazer para permitir que o Cristianismo seja ensinado como originariamente se pretendia que fosse?”

Bom, se pudéssemos encontrar a versão original da Bíblia, ainda assim não poderíamos voltar ao Cristianismo básico, pois a Bíblia é apenas uma coleção de livros que consistem de “o Evangelho segundo...” e, como estive dizendo, não é necessariamente o Ensino de Cristo. A maioria das pessoas no tempo de Cristo não sabia escrever, de qualquer forma.

“Se os animais são todos tão inteligentes, por que é que não constroem templos e casas, e por que não deixam cultura na História?”

E tem certeza de que não o fazem? Entenda: o fato de construir um templo ou uma igreja não quer dizer que a pessoa seja civilizada ou inteligente. Tenho na minha frente, neste momento, uma que é uma monstruosidade de

concreto, a forma de uma tenda indígena, isto é, uma barraca com três imitações de varas emergindo do telhado. É uma igreja, sim, mas em forma de uma tenda de índios, que, de todo modo, não eram Cristãos. Portanto, onde está o simbolismo disso?

Sei positivamente que os animais são inteligentes, mas sua inteligência assume uma forma muito diferente da dos humanos. Os humanos parecem querer construir grandes cidades e edifícios, para que outros humanos possam vir atirar-lhes bombas. Não compreendo as pessoas que acham que os seres humanos são os Senhores da Criação. Não são, não. Neste mundo determinado, reconhecemos, eles dominam pela força, 'mas sabiam que somente os seres humanos e as aranhas cometem o estupro? Nenhum outro animal o faz.

Vocês falam em construir coisas, e que tal as abelhas, e as formigas? Elas têm civilizações muito extraordinárias. As formigas possuem fortalezas, um exército muito eficiente, varredores — varredores de ruas —, ama-secas e tudo o mais; têm até suas “vacas leiteiras”, que são os pulgões.

Os animais estão aqui para o seu fim específico e para a sua evolução determinada, e sei, por meus próprios intensivos, eles podem ser altamente inteligentes, alguns até mais do que os humanos. Digo isso com pleno senso de responsabilidade e, a não ser que vocês sejam telepáticos e clarividentes, como eu, não poderão me contradizer com veracidade, pois seriam como uma pessoa cega de nascença, dizendo que não existem cores como o vermelho, verde, amarelo etc. A não ser que tenham as mesmas capacidades que eu, não podem discutir aquilo que minhas capacidades superiores me permitem saber.

Do mesmo modo, que não me adianta discutir com vocês se me disserem que andar ou caminhar sobre tal e tal superfície é uma sensação muito agradável, pois não posso fazê-lo. Eu não saberia dizer. Conheço os meus assuntos.

Rosemary — é o único nome que tenho aqui — escreve, dizendo: “No seu próximo livro, seria possível tratar um pouco das causas da dupla personalidade? Tenho dupla personalidade, entende? Isso significa que tenho muita dificuldade em acompanhar o Caminho Médio? Tenho a tendência de ir para os extremos”.

Não Rosemary, isso não significa que você seja diferente dos outros. Significa que você veio para cá a fim de vencer

certos defeitos e, para que você possa ver como é, veio com dupla personalidade. Suponho que, numa vida anterior, talvez mesmo em sua última, você não se desse bem com as pessoas, e alguém tenha dito que você não se dava bem comibo. Assim, de fato, você disse: “Está bem, voltarei à Terra com uma dupla personalidade, e verão como me sairei bem!”

Uma dupla personalidade significa apenas que você tem uma constituição astrológica que a leva a ver os dois lados da moeda ao mesmo tempo, o que é uma proeza, mas isso não significa que você seja melhor nem pior do que os outros.

Poderia até significar que se pretendia que você fosse gêmeos idênticos, em que um ovo se divide; por algum motivo, porém, o ovo não se dividiu e, nesse caso, cria-se uma forma de entidade dupla dentro de um corpo. Não importa, Rosemary; vou lhe dizer aqui mesmo que você está se dando muito, e que não há motivo algum para se preocupar. Portanto, não se preocupe!

Acho que temos tempo ainda para mais uma pergunta importante, e esta é do Sr. Howard G. Marsh. Há muita gente de Idaho que me escreve. Muito bem, eis a pergunta do Sr. Marsh: “O senhor menciona, em um de seus livros, que a pessoa tem de voltar à Terra, para cada signo do Zodíaco. Isso daria 12 vezes, se ela aprendesse bem a lição. Estou certo?”

Sr. Marsh, devo dizer-lhe que o senhor não está certo! A pessoa tem de voltar e viver em todos os signos do Zodíaco, bem como em todos os quadrantes (30 graus) de todos os signos do Zodíaco; e tem de continuar até realizar a sua tarefa COM ÊXITO, em todos os signos e quadrantes desse Zodíaco. Assim, se ele aprender devagar, pode voltar à Terra 1000 vezes ou 2000 vezes, o que torna tudo meio monótono, não é?

A fita está girando, o dia terminando. Em breve, virá o sol poente. As páginas deste livro estão aumentando e as palavras de seu total excedem o que se considera necessário para este livro. Diante de mim, tenho perguntas... perguntas... perguntas... pilhas de perguntas, perguntas suficientes para muitos outros livros futuros. E — quem sabe? — pode ser que eu ainda escreva outro livro; ainda há vida no velho. Ainda consigo me contorcer um pouco, ainda consigo apertar o botão do gravador. Portanto, se quiserem mais um livro, já sabem como consegui-lo: basta escrever ao meu editor, dizendo que querem mais um livro de Lobsang

Rampa.

Por enquanto, pois, vou me despedir de vocês e, assim, concluir este livro, *Sol Poente*.